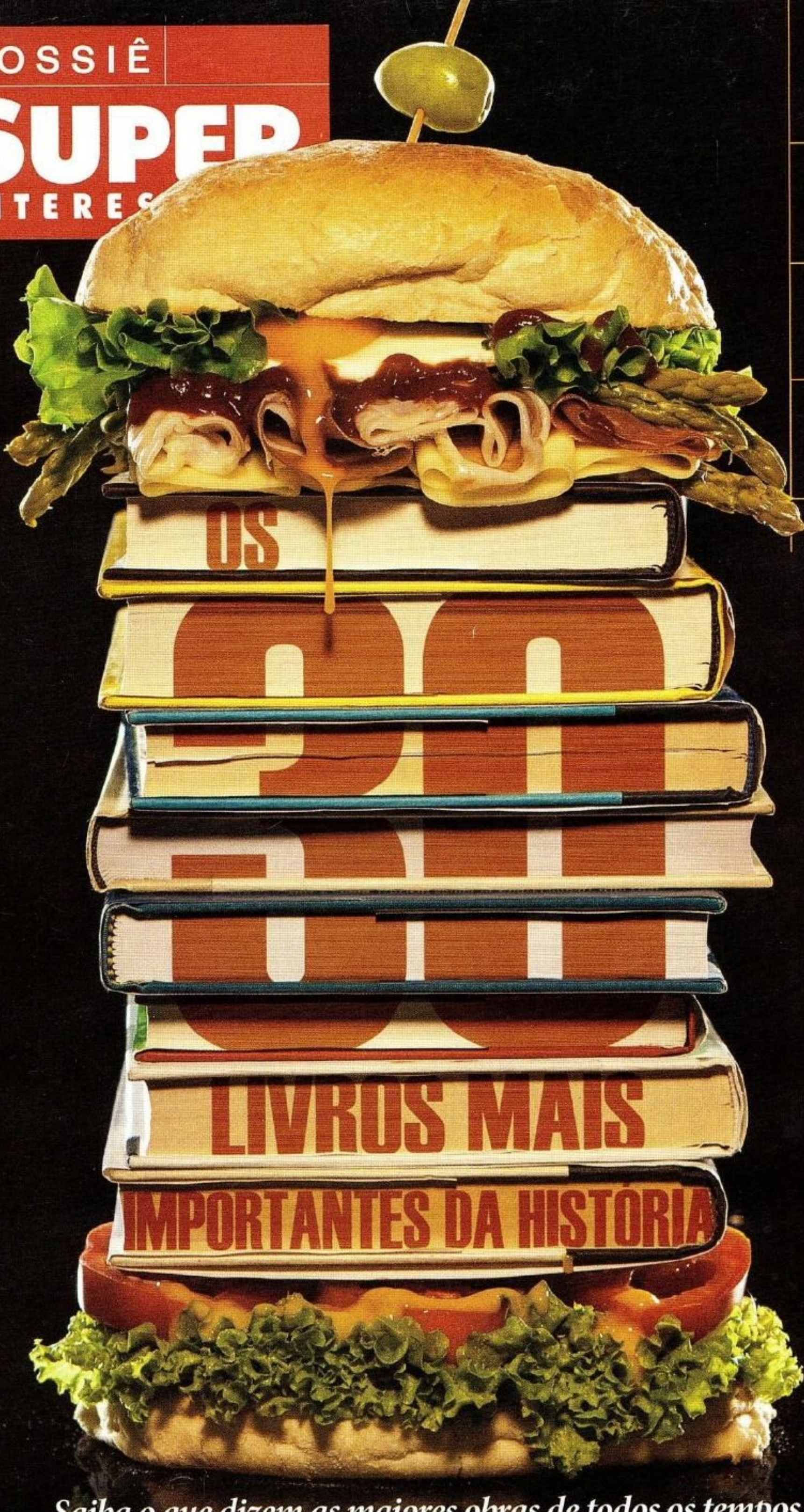
EDIÇÃO 344-A · MARÇO/2015
ISBN 978-85-7971-721-5

R$ 14,00

# DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE




PLATÃO
ARISTÓTELES
MAQUIAVEL
SHAKESPEARE

NIETZSCHE
DESCARTES
FREUD
KARL MARX

DOSTOIÉVSKI
J.D. SALINGER
ORWELL
KAFKA

KANT
DARWIN
EINSTEIN
STEPHEN HAWKING

E MAIS 14 GÊNIOS

*Saiba o que dizem as maiores obras de todos os tempos - e como elas podem alimentar a sua cabeça.*

Abril

Rogério Castelo - 09/04/2015

# OS 30 LIVROS MAIS IMPORTANTES DA HISTORIA

## CARTA AO LEITOR

*Nunca tantos livros foram publicados por ano. E, com e-readers e compras online, temos uma combinação rara de grande oferta de títulos com enorme facilidade de acesso. Se você sempre quis ler um livro em particular, esta é a melhor época na história da humanidade para encontrá-lo.*

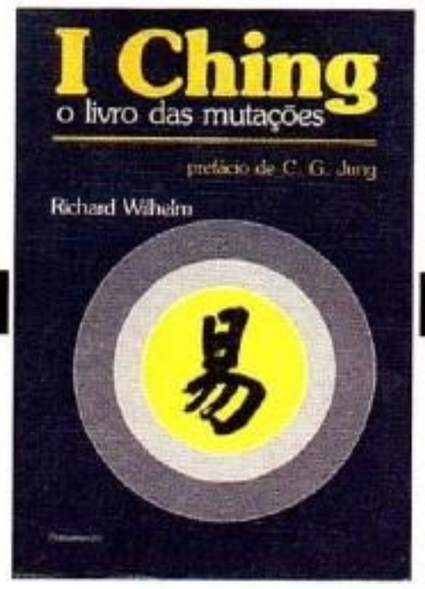
*O desafio virou outro: descobrir tempo para ler tudo o que se deseja. Se você tem esse problema, esta revista foi feita para você. Sabemos como você se sente. Incentivar a leitura era o nosso primeiro objetivo com essa seleção. Mas havia uma segunda meta igualmente importante: explicar o que há de tão universal nessas obras para um público que talvez nunca encontre tempo para explorá-las. Esperamos que, daqui para frente, você tenha munição numa conversa de bar para discutir por que* O Capital *segue atual ou por que* Romeu e Julieta *é tão apaixonante. Se você um dia se animar a abrir* A Divina Comédia, *garantimos uma jornada alucinante. Mas, se você preferir terminar a última temporada de* Game of Thrones, *não se sinta culpado: pelo menos você já terá entendido como Dante fundou o Renascimento. Ótimo, você avançou uma casa.*

*Alguns dos 30 livros que escolhemos são realmente desafiadores. Mas foi de propósito, nossa ambição é alta: construímos essa lista com a esperança de deixar você mais sábio, mais feliz e mais curioso sobre a humanidade e sobre o Universo. Vamos começar essa jornada? Estamos aqui para ajudá-lo. Boas leituras.*

ALEXANDRE DE SANTI / EDITOR

# LINHA DO TEMPO

**Em ordem cronológica, a evolução do pensamento humano.**




**3000 a.C.**

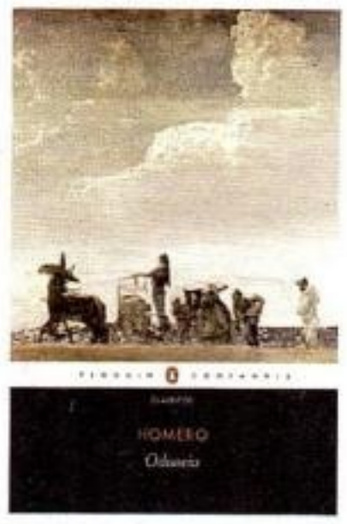
### I CHING

Primeiro livro da história, organizou o misticismo oriental.
*p.10*

**A partir de 1000 a.C.**

### BÍBLIA

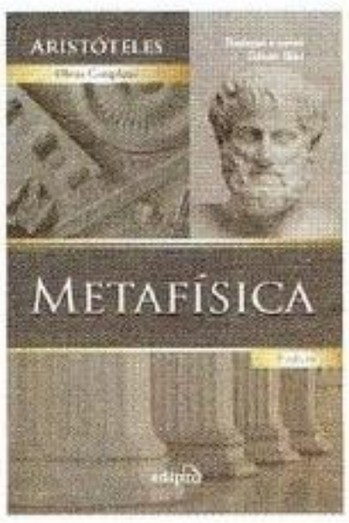
Compilou tudo o que se sabia sobre o mundo até então.
*p.12*

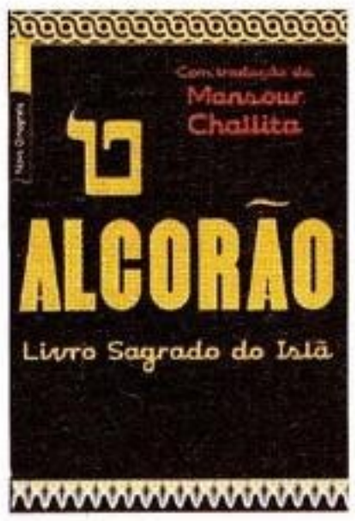



**Fim do século 8 a.C.**

### ODISSEIA

Relatou a aventura de desbravar o planeta no início das trocas culturais.
*p.14*



**380 a.C.**

## A REPÚBLICA

Ícone de um dos períodos mais ricos da Antiguidade.
*p.20*

**350 a.C.**

## METAFÍSICA

Fundou a lógica, sofisticando o pensamento com o primeiro livro técnico.
*p.22*

**610**

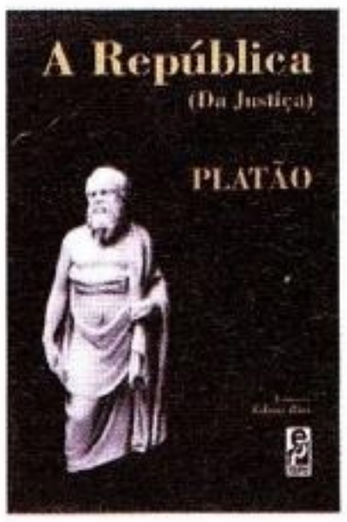
## CORÃO

Uniu os povos árabes.
*p.16*

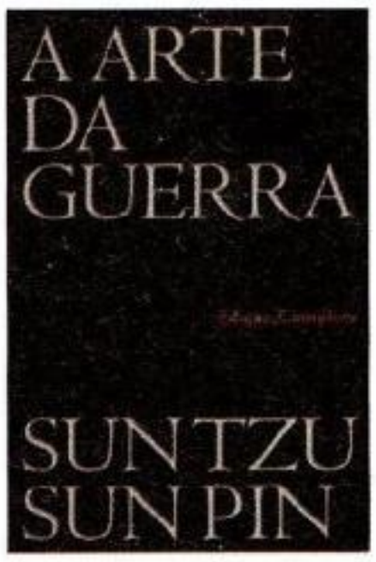
**1308 - 1321**

## A DIVINA COMÉDIA

Fundou o humanismo.
*p.24*




**+- 500 a.C.**




## A ARTE DA GUERRA

Sun Tzu organizou os combates quando conquistar era preciso.
*p.15*

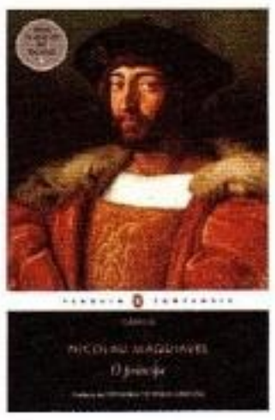
©Divulgação

CAPÍTULO 1
### Atemporais
Livros escritos coletivamente para dar sentido à ânsia comum de entender o Universo.
*p.9*

CAPÍTULO 2
### Bases do Pensamento
Os mestres que entenderam o potencial e os limites da nossa capacidade de reflexão.
*p.19*

CAPÍTULO 3
### Fundamentos da Ciência
As histórias das ideias que explicam como as coisas funcionam.
*p.33*

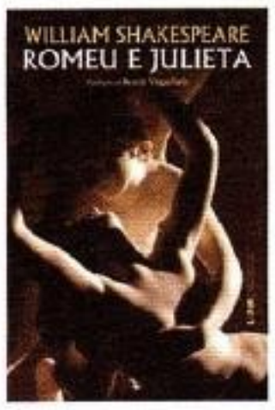
CAPÍTULO 4
### O espírito humano
As angústias, contradições e anseios que fermentam nos porões da mente.
*p.47*



1532

## O PRÍNCIPE

Sintetizou o caminho para um governante se manter no poder numa Europa fragmentada e violenta.
*p.26*




1597

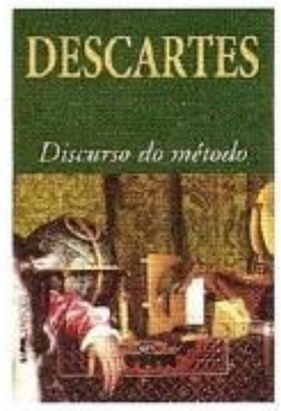
## ROMEU E JULIETA

Shakespeare reinventou a tragédia após um grande período de religiosidade.
*p.48*

1605

## DOM QUIXOTE

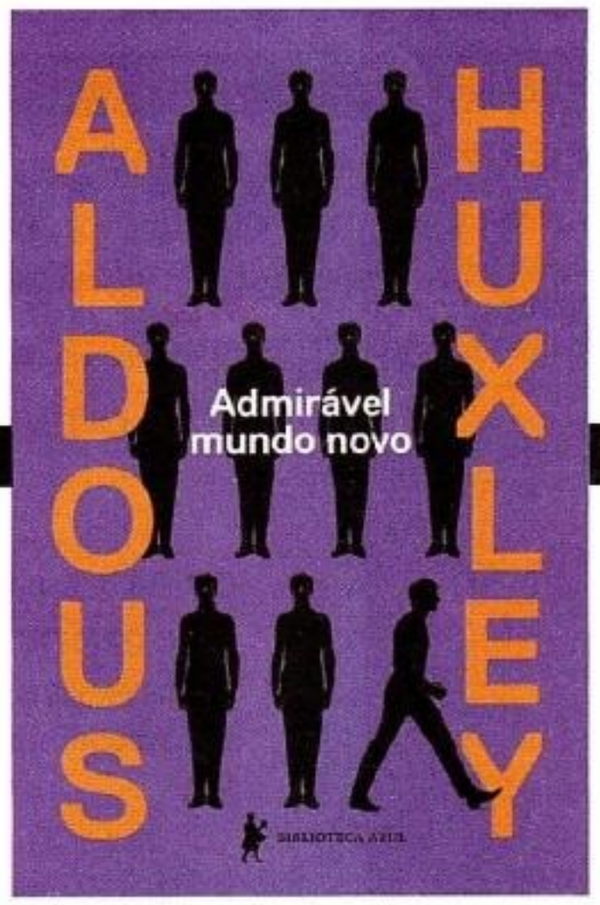
Considerado o primeiro romance do mundo.
*p.50*




1637

## DISCURSO SOBRE O MÉTODO

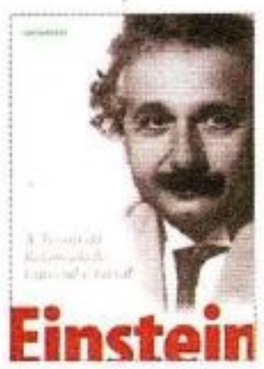
Permitiu o avanço da ciência.
*p.34*




1932

## ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

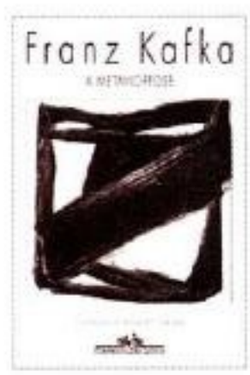
Criticou a felicidade baseada no consumo.
*p.59*




1916

## A TEORIA DA RELATIVIDADE ESPECIAL E GERAL

O Universo se desvendou em macro e micro detalhes.
*p.38*




1912

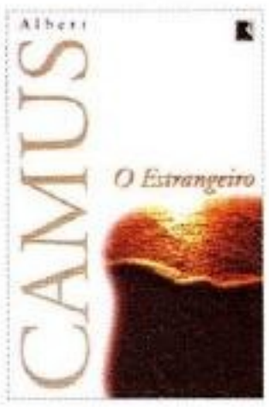
## A METAMORFOSE

Mostrou os estragos de um sistema que desumaniza o indivíduo por meio do trabalho excessivo.
*p.58*

1936

## TEORIA GERAL DO EMPREGO, DO JURO E DA MOEDA

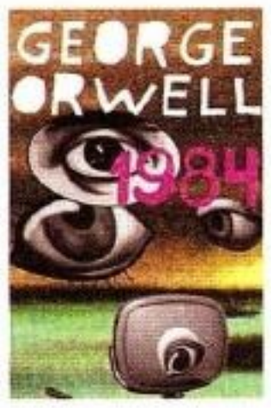
Permitiu que as economias prosperassem em um século cheio de crises e guerras.
*p.40*




1942

## O ESTRANGEIRO

Mostrou o quão absurda é a falta de sentido na vida.
*p.62*




1948

## 1984

Alertou para os perigos de uma dominação crescente das instituições sobre o homem.
*p.60*

1950

## EU, ROBÔ

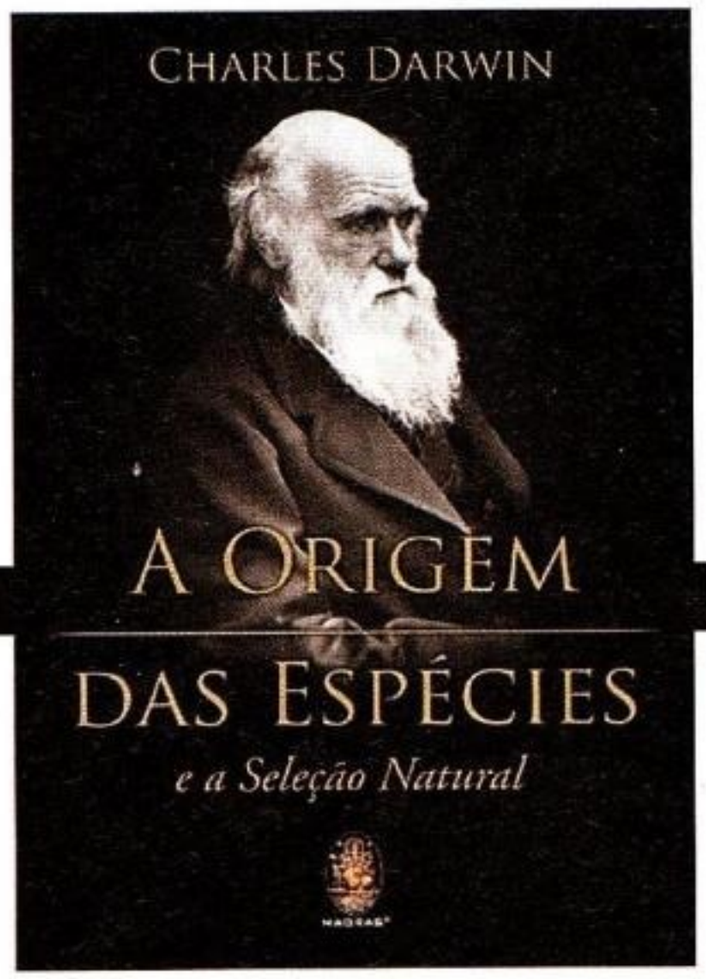
Antecipou os dilemas de uma tecnologia cada vez mais presente.
*p.42*

1781

## CRÍTICA DA RAZÃO PURA

Em época de avanços científicos, mostrou que a razão tem limites.

*p.28*




1859

## A ORIGEM DAS ESPÉCIES

Deu uma nova explicação para a natureza.

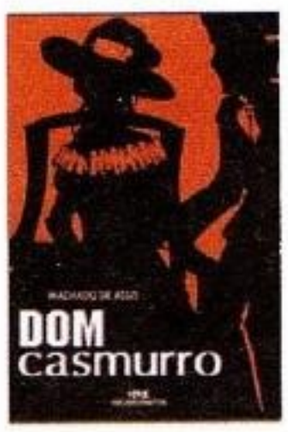
*p.36*

1866

## CRIME E CASTIGO

Colocou a ficção para debater dilemas éticos e filosóficos.

*p.52*

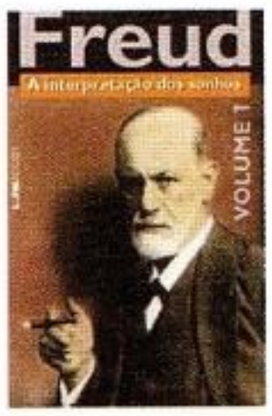



1900

## DOM CASMURRO

Deu densidade psicológica em tempos de romances água com açúcar.

*p.54*

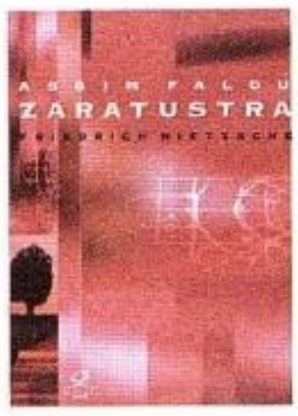



1900

## A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Abriu as janelas do inconsciente e pautou a ciência do século 20.

*p.56*

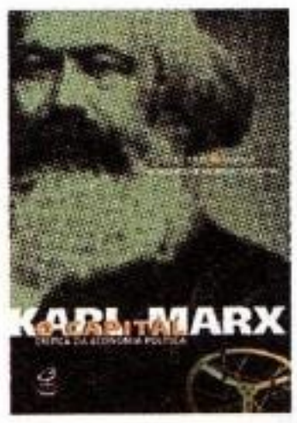



1892

## ASSIM FALOU ZARATUSTRA

Dinamitou os valores morais e institucionais vigentes numa época em que os Estados ganhavam força.

*p.31*




1867

## O CAPITAL

Expôs as contradições e crueldades do boom econômico pós Revolução Industrial.

*p.30*

1951

## O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO

Deu vazão à adolescência quando ainda pulávamos da infância direto para a fase adulta.

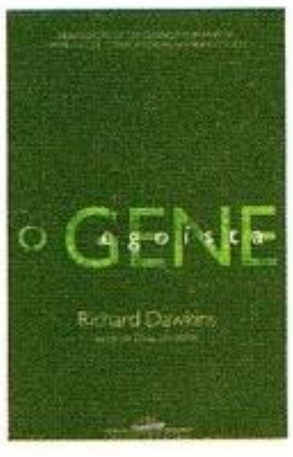
*p.63*

1967

## CEM ANOS DE SOLIDÃO

Mostrou como ignoramos os absurdos dos nossos tempos.

*p.64*

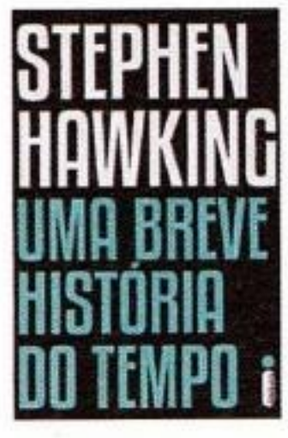



1976

## O GENE EGOÍSTA

Colocou o homem no seu lugar, de volta à natureza.

*p.43*




1988

## UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO

Compilou tudo o que sabemos sobre tudo o que aconteceu.

*p.44*

“

”

CAPÍTULO 1

# Atemporais

O mundo como o conhecemos hoje foi moldado por crenças, curiosidade, dinheiro e guerras, muitas guerras. Mas uma força ainda mais primitiva parece guiar todos esses interesses: o desejo de transcendência. Não sabemos se existe uma outra vida depois desta, e, ao longo da história, muitos humanos guiaram as suas decisões com base nessa dúvida. Fosse cometendo sacrifícios para agradar aos deuses e se tornar apto a ingressar no reino dos céus, fosse tentando superar os próprios defeitos ou inimigos para deixar um legado em vida. Todos os livros a seguir sobreviveram a pelo menos um milênio ensinando formas diferentes de superação. São lições de ética, de amor ao próximo, de espiritualidade, de aprimoramento, de persistência, de estratégia. Foram páginas escritas com a ajuda de múltiplos autores. Essa seria apenas uma mera curiosidade se não fosse a constatação de que essas obras sobreviveram aos séculos justamente pelas mensagens universais, presentes em raízes do Oriente ao Ocidente passando por tudo que está no meio disso – palavras compiladas através dos séculos rumo ao aperfeiçoamento do homem.

# A CRIAÇÃO DA AUTOAJUDA

LIVRO I CHING - LIVRO DAS MUTAÇÕES
AUTORES FU HSI, REI WÊN, DUQUE DE CHOU E CONFÚCIO
ANO CERCA DE 3000 A.C.
POR QUE LER? Livro mais antigo do mundo, ensina valores como a paciência e a necessidade de estar com o coração aberto para receber a verdade.

ESTAMOS EM MEADOS DO SÉCULO 29 A.C., QUASE 3 MIL ANOS ANTES DE CRISTO – OU 5 MIL ANOS ATRÁS. CERTO DIA, CAMINHANDO ÀS MARGENS DO RIO AMARELO, NO NORTE DA CHINA, FU HSI DEU DE CARA COM UMA criatura intrigante. Emergido das turbulentas águas douradas do rio e repousando em uma das margens, ela tinha corpo de dragão e cabeça de cavalo. O que mais chamou a atenção do primeiro imperador chinês, no entanto, não foi a aparência exótica daquele ser enigmático, mas os oito símbolos geométricos estampados em suas costas. Cada imagem era composta por séries de três linhas – algumas inteiras, outras partidas.

Ao olhar o esquisito bicho, Hsi recebeu uma iluminação divina: aqueles signos representavam nada menos do que a explicação de todos os segredos do Universo. O soberano decorou a sequência de símbolos e sacramentou: quem estudasse os trigramas (como eram chamados os rabiscos) ganharia o conhecimento sobre qualquer coisa. Nascia o mais antigo livro da humanidade, o *I*.

Fantasia ou não, o fato é que a origem da obra está ligada ao legado de Fu Hsi. Reza a lenda que o imperador (também conhecido como Fu Xi) teria inventado a nação chinesa, a escrita, a pesca, a caça, a costura e até o casamento. Exagero dos biógrafos?

> “O DESTINO DOS HOMENS SEGUE LEIS IMUTÁVEIS QUE TÊM DE SER CUMPRIDAS. MAS O HOMEM TEM O PODER DE MOLDAR SEU DESTINO, NA MEDIDA EM QUE SUA CONDUTA O EXPÕE À INFLUÊNCIA DE FORÇAS BENÉFICAS OU DESTRUTIVAS.

Provável. Mas uma coisa é clara: ele não foi o único autor do livro. Assim como aconteceu com a Bíblia, a obra passou de mão em mão até chegar à versão final. Fu Hsi, o autor pioneiro, combinou os trigramas, criando 64 símbolos compostos por seis linhas – os hexagramas, também chamados de Kua. Até então, o livro tinha apenas imagens, além de ser chamado apenas de *I* – ideograma que designa o sentido de mutação. Afinal, para a sabedoria chinesa, tudo é mutável, exceto a própria mutação.

Cabia aos hexagramas organizar a busca pelo autoconhecimento do leitor, uma investigação que turbina as vendas do setor de autoajuda até hoje. Para fazer a leitura das imagens, os iniciados na obra (desde plebeus até soldados e imperadores) seguiam um complicado ritual – algo como jogar búzios à moda chinesa. Primeiro, reuniam 50 caules de milefólio, uma pequena e tradicional flor do país. Depois, pensavam numa pergunta, chacoalhavam os caules e os lançavam sobre uma mesa. Pronto: a posição das varetas originaria uma sequência numérica que apontava para um dos 64 hexagramas. Nele, estaria a resposta. Nada muito diferente do que faziam as pitonisas da Grécia Antiga e xamãs.

Em sua forma original, o *I* não passava de um amontoado de imagens – passíveis de diferentes tipos de interpretação. A organização da visão de Fu Hsi em forma de livro só foi acontecer durante a dinastia Chou, em 1150 a.C., dois milênios depois. Os 64 símbolos ganharam comentários escritos pelo rei Wên ao longo dos sete anos em que esteve preso numa masmorra por tentar dar um golpe na monarquia – tentou de novo assim que saiu do cárcere e conseguiu assumir o trono. São conselhos curtinhos reunidos no capítulo *Julgamento*. O texto do hexagrama 4, por exemplo, diz: “Se você é sincero, terá luz e sucesso”. Exatamente como as “pílulas de sabedoria” que encontramos nas prateleiras de autoajuda, biscoitos da sorte e no Facebook – com a diferença que são os conselhos originais.

Após a morte do rei-autor, seu filho, o duque de Chou, deu andamento ao trabalho do pai e escreveu o capítulo *Linhas*, a parte mais incompreensível do livro – com quês de psicodelismo. Tente entender o hexagrama 38: “A raposa espia: ela vê porcos enlameados se aproximando e uma carroça cheia de fantasmas”. Nada, porém, que diminuísse a aura da obra. Pelo contrário. Com os acréscimos do rei Wên e do duque de Chou, o *I* teve vida longa, chegando até mesmo a orientar diretrizes de governo – como se fosse uma espécie de Constituição.

Muito tempo depois, por volta de 500 a.C., um homem conhecido como Kung Fu Tsé – ou melhor, Confúcio – resolveu dar seus pitacos na obra. Além de redigir o capítulo *Dez Asas*, o maior sábio chinês acrescentou a expressão *ching* ao que até então era apenas *I*. Por *ching*, entende-se algo como “o clássico”. Agora, sim, o *Livro das Mutações* tinha início, meio e fim. E nome completo. Mas sua história estava longe de acabar. Tanto é que no século 20 um famoso psicanalista encontrou no *I Ching* uma infinidade de pontos enigmáticos e acabou considerando-o um conjunto de “fórmulas mágicas” conduzidas por “agentes espirituais”. “Esses poderes constituem como que a alma viva do livro, que é, portanto, uma espécie de ser vivo, e a tradição supõe que se podem fazer perguntas ao *I Ching* e esperar receber respostas inteligentes”, afirma o autor do prefácio da versão lançada em 1949.

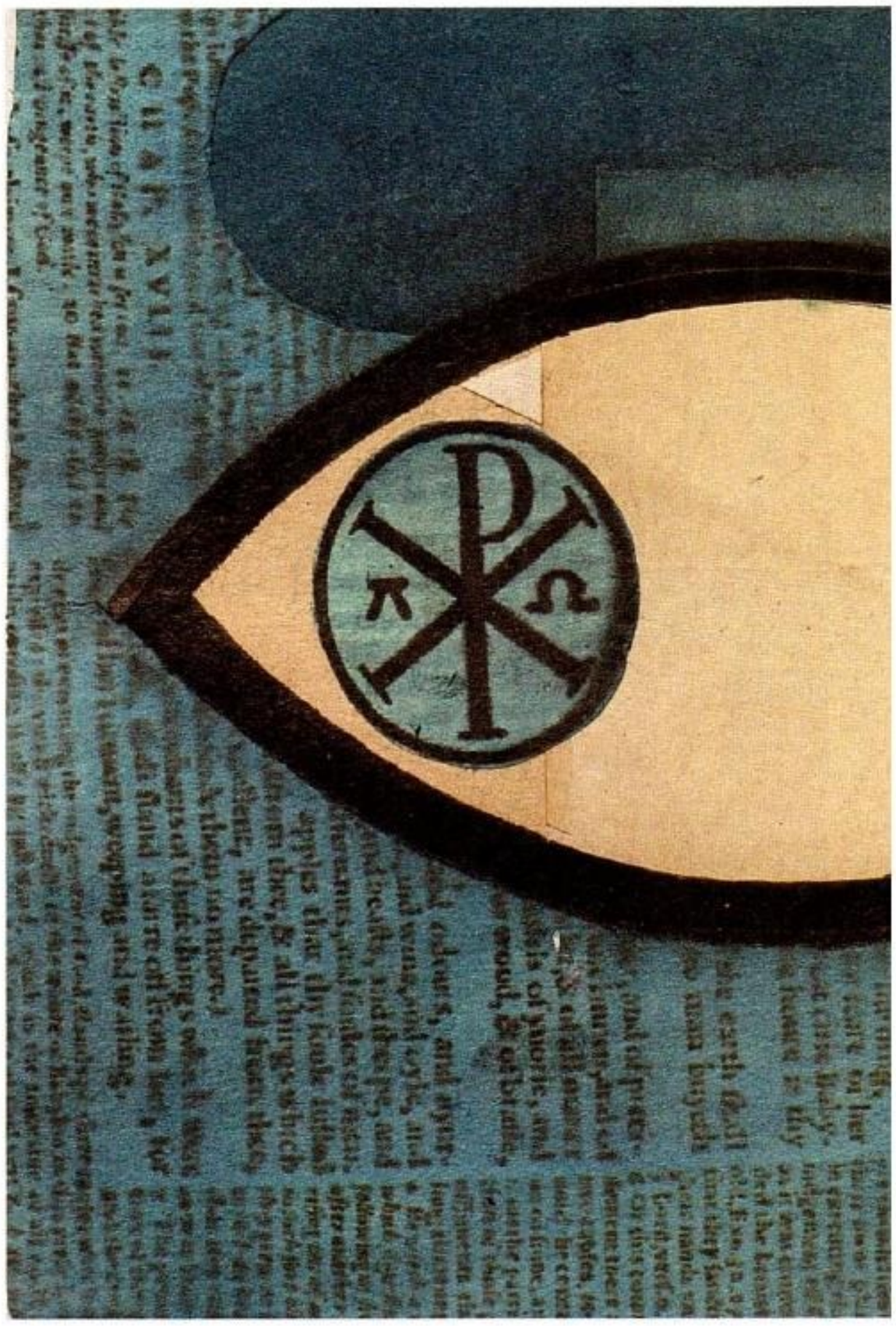
O nome dele? Carl Gustav Jung, o fundador da psicologia analítica. Alguém a quem o *yin* e o *yang* – o claro e o obscuro que simbolizam a dualidade da sabedoria chinesa – encantaram durante décadas a fio. Entre leituras e milefólios jogadas à mesa, Carl Jung foi apenas um entre os tantos que não apenas respeitaram o *I Ching* como o transformaram em base para o pensamento moderno.

Leia mais
**O HOMEM E SEUS SÍMBOLOS**
*Carl Jung*
*(1961)*

©Carlo Giovani

# A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS

**LIVRO** BÍBLIA
**AUTOR** VÁRIOS **ANO** A PARTIR DE 1000 A.C.
**POR QUE LER?** Compila séculos de histórias da Antiguidade sobre a origem do mundo e do homem.

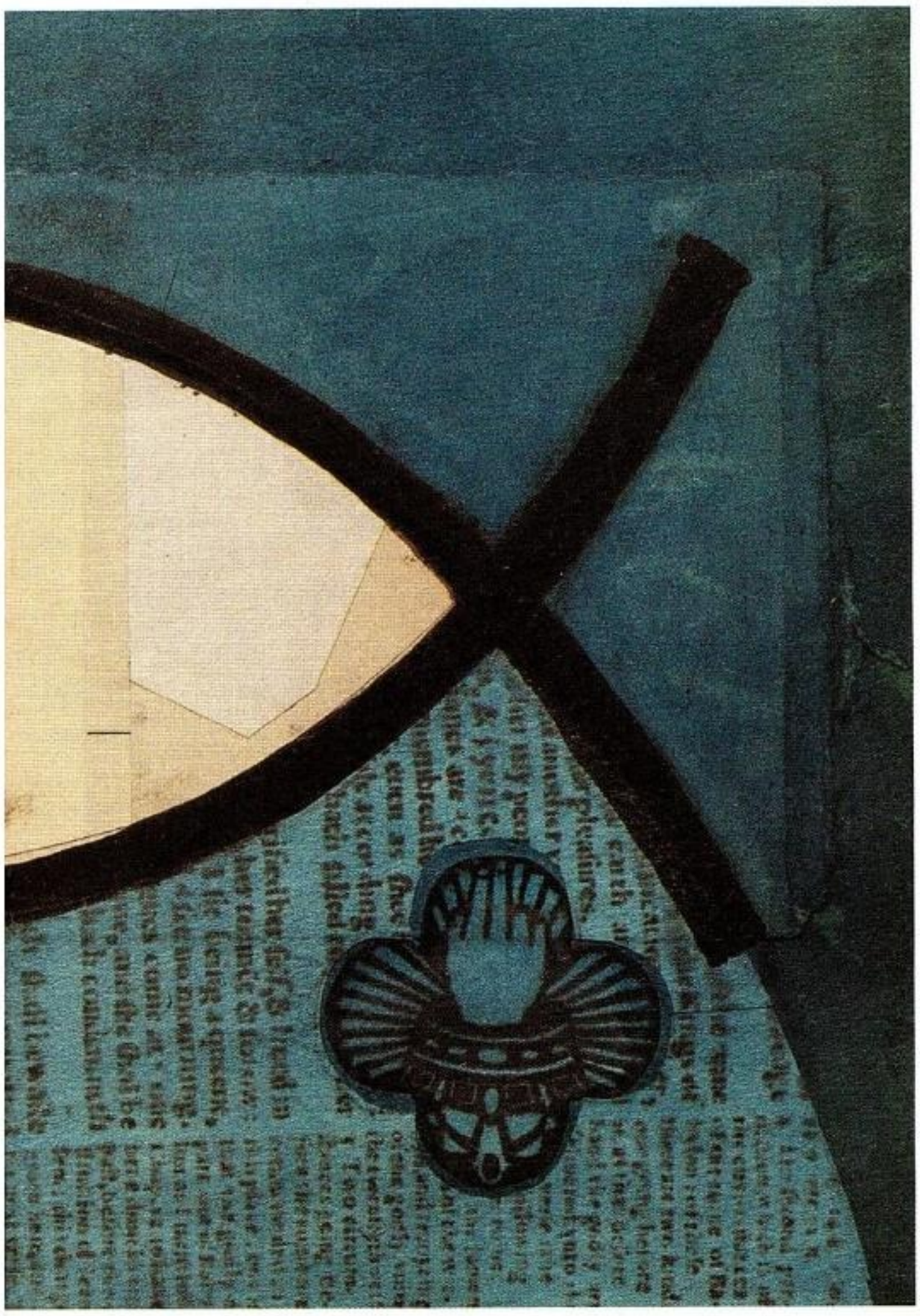


NO PRINCÍPIO, HAVIA UMA MAÇAROCA DE TEORIAS SOBRE A CRIAÇÃO DO CÉU E DA TERRA. O EGITO E A MESOPOTÂMIA, ONDE HOJE FICA O IRAQUE, ERAM OCUPADOS POR DIFERENTES tribos, cada uma com seus deuses. Quase todo o conhecimento acumulado até então ficava guardado na cabeça de políticos, religiosos e sábios que não tinham pudor de colocar uma coisinha aqui ou ali na história, conforme a necessidade. Ser o detentor das verdades divinas era uma forma de exercer poder.

Até que, por volta do ano 1000 a.C., os hebreus colocaram parte dessas histórias no papel – ou no pergaminho, no caso. Não era, ainda, a Bíblia como a conhecemos hoje. Era um esboço. As primeiras histórias falavam da origem do Universo. Muitas de suas passagens, porém, já eram velhas conhecidas dos mesopotâmicos. O mito de que Deus teria criado tudo sozinho, por exemplo, já estava presente também no *Enuma Elish*, um poema épico gravado pelos babilônios em cerca de 1600 a.C. em tabletes que narravam como o deus Marduque teria criado o Universo em seis partes, começando pela luz e terminando com a humanidade. No *Gênesis*, o livro de abertura da Bíblia, os hebreus contam praticamente a mesma história. O Deus bíblico teria criado o mundo em seis dias, e não em partes, e tudo também teria iniciado com a luz – quem nunca ouviu a frase "Faça-se a luz?" – e terminado com o nascimento dos homens.

E foi assim, aos poucos, com muitas cópias, adaptações, inversões e adulterações que nasceram as primeiras linhas da Bíblia. Criação do mundo, serpente no paraíso, o dilúvio e a Arca de Noé... Lendas antigas em alguns casos, mas, na versão dos hebreus, tudo foi atribuído a um único Deus superpoderoso – ao contrário da tradição mesopotâmica, cujas lendas colocavam os grandes feitos do Universo na conta de vários deuses. Uma mudança fundamental na narrativa: ao atribuir um só responsável para tudo, a origem do mundo ganhou coerência. Se uma tempestade arrasava a colheita, podia ser explicada pela vontade Dele. Assim como qualquer outra coisa. Mas há quem diga que até mesmo essa ideia foi copiada dos persas, que já eram monoteístas. Essa inspiração pode ter surgido no século 5 a.C., quando os hebreus, derrotados pelos babilônios e expulsos de Jerusalém, foram buscar abrigo justamente nas terras habitadas pelos persas.

A Bíblia não é exatamente um livro, mas sim uma compilação de livros (73 para católicos e 66 para protestantes, uma disputa que dura quatro séculos) – a palavra *bíblia* vem de uma expressão grega que significa "os livros sagrados". Os primeiros cinco tomos, *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio* (chamados também de *Pentateuco*), formam a *Torá*, as escrituras do judaísmo. Além de contar como o mundo começou e dizer como fiéis devem se comportar, os livros também descrevem a trajetória de Abraão, o homem que demonstrou fé inabalável em Deus e teve dois filhos fundamentais para a disseminação do monoteísmo: Issac, fundador do povo hebreu, e Ismael, que deu origem aos árabes. Por



causa de Abraão (cuja existência nunca foi comprovada por historiadores), a Bíblia narra a origem das três religiões monoteístas que até hoje cativam a espiritualidade de metade da população mundial: judaísmo, cristianismo e islamismo. Junto com outros livros, o *Pentateuco* forma o *Antigo Testamento*, que narra desde a história da criação do Universo até o retorno dos judeus a Jerusalém após o exílio babilônico, perto do ano 538 a.C.

Foram necessários muitos autores para reunir tudo isso. Os fiéis católicos atribuem a autoria a personagens ilustres, como Moisés, o rei Davi e o apóstolo Paulo. Estudiosos céticos sustentam que a Bíblia é fruto do maior esforço de *crowdsourcing* da história. Nos primeiros 1,5 mil anos, os exemplares eram produzidos à mão por religiosos abnegados. Um deles foi Esdras, que liderou um grupo de sacerdotes que editou a primeira versão do *Pentateuco*. Em comum, cada capítulo fica no limite entre a história e a fantasia, o que dá margem para variadas interpretações. Por volta de 200 a.C., os hebreus concluíram a primeira seleção dos livros sagrados. Vem

**“(...) A ESCRITURA SAGRADA É INSPIRADA POR DEUS E É ÚTIL PARA ENSINAR A VERDADE, CONDENAR O ERRO (...) E ENSINAR A MANEIRA CERTA DE VIVER”**

**2 TIMÓTEO 3, 16-17**

daí a primeira tradução do *Antigo Testamento* feita por encomenda do rei Ptolomeu, a cargo de 72 sábios judeus.

Dois séculos mais tarde, surgiu um novo profeta. Jesus Cristo percorreu o Oriente Médio pregando a igualdade entre os homens e o amor ao próximo com uma abordagem cheia de humildade – conceitos revolucionários até hoje. Depois de sua crucificação, outra equipe se encarregou de escrever tudinho sobre Jesus: o nascimento, a vida, os milagres, a morte e a ressurreição. Ninguém sabe direito quem foram os autores dos livros que contam as andanças do profeta, e a coleção ficou conhecida como *Novo Testamento*. Apesar dos livros levarem os nomes dos apóstolos, acredita-se que o registro foi feito por outras pessoas a partir de 42 d.C. No século 5 d.C., o teólogo Eusebius Hyeronimus, que viria a ser conhecido como São Jerônimo, viajou a Jerusalém a fim de aprender hebraico e produzir a primeira tradução da Bíblia para o latim – o idioma oficial do Império Romano, àquela altura já simpático às ideias cristãs. O trabalho levou 17 anos, mas ninguém sabe se as traduções foram fiéis ao original.

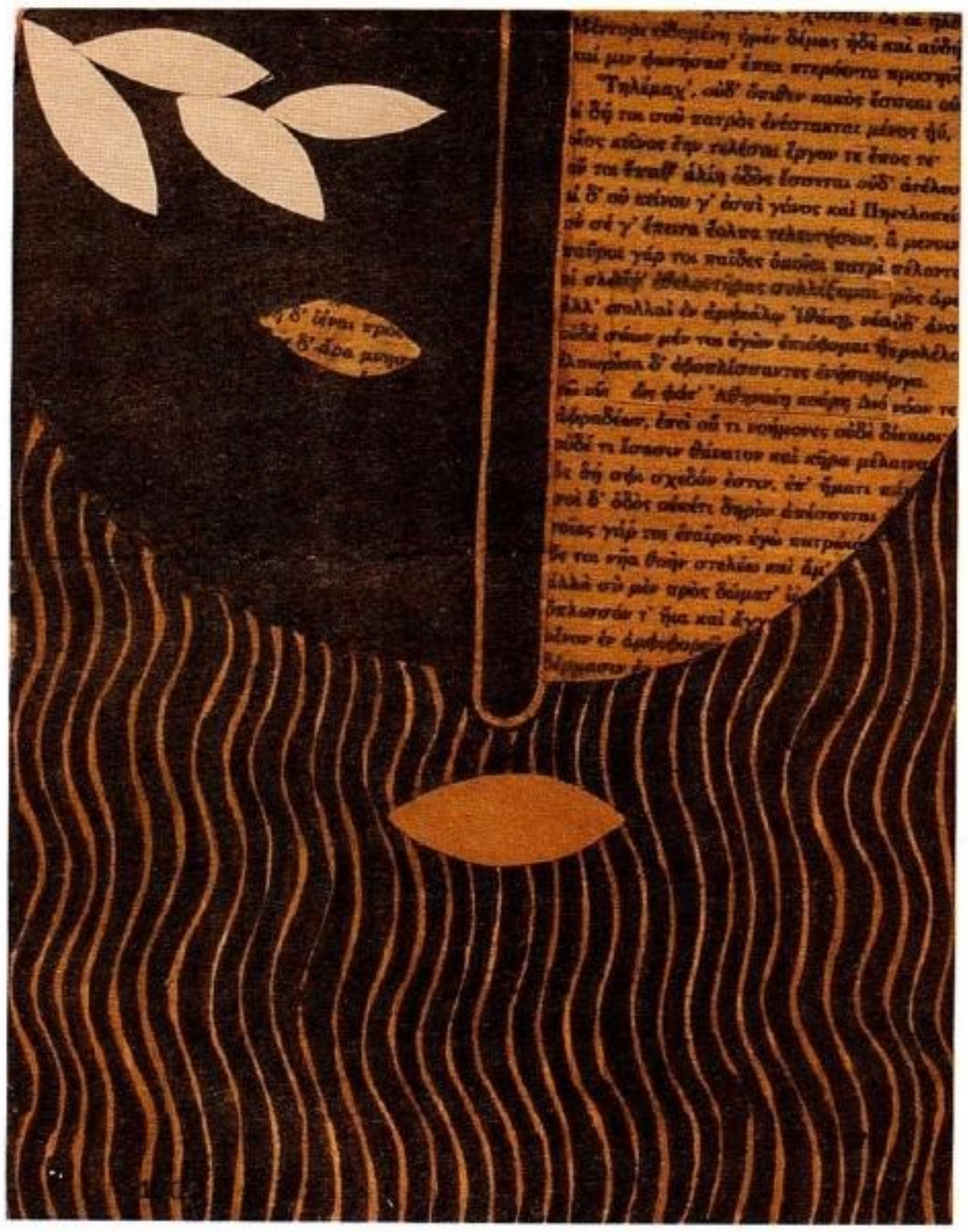
Depois de São Jerônimo, as cópias dos livros passaram a ser produzidas no isolamento dos mosteiros – a Igreja alegava que a população não teria condições de compreender os escritos. A Bíblia só começou a se tornar um fenômeno pop a partir de 1522, quando o pastor Martinho Lutero a traduziu para o alemão, mais acessível aos europeus, e produziu cópias em série usando um invento recente na época: a imprensa. Cansado do elitismo, Lutero achava que todos deveriam ter acesso às palavras divinas. Hoje, o total de cópias é de quase 6 bilhões segundo o *Guinness*, o livro dos recordes.

Leia mais
**O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO**
*José Saramago (1991)*

©Carlo Giovani

# BLOCKBUSTER DA ANTIGUIDADE

LIVRO ODISSEIA
AUTOR HOMERO ANO +- SÉCULO 8 A.C.
POR QUE LER? Porque o que importa na vida não é a linha de chegada, mas a superação dos obstáculos.



O VOO SAIU NA HORA, E O HOTEL ERA ÓTIMO. MAS O RELATO DAS FÉRIAS ACABA EM CINCO MINUTOS. O OUVINTE QUASE LAMENTA QUE VOCÊ NÃO TENHA ORGANIZADO PROTESTOS por comida no avião, e o GPS não tenha pifado – seria uma conversa muito mais divertida. As narrativas que nos encantam são assim: recheadas de dramas, superação, reviravoltas, traições, heróis e finais felizes, exatamente como a *Odisseia*, o poema épico que fundou a literatura ocidental.

A aventura conta a história do herói grego Ulisses, que passou 20 anos tentando voltar para casa depois da Guerra de Troia, e reúne todos os elementos que nos fazem chorar e nos arrepiam em qualquer relato. Está aí sua importância histórica indiscutível: traduziu em uma narrativa os sentimentos mais profundos e duradouros, como o amor, a esperança, a fé, a bravura – e, claro, outros, menos nobres, como o medo e o preconceito frente ao desconhecido, mas nem por isso menos humanos –, que já existiam antes de Homero, seu autor, e seguem valendo até hoje. Se Ulisses (nome latino de Odysseus, adotado por algumas traduções mais conservadoras) tivesse voltado direto para casa, sem escalas, a história não seria uma odisseia. Não à toa, o título do poema épico (há adaptações em prosa mais acessíveis) é sinônimo hoje de uma viagem cheia de aventuras e contratempos. Homero também virou adjetivo usado para se referir a feitos extraordinários – homéricos, melhor dizendo.

Ulisses enfrenta provações de toda sorte. Encontra um cíclope perigoso, um monstro marinho, uma feiticeira e enfrenta uma tempestade no mar. O drama mais famoso ocorre quando o barco do herói passa por um mar cheio de sereias sedutoras e perigosas. Para não ouvir o canto delas e seguir vivo, o protagonista pede que sua tripulação tape os ouvidos com cera e o amarre no mastro. Enquanto isso, sua esposa, Penélope, o aguarda tecendo um manto interminável – ela tricota durante o dia e desfaz à noite. É a sua desculpa para não ceder ao assédio inclemente de homens loucos para roubar o posto deixado pelo guerreiro. Até que o filho, Telêmaco, já na casa dos 20 anos, decide ir atrás do pai – o final é um reencontro emocionante dos três. A grandiosidade da obra superou até dúvidas sobre sua autoria e sobre episódios históricos relatados no livro. Até hoje não se sabe se Homero existiu ou se é um autor inventado. A hipótese mais aceita é a segunda: Homero seria um nome fictício, e a *Odisseia*, como a Bíblia, uma obra de muitos autores que atravessou os séculos graças aos rapsodos, nome dado aos contadores de história na antiga Grécia.

> “NÃO FOI ULISSES
> QUEM JUNTO ÀS NAUS
> DOS ARGIVOS NA VASTA
> TROIA SACRIFÍCIOS TE
> OFERECEU? CONTRA ELE
> TE ENCOLERIZAS, Ó ZEUS?

Leia mais
**ULISSES**
*James Joyce*
*(1922)*

# UM LIVRO DE BOLSO PARA A GUERRA DO DIA A DIA

**LIVRO** A ARTE DA GUERRA
**AUTOR** SUN TZU **ANO** POR VOLTA DE 500 A.C.
**POR QUE LER?** Mesmo que você não tenha um grande império, pode se dar bem no escritório.

VOCÊ JÁ OUVIU ALGO COMO "A VITÓRIA SUPREMA É DERROTAR O INIMIGO SEM USAR AS ARMAS" OU "O VERDADEIRO OBJETIVO DA GUERRA É A PAZ" OU AINDA "TRIUNFAM OS QUE SABEM A HORA CERTA DE LUTAR"? POIS BEM, ESSAS E CENTENAS DE OUTRAS MÁXIMAS DO TIPO SAÍRAM DE *A Arte da Guerra*. É a mais notável obra sobre estratégia da humanidade. Um compilado de ensinamentos sobre liderança e planos táticos que há séculos guia decisões militares e que transcendeu terrenos beligerantes para orientar executivos, palestrantes, esportistas e participantes de *reality shows* em suas batalhas particulares, tornando o livro também um clássico de autoajuda.

O tratado foi escrito por volta de 500 a.C. pelo filósofo e estrategista militar Sun Tzu, um general que liderou tropas do reino de Wu em inúmeras batalhas nos longos anos em que sete povos vizinhos guerrearam por terras férteis no sudeste chinês. As lições aprendidas no comando do exército foram reunidas como alguns mandamentos capazes de garantir a vitória daqueles que seguirem o manual à risca. Daí em diante, nenhum chefe militar se atreveu a ignorar os ensinamentos, motivo pelo qual a obra perdurou pelos séculos. Difundido por novos territórios asiáticos, o livro só chegou ao Ocidente em 1772, traduzido para o francês pelo padre jesuíta Jean Joseph Marie Amiot. Nos primeiros anos do século 20, foram publicadas as primeiras versões em inglês, melhoradas nas décadas seguintes, muitas delas incluindo análises feitas por comentaristas chineses de diferentes épocas. A tradução pioneira no Brasil é bem recente, de 1995.

Se *A Arte da Guerra* é influente, prestigiada e imprescindível nos redutos militares, nos países ocidentais o livro virou best-seller quando leitores perceberam que as estratégias de combate servem também para guiar decisões na penosa e competitiva peleja capitalista. Colabora para o retumbante êxito o fato da escrita de Sun Tzu ser de fácil compreensão, com frases curtas e assertivas. Se seguir todas as lições do tratado chinês é garantia de vitória, na derrota está a certeza de que algo não foi cumprido. *A Arte da Guerra* é um manual de autoconhecimento, que ensina a identificar as próprias limitações e a valorizar as qualidades. É também um guia de modéstia, que prega estudo e respeito aos adversários. Com o livro, as batalhas – figuradas ou não – tendem a ficar mais fáceis. Leia imediatamente e evite ser surpreendido por um colega de trabalho ambicioso e cheio de táticas para subir na carreira – ou por aquele amigo metido a sábio que resolver apontar seus pontos fracos.

**Leia mais**
**A ARTE DA GUERRA**
*Maquiavel*
*(1521)*

**"CONHECE TEU INIMIGO E CONHECE-TE A TI MESMO; SE TIVERES CEM COMBATES A TRAVAR, CEM VEZES SERÁS VITORIOSO.**

©Carlo Giovani

# PALAVRAS PURIFICADORAS

LIVRO **CORÃO**
AUTOR **VÁRIOS** ANO **610**
POR QUE LER? Para entender melhor o mundo islâmico. Mas é melhor ouvir do que ler.

MECA ERA UMA POTÊNCIA EMERGENTE NO SÉCULO 7, UM NOVO POLO COMERCIAL RESPONSÁVEL POR UM BOOM ECONÔMICO QUE PROVOCAVA DESIGUALDADE. NO ORIENTE MÉDIO, TRIBOS DIFERENTES, CADA UMA COM SUAS crenças (umas politeístas, outras monoteístas), conviviam no deserto. Entre elas, estavam judeus e cristãos. Os hebreus reverenciavam um único Deus havia mais de 1.500 anos, e Jesus Cristo havia passado pela região há seis séculos.

Em 610, um mercador de 40 anos chamado Muhammad ibn Abdallah começou a receber revelações divinas. Certa noite, ele dormia numa caverna quando teria sido acordado pelo anjo Gabriel, aquele mesmo dos cristãos que teria avisado Maria de sua gravidez. Gabriel teria ordenado o mercador, que hoje conhecemos como Maomé, a recitar suas palavras. O homem hesitou, mas, com a insistência do anjo, repetiu os versos. As revelações não tinham a intenção de fundar uma nova religião, mas reformar as crenças monoteístas que existiam até então. Maomé era um conservador que não trazia uma nova mensagem de Deus. Ele convocava a retomada da antiga palavra divina, que os fiéis teriam deixado para trás após séculos de distorções a respeito das revelações legítimas de outros profetas, como Abraão, Moisés e Jesus. O *Corão*, "recitação" em árabe (ou *Alcorão*, tanto faz, já que "al" significa "o" em árabe), passava a existir naquele momento, mesmo que não houvesse nada escrito em papel.

É por isso que o *Corão* propõe uma das mais diferentes experiências estéticas da literatura. A obra acontece na sua melhor forma em ondas sonoras, numa tentativa de preservar a pureza da mensagem, como foi transmitida a Maomé. Ou seja, é um livro que precisa ser escutado – o primeiro e mais influente *audiobook* da história. O *Corão* nunca dependeu de papel, tábuas, papiros ou pedras para acontecer. Basta o ar para disseminar os ensinamentos de Deus. A tradição muçulmana sustenta que Maomé, apesar de ser um comerciante viajado (tinha contato com outras culturas e provavelmente sabia o mínimo de matemática para fechar negócios), era analfabeto. Por isso, não anotou as palavras de Deus e propagou os ensinamentos divinos durante 23 anos usando apenas o gogó.

A recitação de Maomé foi organizada cerca de 20 anos após a sua morte. Nos anos em que ouviu Gabriel, o profeta contou com a ajuda de seguidores que memorizaram e anotaram as palavras do mensageiro. Conta-se que os rascunhos ancestrais do *Corão* foram preservados em todo tipo de suporte disponível no século 7 (peles de animais, pedras, folhas de tamareira e até em omoplatas de camelos).

Decorar e recitar em voz alta todos os 114 capítulos (chamados de *suras*) do livro confere grande prestígio. É uma forma de arte das mais complicadas: as *suras* foram organizadas por tamanho, não por ordem cronológica ou temas, o que é uma dor de cabeça para leitores não iniciados. No mundo islâmico, se ouve o livro no rádio, nas esquinas, na televisão. Campeonatos de recitadores ocorrem em muitos países, alguns lotam auditórios ou são transmitidos pela televisão. Ministros de Estado fazem questão de entregar os prêmios. Tudo em árabe. O *Corão* faz mais sentido na língua original. As "traduções" do livro não são consideradas fiéis – por isso, são chamadas de "interpretações". No árabe, os versos são musicais, cheios de cadência e poesia.

Ao contrário de Jesus (que foi perseguido e só se tornou realmente influente séculos depois), e a exemplo de Moisés (que liderou os hebreus na fuga do Egito), Maomé foi um líder religioso em vida. Suas revelações agregaram as tribos árabes. O profeta pregava a justiça social numa Meca cada vez mais desigual. Havia indicações divinas para tudo: casamento, negócios, guerra, paz e até mesmo cobrança de impostos pelo governo para quem fosse politeísta. Era um código de ética que permitia um convívio mais harmônico entre as tribos, fragmentadas e muitas vezes isoladas pelo deserto massacrante. Cem anos depois, o Império Islâmico marchava sobre a Península Ibérica, onde permaneceria por 900 anos, uma rápida expansão que foi resultado direto de Maomé e do *Corão*.

O analfabetismo de Maomé também torna suas palavras mais puras. Como não podia ler, não teria sido influenciado por outros evangelhos que circulavam no século 7 (embora o *Corão* tenha diversas menções a personagens e episódios da Bíblia). Não está claro qual era a religião de Maomé até a noite na caverna, mas é certo que ele teve algum contato com o judaísmo, cristianismo ou outra forma de monoteísmo.

Leia mais
**MAOMÉ - UMA BIOGRAFIA DO PROFETA**
*Karen Armstrong (2002)*

> "E SE ALGUÉM SALVAR UMA VIDA, SERÁ COMO SE TIVESSE SALVO TODA A HUMANIDADE.

©Carlo Giovani

“

”

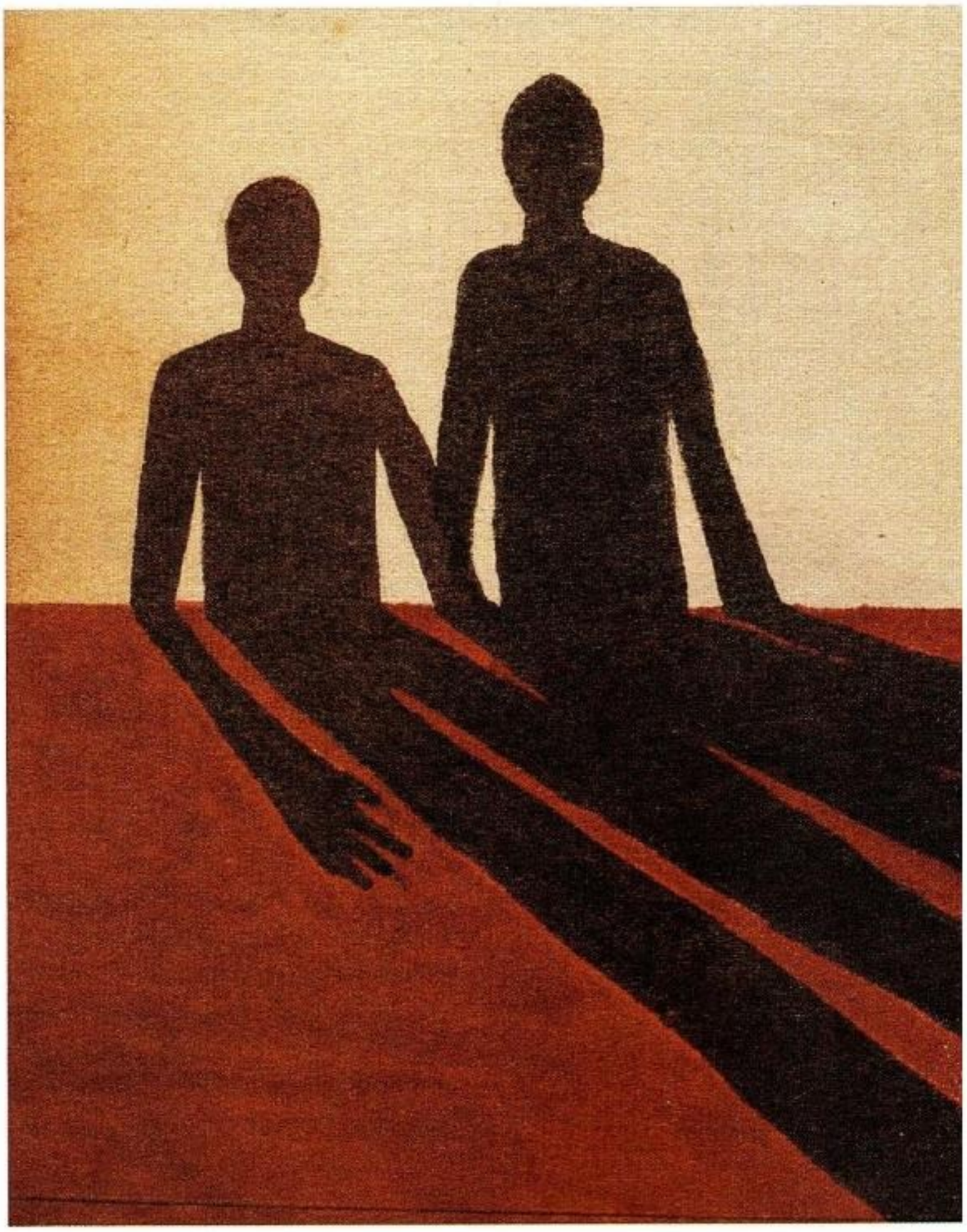
CAPÍTULO 2

# Bases do pensamento

Há mais de 2,5 mil anos, dois filósofos se arriscaram a responder às perguntas que sempre irão nos intrigar: a existência de Deus, o que é a justiça, como funciona o nosso pensamento, o que define o homem. Dúvidas que já haviam desconcertado outros pensadores, é claro, mas Platão e Aristóteles não criaram somente boas respostas. Eles sintetizaram duas formas de pensar que forjaram o mundo e o homem. Todos nós somos ora platônicos, ora aristotélicos. São obras tão influentes que estruturaram o grande debate de ideias que move a humanidade desde então – e que não tem prazo para terminar. Os livros que vieram depois tentaram voar ainda mais alto e mergulhar ainda mais fundo na busca por respostas. Não é preciso acreditar em todos os argumentos oferecidos pelos autores que você lerá a seguir, mas, depois de conhecê-los, não é mais possível pensar da mesma forma.

# SOMOS TODOS PLATÔNICOS

**LIVRO** A REPÚBLICA
**AUTOR** PLATÃO **ANO** 380 A.C.
**POR QUE LER?** Para entender por que estamos sempre insatisfeitos.

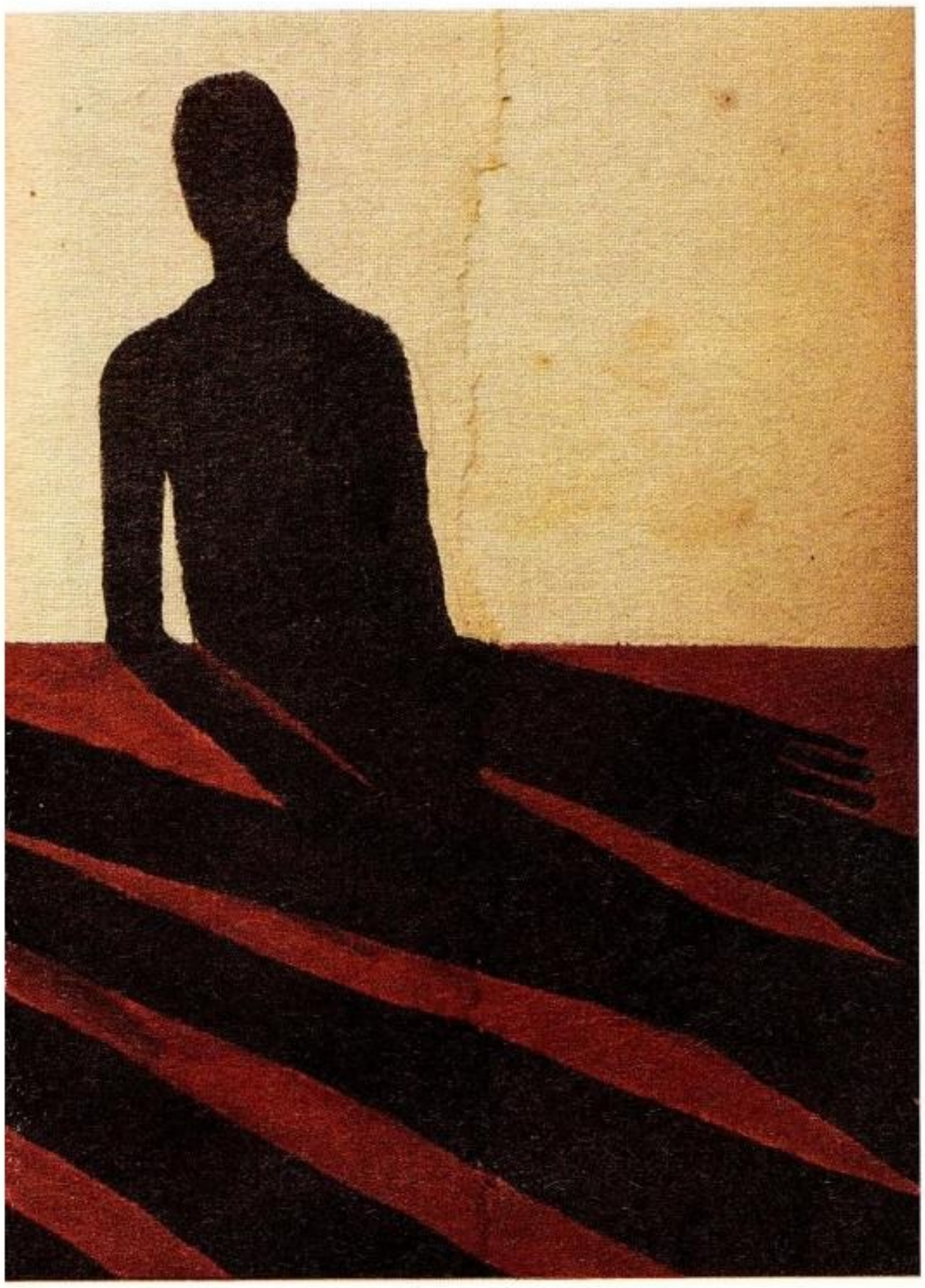


VOCÊ LARGA A FACULDADE PORQUE NÃO ERA AQUILO QUE IMAGINAVA DE UM CURSO UNIVERSITÁRIO. DESISTE DE UM EMPREGO PORQUE A VAGA ESTAVA LONGE DE PREENCHER as suas ambiciosas expectativas profissionais. Briga com o namorado porque ele não era o par ideal que você sempre sonhou.

Você é platônico. E todo mundo é em alguma medida. No monumental *A República*, o grande trunfo de Platão foi sintetizar esse nosso jeito peculiar de pensar na mais famosa passagem do livro: a *Alegoria da Caverna*. O trecho está no sétimo dos dez livros que formam a obra. Nele, Sócrates, mestre de Platão e personagem principal de *A República*, descreve prisioneiros que vivem acorrentados numa caverna escura e olham somente para a frente, sem poder virar a cabeça. Quando é dia, enxergam apenas os reflexos dos objetos do mundo exterior na parede e acham que aquilo é a realidade. Um belo dia, um deles consegue sair da caverna. Primeiro, fica ofuscado com a luz do Sol, mas depois se habitua e percebe que está diante do mundo real, onde as formas perfeitas e verdadeiras existem. A parede da caverna exibe uma ilusão.

Para Platão, a gente vive nessa caverna onde tudo não passa de uma cópia deformada do mundo das ideias e das essências, que era como o filósofo chamava esse universo perfeito. Estamos fadados a permanecer na caverna se não buscarmos o caminho da luz, uma metáfora poderosa usada pelo grego para representar a inteligência e a sabedoria. A genialidade de Platão foi perceber que o mundo das ideias é acessível *somente* pelo pensamento. No nosso dia a dia, temos que nos contentar com empregos e pares imperfeitos. E a possibilidade de comparar o mundo ideal com o real causa grande frustração. Platão separou a realidade do ideal. Dividiu o mundo em dois, e o nosso coração também. Na verdade, ele não foi o primeiro a fazer isso – seu antecessor Heráclito (535 - 475 a.C.) já dizia algo parecido. Mas Platão universalizou a separação e atribuiu uma enorme importância a esse mundo das formas perfeitas, que fica tão longe da realidade e tão próximo dos nossos sonhos. De alguma forma, estamos sempre à busca de um mundo ideal, o que tanto pode ser um caminho para a sabedoria, como queria Platão, quanto para a eterna insatisfação.

Embora seja a mais famosa, a *Alegoria da Caverna* é apenas uma das passagens do livro mais ambicioso do filósofo. Em *A República*, Platão discute o que é o bem e a justiça, como deve ser uma sociedade perfeita e uma boa educação e quem devem ser seus governantes. Fala de ética, metafísica, teoria do conhecimento e política em diálogos entre personagens reais (Platão mistura ficção e realidade o tempo todo, tanto que a conversa que compõe o livro se passa em 422 a.C., quando o filósofo teria então cinco anos, ou seja, o conteúdo do papo é fruto da sua prodigiosa imaginação). Não é à toa que o comparam a Shakespeare. Depois de cruzar a primeira página, você se sente no meio de uma mesa de bar grega. Lá pela metade, já começa, por si próprio, a perceber as incoerências apontadas por Sócrates e enten-



**SÓCRATES** — QUANDO DUAS COISAS, UMA MAIOR, OUTRA MENOR, POSSUEM O MESMO NOME, SÃO ELAS DIFERENTES, ENQUANTO POSSUEM O MESMO NOME, OU SEMELHANTES?

**GLAUCO** — SEMELHANTES.

**SÓCRATES** — ASSIM SENDO, O HOMEM JUSTO, ENQUANTO JUSTO, NÃO SERÁ DIFERENTE DA CIDADE JUSTA, MAS SEMELHANTE A ELA.

de como funciona a dialética, método de encontrar a verdade por meio de posições contraditórias.

Mas a República criada por Platão é bem diferente do ideal democrático do século 21. Platão zomba da democracia, comparando-a com uma grande colcha de retalhos. No seu Estado, não há embate de ideias ou busca por consensos. Em vez disso, Platão coloca uma única classe de governantes, os guardiões, como aptos para exercer o mais alto posto na carreira política platônica, e no topo, claro, os filósofos, aqueles que conseguem sair mais facilmente da caverna e depois têm a obrigação de voltar para resgatar os demais. Essas ideias podem parecer elitistas, mas o filósofo grego acerta em cheio no modo de fazer as coisas darem certo: educação. Ele propõe um plano educacional que dura 30 anos. Para chegar a guardiões, os jovens iniciam por um aprendizado que envolve ginástica, ciências exatas, arte e treinamento militar. Há 2,5 mil anos, o filósofo já tinha percebido que a educação era o caminho para civilizar o homem e moldar seu espírito.

Outra ideia original de Platão é a conexão estreita entre educação, ética e política. No primeiro livro, em que o diálogo gira em torno da justiça, Sócrates liga os pontos: para saber o que é o justo, é preciso saber o que é uma cidade justa. E cidades justas nascem de uma política justa, que não passa de uma extensão da ética individual, que por sua vez nasce de uma boa educação.

Como ocorre em toda grande obra filosófica, não entre nessa leitura sozinho. Livros de história da filosofia e dicionários filosóficos precisam estar sempre à mão para entender *A República* por completo. Como ele defende, não se contempla o belo com os olhos, mas com a inteligência e conhecimento.

Leia mais
**O VOCABULÁRIO DE PLATÃO**
*Luc Brisson e Jean-François Pradeau (1998)*

©Carlo Giovani

# A VERDADE ESTÁ AQUI

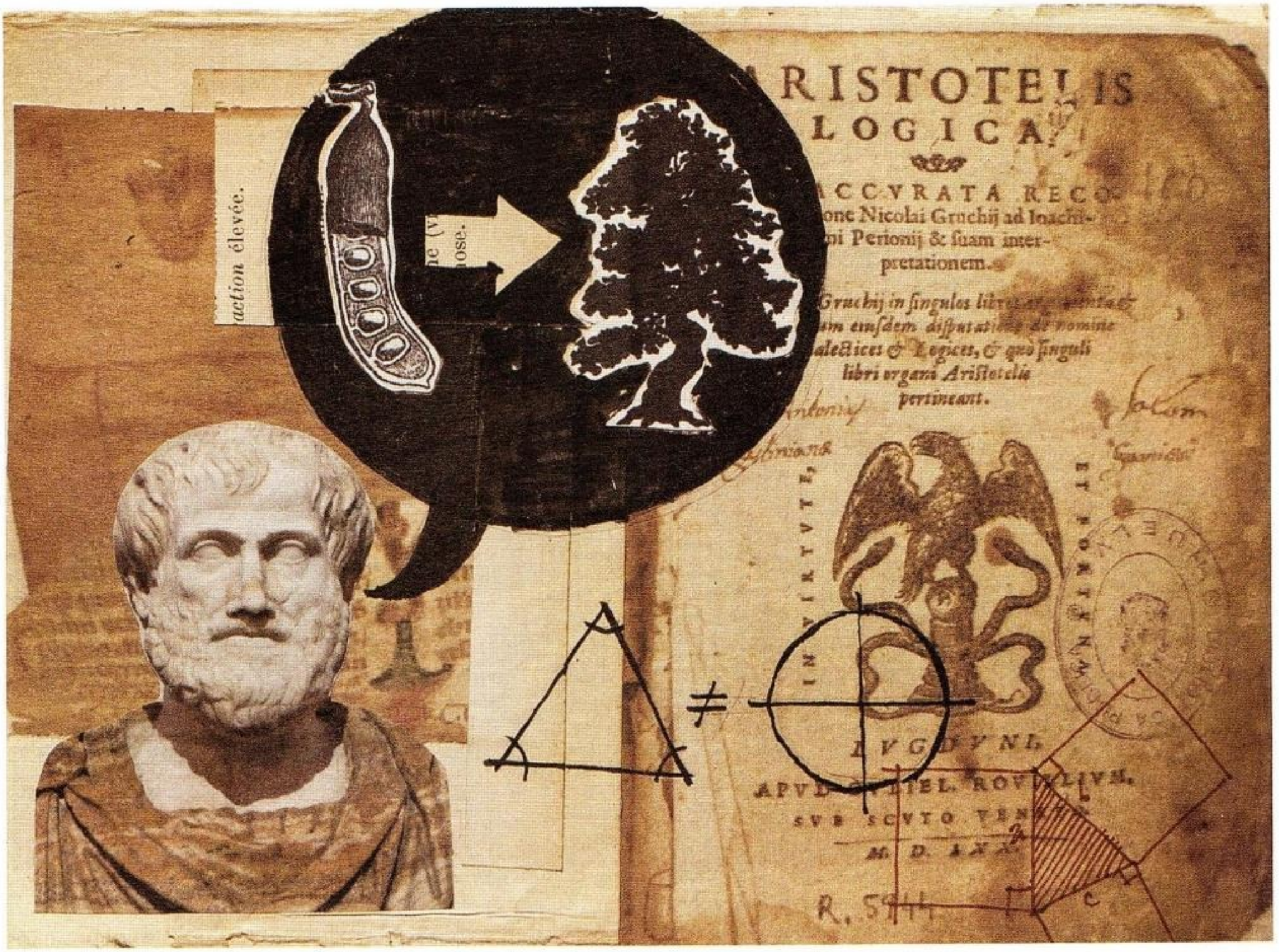
LIVRO METAFÍSICA
AUTOR ARISTÓTELES ANO 350 A.C.
POR QUE LER? Mostra que a solução para o mundo – e para o homem – está nele mesmo.

NO VATICANO, EXISTE UM AFRESCO, PINTADO POR RAFAEL DE SANZIO, QUE MOSTRA PLATÃO COM O INDICADOR APONTADO PARA O ALTO, E ARISTÓTELES, COM O BRAÇO RETO E a palma da mão voltada para baixo. Eles estão lado a lado, no centro da pintura, e seus gestos simbolizam a principal diferença entre os fundadores da filosofia ocidental. Para Platão, a solução para os problemas estava em outro plano, no mundo das ideias, longe da realidade imperfeita onde vivemos. Aristóteles, que se tornou o principal crítico do mestre, achava o contrário. Só existe um mundo. Este mesmo onde você está pisando agora, imperfeito, mutante, louco, ilógico, mas seu e meu, nosso.

Aristóteles chamou a filosofia de volta para a Terra. O curioso é que fez isso em um livro conhecido hoje como *Metafísica*, que significa "além da física". Na verdade, ele não intitulou sua obra assim: composta por 14 livros, ela recebeu esse título de Andrônico de Rodes, o primeiro editor do gênio grego, no século 1. Aristóteles falava em "filosofia primeira". Sua intenção era construir uma ciência para compreender a realidade e a essência do homem nos seus aspectos mais fundamentais. Ele queria saber o que é eterno, imutável, que não depende de um ponto de vista ou de condições específicas para ser pensado. Pouco ambicioso, não? Mas ele conseguiu. Em uma única obra, o melhor aluno de Platão fundou a lógica, detalhou o que realmente importa para definir o homem e mostrou que há uma estrutura básica de conhecimento que sustenta todas as ciências especializadas. E fez tudo isso nos ensinando a pensar, como o melhor dos professores. Aristóteles é didático ao extremo. *Metafísica* compila anotações feitas por seus alunos e por ele próprio. Mas a linguagem não é coloquial: para lê-la, é bom ter um dicionário de filosofia ou uma edição comentada do livro para entender os meandros da obra.

O livro é uma ode ao raciocínio. Aristóteles estava tão preocupado em detalhar como chegou às conclusões ou em apontar contradições de quem o precedeu que o leitor pode se encher o saco antes de entender as implicações profundas da metafísica. Mas vale a pena. Primeiro, ele faz uma investigação da realidade usando as ferramentas que a gente tem, isto é, as palavras e frases. Depois, classifica tudo em categorias. Resultado: nasce a lógica como disciplina (na época, ele usou o termo "analítica"), essencial para pensar sem cometer distorções. Por exemplo: pense num triângulo redondo. Você pode até pronunciar essa frase, mas não consegue conceber um triângulo que seja redondo porque as formas são diferentes. Um não pode ser o outro, sem deixar de ser ele mesmo. Não se trata de uma convenção, mas de compreender que o contraditório não pode ser pensado, e o que não se pode pensar não pode existir. Esse é o primeiro princípio lógico aristotélico: o da não-contradição. Você não pode dizer que "um triângulo é uma figura de três retas" e depois dizer "um triângulo não é uma figura de três retas". Ou ele é ou não é. Aristóteles aceita que quase nunca alcançamos a certeza matemática, há exceções para toda regra, as verdades são quase sempre aproximações, e nosso rigor é relativo. Mas não conseguiremos jamais

> "SER HUMANO É CAUSA DE SER HUMANO, UNIVERSALMENTE, MAS NÃO HÁ NENHUM SER HUMANO UNIVERSAL.



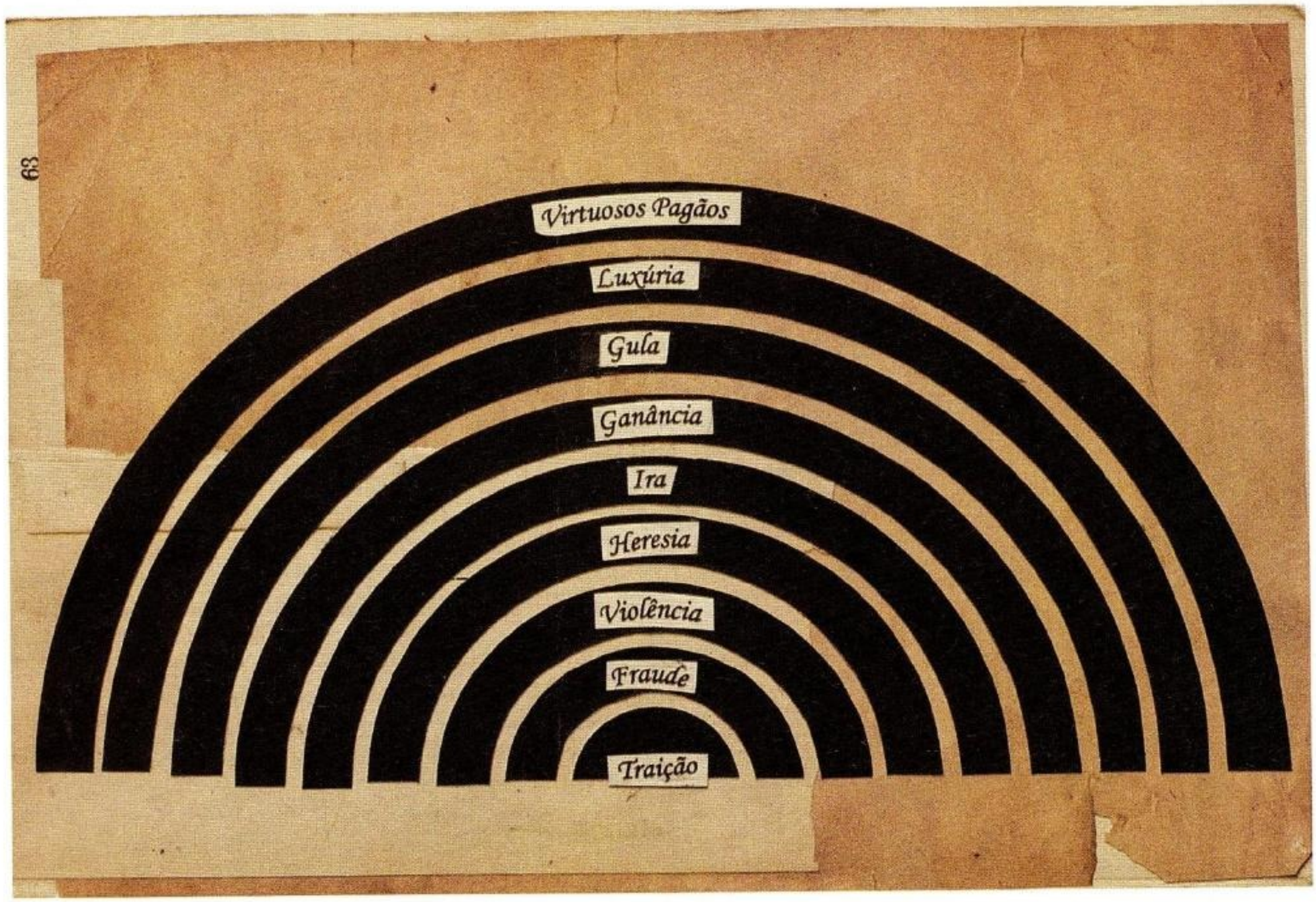

nos livrar do raciocínio lógico. Ele é uma ferramenta essencial para nós, como um motor é para um carro ou as asas para um avião.

Marcando oposição ao mestre, Aristóteles acreditava que todo conhecimento deveria partir do que é mais próximo a nós, isto é, da física, até formar o conceito das coisas, a metafísica. Na concepção de Aristóteles, as coisas não são apenas imperfeitas, mas também eternamente mutantes – e aí está a sua perfeição. O aluno de Platão desenvolveu conceitos fundamentais para mostrar como não era preciso conceber outro mundo, como fazia o professor, para entender as coisas. Criou o conceito de "potencial" para expressar essa ideia. Por exemplo: uma criança é um homem em potencial; a semente, uma árvore em potencial. Parece óbvio agora, mas ele cunhou o termo e abriu a possibilidade de pensar em coisas que não existem agora, em "ato", outro conceito aristotélico.

O pensador estava preocupado em definir a essência das coisas. Ele retirava características de elementos como homens e objetos e se perguntava se o que sobrava podia ser chamado de homem ou cadeira, por exemplo. Uma pessoa que teve uma perna amputada continuava humana? Sim. Podemos chamar de cadeira um objeto para sentar que possui apenas três pés? Sim. Ou seja, características como essas são "acidentais" no seu vocabulário. Mas e se for impossível se sentar na cadeira? Nesse caso, é provável que a peça deixe de ser reconhecida como uma cadeira porque perdeu aquela característica que a define como uma cadeira. Ou seja, para o mestre, a essência está contida dentro de cada coisa do Universo, ao contrário do que dizia Platão, que acreditava que os objetos tomavam as qualidades definidoras de empréstimo lá do plano ideal. No mundo aristotélico, todas as coisas possuem algo de universal, mas não perdem a individualidade. Sem contradição.

Leia mais
**AS CONSOLAÇÕES DA FILOSOFIA**
*Alain de Botton*
*(2000)*

©Carlo Giovani




# O MAPA DO INFERNO

LIVRO A DIVINA COMÉDIA
AUTOR DANTE ALIGHIERI ANO 1308-1321
POR QUE LER? Faz pensar sobre a morte – e a vida.

O QUE ACONTECE APÓS A MORTE? ESSA INQUIETAÇÃO ACOMPANHA O HOMEM DESDE QUE ELE COMEÇOU A REFLETIR SOBRE A PRÓPRIA EXISTÊNCIA. TÃO ANTIGA QUANTO É A IDEIA DE UM SUBMUNDO NO ALÉM – UM lugar de dor, ódio e medo. Há mais de 4 mil anos, os sumérios já falavam em um vasto abismo sob a Terra onde moravam os mortos. Os gregos descreveram um precipício tão profundo que uma alma poderia cair por mais de um ano sem que atingisse o fim. O *Livro de Jó*, escrito do *Antigo Testamento* que leva o nome de seu protagonista, vítima de uma aposta cruel entre Deus e o Diabo, fala do Sheol (túmulo, cova ou abismo, em hebraico), um lugar de purificação espiritual ou punição para os mortos. Na Bíblia, Jesus Cristo avisa seus discípulos sobre a Geena de Fogo, um depósito de lixo além dos muros de Jerusalém em que as chamas são mantidas sempre acesas com enxofre.

Ainda que bastante vivo no imaginário popular, até o século 14 o inferno havia sido abordado apenas em termos muito vagos. Em 1308, no entanto, um homem descreveu-o em detalhes. O autor da proeza foi Dante Alighieri, poeta italiano que fez uma viagem imaginária pelos três reinos do além-túmulo – inferno, purgatório e paraíso. Cada um desses mundos é descrito em um

**“POR MIM CHEGA-SE À CIDADE DOLENTE/ POR MIM CHEGA-SE À ETERNA DOR/ (...) DEIXAI AQUI TODA ESPERANÇA, VÓS QUE ENTRAIS.** (CANTO III, 1-9)

longo poema. Juntos, eles formam a *Comédia*, décadas depois renomeada pelo poeta e crítico literário italiano Giovanni Boccaccio como *Divina Comédia*. Embora os capítulos dedicados ao purgatório e ao paraíso contenham passagens de uma elaborada poesia – a obra inteira é composta por estrofes tríades (de três versos), em uma alusão à Santíssima Trindade –, são os primeiros 34 cantos, que narram a viagem dantesca por um lugar de sofrimento eterno, antro de pecado, desespero e punições, que compõem o maior legado do bardo italiano.

A obra começa com um encontro de Dante com três feras: o leão, o leopardo e a loba. Perdido em uma selva escura – interpretada pelos estudiosos da obra como uma representação simbólica da perdição no pecado –, Dante se reúne com um dos grandes poetas da Antiguidade, Virgílio (que viveu de 70 a 19 a.C.). Autor do épico *A Eneida*, Virgílio é quem convida Dante para realizar uma espécie de “itinerário da salvação”: “Convém fazeres nova viagem / Disse-me, então, ao ver-me soluçando / E escaparás deste lugar selvagem”. Frente aos portões do inferno, Dante e Virgílio dão de cara com uma mensagem não muito animadora: “Deixai toda esperança, ó vós que entrais”. Esperança era um conceito essencial na Idade Média – porque a vida, a não ser para a aristocracia, era brutal e curta. Para muitos, a esperança de vida eterna dava uma razão para enfrentar o sofrimento cotidiano. Mas a chegada ao inferno significava que ter esperança já não fazia mais sentido.

## O HOMEM DECIDE

Dante não só criou a geografia física do submundo, mas também uma geografia moral: para cada pecado, um círculo específico. O primeiro e mais ameno é o limbo, onde ficam todas as almas sem batismo. Ali, a única punição é a eternidade sem a visão de Deus. É a partir do segundo, o círculo da luxúria, que se iniciam as punições mais severas. Conforme descem os nove círculos do inferno, distribuídos em uma estrutura cônica, os pecados se agravam. Virgílio e Dante ainda passam pelo lago de lama (gula), as colinas de rocha (ganância), o rio Estige (ira), o cemitério de fogo (heresia), o vale do Flegetonte (violência), o Malebolge (fraude) e o lago Cocite (traição) – este, o mais terrível dos pecados. Ou seja, a punição era pior conforme o tipo de crime. O conceito foi revolucionário. Num ambiente medieval onde tudo era atribuído ao poder divino, sobretudo o destino dos homens, Dante propôs a inversão da lógica: era o homem quem decidia seu futuro com suas ações. Se traísse, iria para o lago Cocite. Se não traísse, tinha uma chance de subir ao paraíso. Logo, a *Divina Comédia* é, antes de tudo, um livro sobre escolhas. A mudança pode parecer banal, mas é considerada o marco do início do Renascimento e do humanismo, quando Deus deixou o centro de tudo para dar espaço ao homem e suas escolhas.

Pouco se sabe sobre Dante. Sua mãe morreu quando ele era muito jovem. Escreveu sobre política, filosofia, ciência e fez literatura. Mas Dante não foi apenas um escritor reconhecido: foi também um político bem-sucedido. Em 1300, elegeu-se como um dos seis magistrados que governariam a cidade italiana de Florença. Dois anos depois, contudo, sua carreira política terminou com um golpe. Quando estava fora da cidade, foi condenado a pagar uma multa gorda ao novo governo. Não pagou e foi novamente condenado: se colocasse os pés na cidade de novo, iria direto para a fogueira. Nunca mais voltou. A *Comédia*, por isso, também pode ser entendida como a história de uma vida – uma espécie de autobiografia na qual o autor precisou conhecer o inferno para encontrar o caminho da redenção.

A influência do poema na sociedade florentina foi tal que ele mudou o jeito de falar dos italianos. Era comum que os livros da época fossem escritos em latim – o que Dante fez em *De Monarchia*. A *Comédia*, contudo, foi lançada no dialeto fiorentino-toscano (também conhecido como *volgare*, o latim para vulgar). A língua de Florença se tornou a base para o que, mais tarde, se tornaria o idioma oficial da Itália.

Leia mais
**DECAMERON**
*Giovanni Boccaccio (1353)*

©Carlo Giovani

# OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS

LIVRO O PRÍNCIPE
AUTOR NICOLAU MAQUIAVEL ANO 1532
POR QUE LER? Para entender a política – e por que algumas pessoas são o que são.

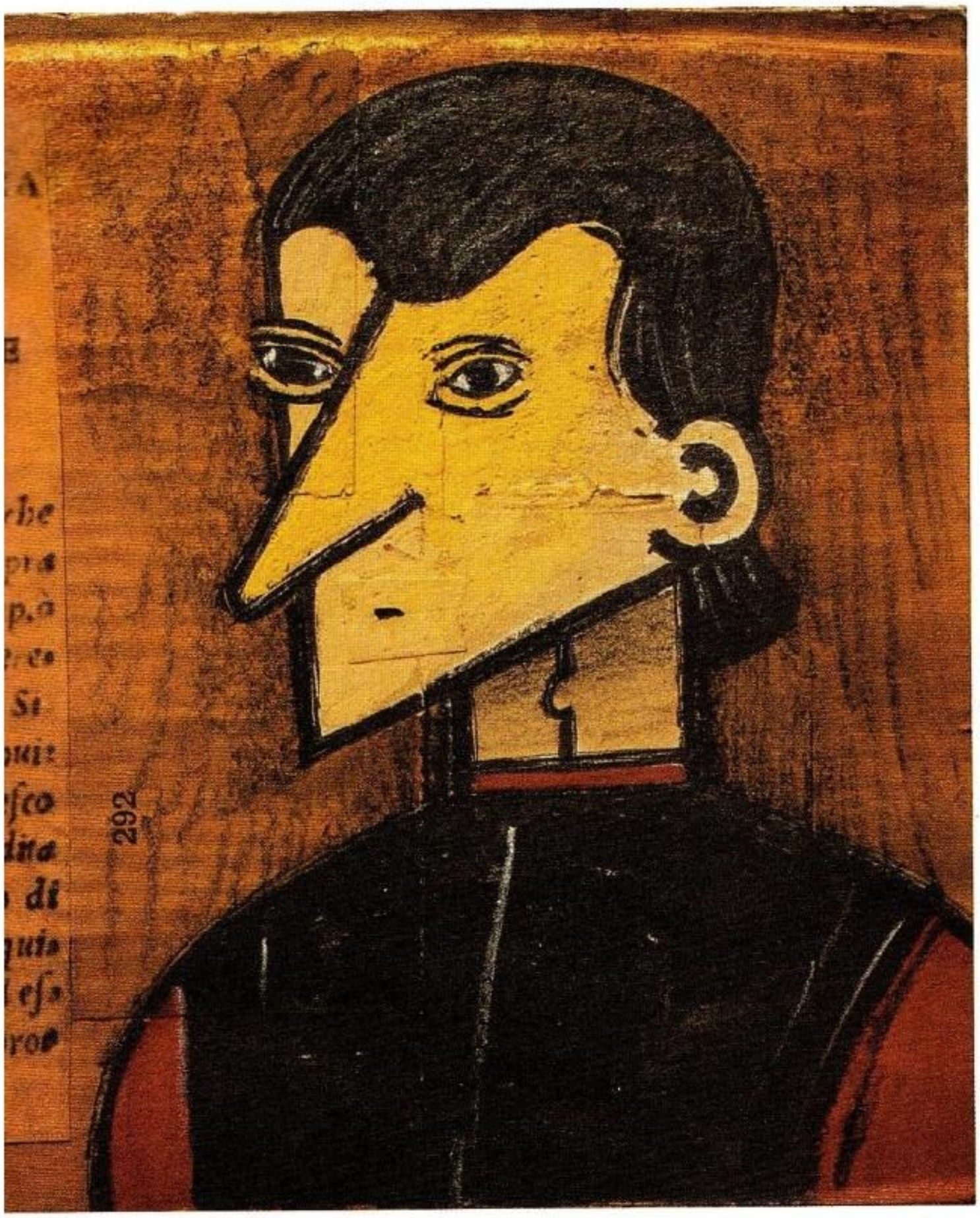
FILHO DO PAPA ALEXANDRE 6º, CÉSAR BÓRGIA NOMEOU REMIRRO DE ORCO PARA GOVERNAR A PROVÍNCIA DE ROMANHA. A MISSÃO DELE ERA APAZIGUAR A REGIÃO. MAS O governador usara métodos violentos para conter os ânimos – com anuência do chefe. Depois da missão cumprida, Bórgia achou que a população se voltaria contra De Orco e, por tabela, contra ele. Resolveu se antecipar: Bórgia mandou matar o governador e expôs seu corpo partido em dois no meio de uma praça.

A população ficou surpresa com o recado ambíguo. Com o gesto, Bórgia mostrou que não compactuava com as ações de De Orco. Ao mesmo tempo, foi extremamente violento – o que intimidava qualquer oposição a ele. Entrou para a história temido e admirado pelo autor do clássico *O Príncipe*.

O florentino Nicolau Maquiavel via Bórgia como um líder virtuoso (mas sem sorte: adoeceu e, sem forças para se defender, acabou assassinado aos 31 anos). A atitude do nobre mostrava que ele não media esforços para manter a paz. Para Maquiavel, isso era bom mesmo que custasse algumas vidas. Numa época em que não havia democracia, a estabilidade era valor mais importante. Na verdade, era assim que a política funcionava na prática, só que ninguém admitia. *O Príncipe* operou uma revolução no pensamento político do século 16. Pela primeira vez na história, a política era pensada como algo à parte da religião e destituída de valores elevados, como justiça.

Maquiavel usou sua própria experiência como diplomata e conselheiro político para construir o tratado enxuto, de cerca de cem páginas, em que o pragmatismo impera sobre a moral. O texto de *O Príncipe* é tão preto no branco que a sinceridade de Maquiavel causa calafrios até hoje. Também é uma das obras mais citadas em ciência política. Maquiavélico virou um adjetivo empregado como sinônimo de crueldade e frieza. Os admiradores da obra lamentam a leitura negativa do filósofo. Maquiavel foi preciso na sua análise realista do mundo político, onde nada é o que parece, e foi o primeiro a colocar a discussão ética em termos práticos, com exemplos da vida real.

Enquanto Michelângelo esculpia Davi e Da Vinci pintava a Mona Lisa, Maquiavel mostrava o outro lado da Itália Renascentista, uma região violenta e instável. A Itália estava dividida em províncias que se digladiavam entre si. É nesse contexto que o pensador concebe a ideia de uma estabilidade política que não emana de Deus, ou de sistemas políticos, mas de governantes que saibam se manter no poder num mundo de incertezas. Para isso, o pensador enalteceu duas qualidades caras a um líder: a *virtú*, uma mistura de firmeza e pragmatismo, e a *fortuna*, ou sorte. Um dos maiores estudiosos da obra do italiano, o historiador inglês Quentin Skinner afirma que *virtú* pode ser o nome de qualquer qualidade que efetivamente, em um mundo corrupto e falido, mantenha um líder no poder. Ou seja, não é um conceito fechado. Às vezes, *virtú* significa virtudes convencionais, como a ge-



> “NÃO SE AFASTE DO BEM, MAS SAIBA VALER-SE DO MAL, SE NECESSÁRIO.

nerosidade e a empatia. Mas também pode ser o contrário delas. Para o filósofo, um soberano precisa ter liberdade para agir como bem entender a fim de garantir a segurança e a paz da população.

Maquiavel inaugurou a ideia de valores políticos medidos pela prática e utilidade social – um discurso que pode ser apropriado por governantes que roubam mas fazem. Em *O Príncipe*, ele mostra que a quebra de promessas, a mentira, a dissimulação e até o assassinato de inimigos são intrínsecos à política, embora não recomende adotar a maldade como regra (apenas porque a maldade pode enfurecer o povo e trazer instabilidade, o que não é desejável). Os fins justificam os meios, frase que não consta no livro e que nunca foi escrita por Maquiavel, se tornou o melhor resumo do seu pensamento. Com um adendo importante: a política talvez seja um fim em si mesma.

O mais curioso é que muitos críticos leram *O Príncipe* como um manual, algo como um passo a passo da política, mas Maquiavel não dá instruções rígidas para sobreviver no poder. Pelo contrário: um político não pode usar uma receita fixa para conduzir um governo. Ele precisa aprender a se adaptar às circunstâncias, tomando decisões conforme o cenário se apresenta, uma máxima que continua atual meio milênio depois. Mas só Maquiavel teve a coragem de reconhecer que é assim que funciona.

O filósofo teve uma vida curta. Viveu 52 anos, trocando de cargos no alto escalão do principado florentino. Mas perdeu o posto quando a poderosa família Médici reassumiu o poder. Disposto a retomar a carreira de chanceler, escreveu *O Príncipe* como um agrado a Lourenço Médici, mas o estadista não entendeu o recado e Maquiavel passou seus últimos anos no campo. Morreu em 1517, cinco anos depois de ter finalizado sua obra mais conhecida.

Leia mais
**LEVIATÃ**
*Thomas Hobbes*
*(1651)*

©Carlo Giovani

# O LIVRO QUE ACABOU COM DEUS

**LIVRO** CRÍTICA DA RAZÃO PURA
**AUTOR** IMMANUEL KANT **ANO** 1781
**POR QUE LER?** Para saber que há coisas para as quais nunca teremos resposta – e tudo bem.

NA INTRODUÇÃO DE *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*, KANT AVISA: "ESTAMOS AQUI OPRIMIDOS POR PROBLEMAS QUE NÃO PODEM SER IGNORADOS... E QUE NÃO PODEM SER SOLUCIONADOS". ASSIM O FILÓSOFO METÓDICO NASCIDO em Königsberg (atual Kaliningrado, na Rússia) mudou a história do pensamento humano colocando em evidência os limites da racionalidade. A revolução intelectual promovida por Kant é comparável à de Copérnico, o astrônomo renascentista que, dois séculos antes do filósofo, havia formulado a teoria de que a Terra girava em torno do Sol (e não o contrário). Kant fez a mesma coisa quando afirmou que existem coisas que nem a razão nem a experiência podem conhecer. Uma delas é Deus – as outras são a realidade, o Universo, o infinito, a alma etc., que ainda hoje ninguém consegue definir direito. Não, não somos burros. O problema foi que, desde Sócrates, ninguém havia feito uma pergunta básica: *o que* e *como* podemos conhecer?

Pense nesta revista que você está lendo agora. Tem certeza que ela existe? Sim, claro, você está com ela nas mãos. Mas você só sabe que a revista existe porque seus olhos a veem e suas mãos a seguram. Ou seja, ela existe no tempo (momento da leitura) e no espaço (sobre suas mãos), e os seus sentidos a percebem. Esta revista existe independentemente da sua percepção dela, mas é somente por meio da visão e do tato que você pode atestar que ela é real mesmo, conhecê-la. Sacou o problema? A percepção dos objetos depende de um filtro individual, intransferível e intransponível: a nossa consciência. A sacada de Kant foi mostrar que a gente só consegue conhecer as coisas que se apresentam aos nossos sentidos e à nossa experiência. Kant chamou essas coisas de "fenômenos". O que nem os sentidos nem a experiência captam, o que só pode ser postulado pela razão pura ou intelecto, não pode ser conhecido. Leia-se Deus, definido como uma figura imaterial, infinita e criadora de todas as coisas, logo fora do espaço, do tempo e sem causa nenhuma. E se não podemos conhecer Deus, melhor deixar esse assunto de lado. São sinucas de bico para a razão. A conclusão caiu como uma bomba no mundo filosófico, onde Deus sempre figurou no panteão dos temas mais intrigantes. Kant fez questão de dizer que acreditava em uma realidade que fica além do nosso conhecimento racional e insistiu na existência de coisas fora do alcance da experiência, o que ele chamou de "coisas em si" ou "númenos".

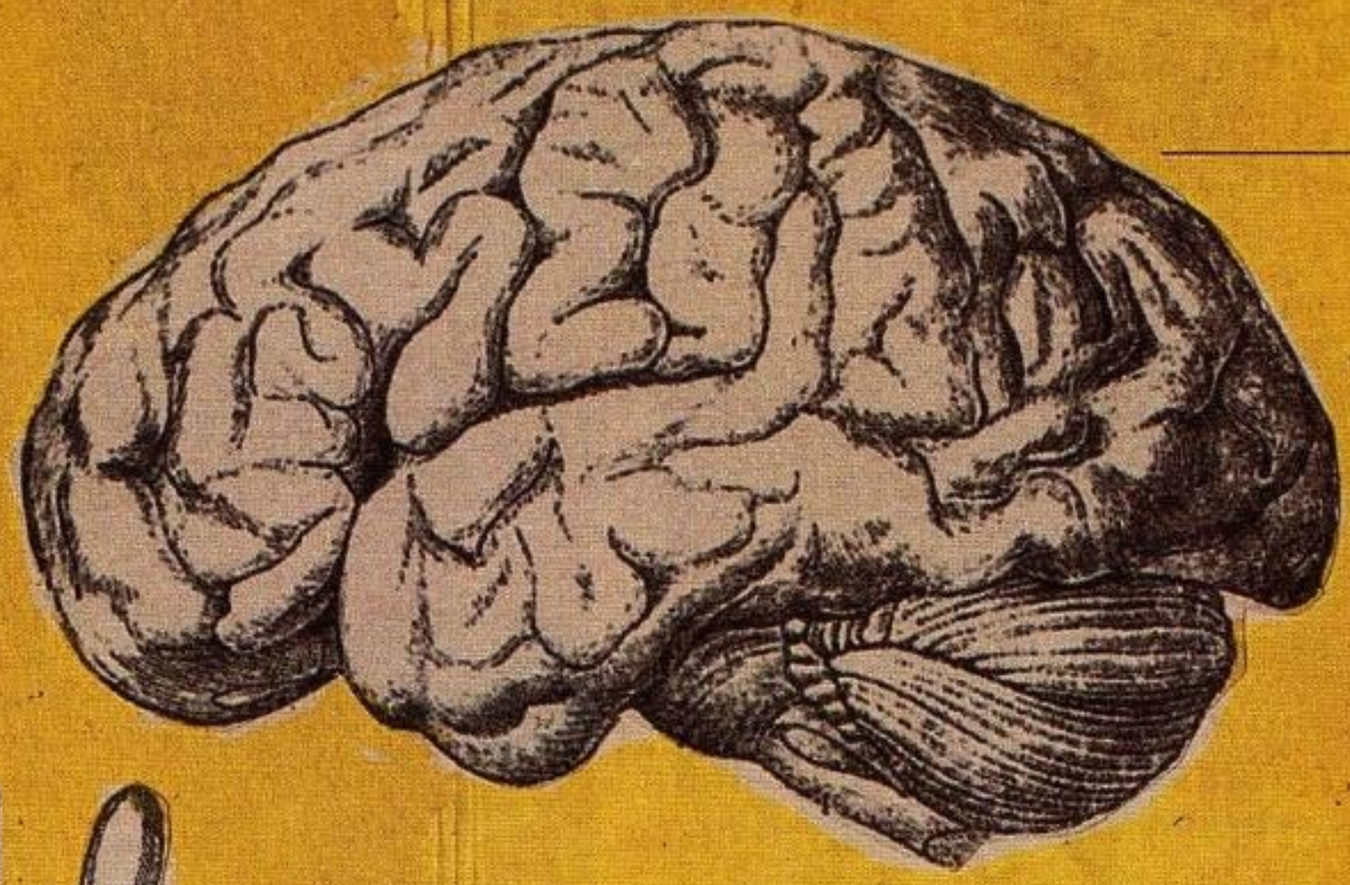
*Crítica da Razão Pura* tornou obsoletos vários debates mantidos por filósofos até então. Especialistas costumam dividir a história entre antes e depois de Kant. Depois dele, a metafísica clássica, que se propunha a desvendar o que é a realidade, Deus e a essência das coisas, perdeu o sentido. A questão principal passou a ser os limites e as condições do conhecimento humano. O filósofo alcançou sucesso em vida com a publicação da obra, sem ter de sair dos limites de Königsberg. Mas Kant teve de explicar a guinada no seu pensamento. Antes da publicação de *Crítica*, ele acreditava piamente que o conhecimento científico era infalível. Até fez uma contribuição curiosa, mais como cientista do que como filósofo, com a publicação de *Teoria dos Céus*, o primeiro livro a oferecer uma descrição do Universo decorrente de uma evolução e não como se tivesse sido criado num único instante, no mesmo formato que o vemos hoje, como acreditava Aristóteles. Mas, ao lançar *Crítica*, Kant afirmou que havia despertado do "sono dogmático", muito em razão da leitura de David Hume, seu conterrâneo e o primeiro a criticar o racionalismo que imperava no mundo desde René Descartes.

Não é fácil ler Kant. Na primeira frase, o pensador tenta ajudar você, caro leitor, a entender onde ele queria chegar com a sua obra mais célebre. Mas Kant não nega a tradição alemã (Königsberg pertencia ao Império Prussiano no século 18) e coça a orelha direita com a mão esquerda. Ou seja, por que ser simples se dá para complicar? Ele alterna trechos pedregosos (vale consultar um dicionário para entender os termos técnicos) com outros de uma clareza desconcertante.

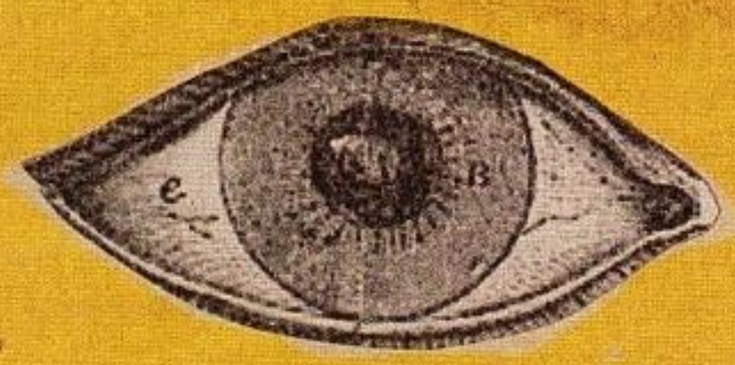
Quando terminou *Crítica*, Kant enviou o manuscrito para um amigo, o filósofo Marco Herz. O amigo devolveu o texto lido até a metade com o bilhete: "Se o terminar, receio enlouquecer". Kant parece não ter se impressionado com a reação pouco amistosa de Herz e levou adiante a publicação. Viveu até os 80 anos, tempo suficiente para ter sua obra lida e comentada no mundo inteiro.

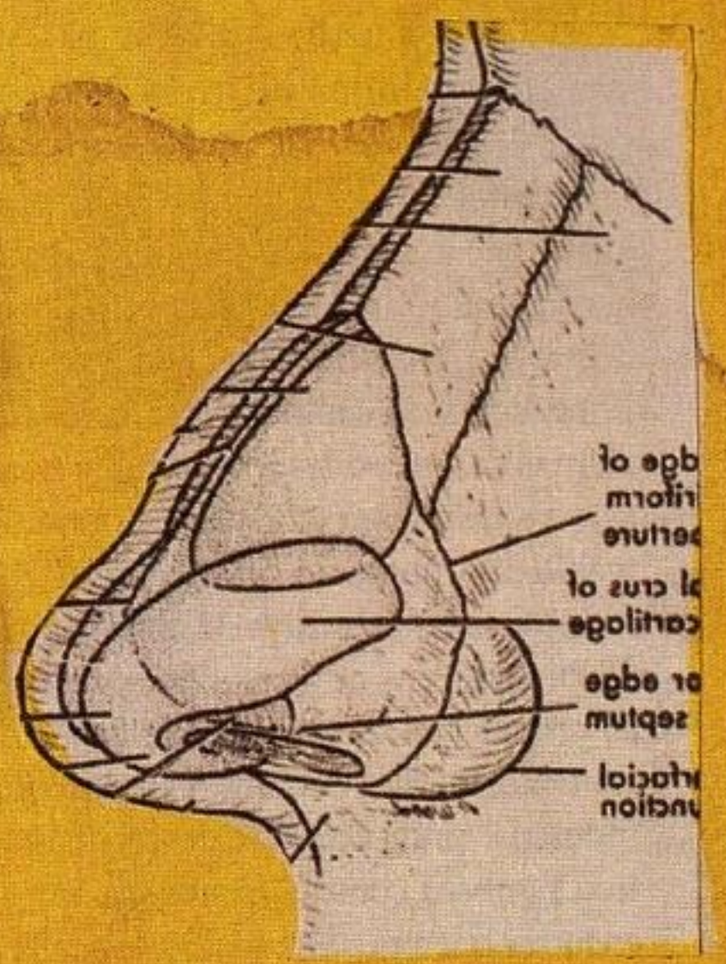
Leia mais
**HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA - DE DESCARTES A KANT**
*Luciano de Crescenzo (2007)*

> "(...) NÃO PODEMOS CONHECER A DEUS, PORQUE ESTE OBJETO, DEUS, NUNCA SE NOS APRESENTA INTUITIVAMENTE.



?





# ESCRAVOS DO SISTEMA

**LIVRO** O CAPITAL
**AUTOR** KARL MARX **ANO** 1867
**POR QUE LER?** Para compreender como o capitalismo funciona (e onde ele deixa de funcionar).

EM 1867, UM ALEMÃO QUE NUNCA PISOU EM UM CHÃO DE FÁBRICA FEZ A MAIS CONTUNDENTE E TAMBÉM A MAIS LONGA CRÍTICA SOBRE COMO O CAPITALISMO ATIÇA DISPUTAS ENTRE DONOS dos meios de produção (burgueses) e proletários (ou empregados, que possuem apenas os braços e os filhos, a prole). Em 2,5 mil páginas, Karl Marx mostrou como o sistema pode ser injusto, irracional e contraditório. Em vez de servir às necessidades dos homens, funciona para gerar mais e mais dinheiro para quem já tem demais – e isso só ficaria pior com o tempo. Marx bancou de adivinho. Hoje, quase 150 anos depois do lançamento de *O Capital*, 67 pessoas possuem um patrimônio igual ao de metade do planeta – e a diferença entre esses dois grupos não para de aumentar. A crescente desigualdade ainda não deu fim ao sistema, como previu Marx, mas o diagnóstico segue atual, dando origem a filhos distantes como o best-seller global *O Capital no Século 21*, de Thomas Piketty.

O curioso é que Marx fez um diagnóstico tão preciso que explicou também por que o capitalismo resiste tão bravamente. Imersos nesse sistema, temos a impressão de pensar e tomar atitudes por vontade própria, de forma racional e livre, quando na verdade, segundo Marx, somos vítimas de um poder invisível que nos obriga a pensar e agir daquela maneira e não de outra. A essa força o alemão deu o nome de "ideologia". Junto à ideia freudiana de inconsciente, lançada 33 anos depois, a constatação de Marx abriu um novo precedente na história da filosofia ao propor que somos de certa forma determinados pelo contexto em que vivemos. Lançado quando a Revolução Industrial ainda estava se descortinando, *O Capital* mostrou também como a tecnologia, em vez de servir para encurtar o tempo de trabalho, esticaria a jornada ao limite. Se você lamenta estar sempre conectado aos emails de trabalho pelo smartphone, lembre-se de Marx.

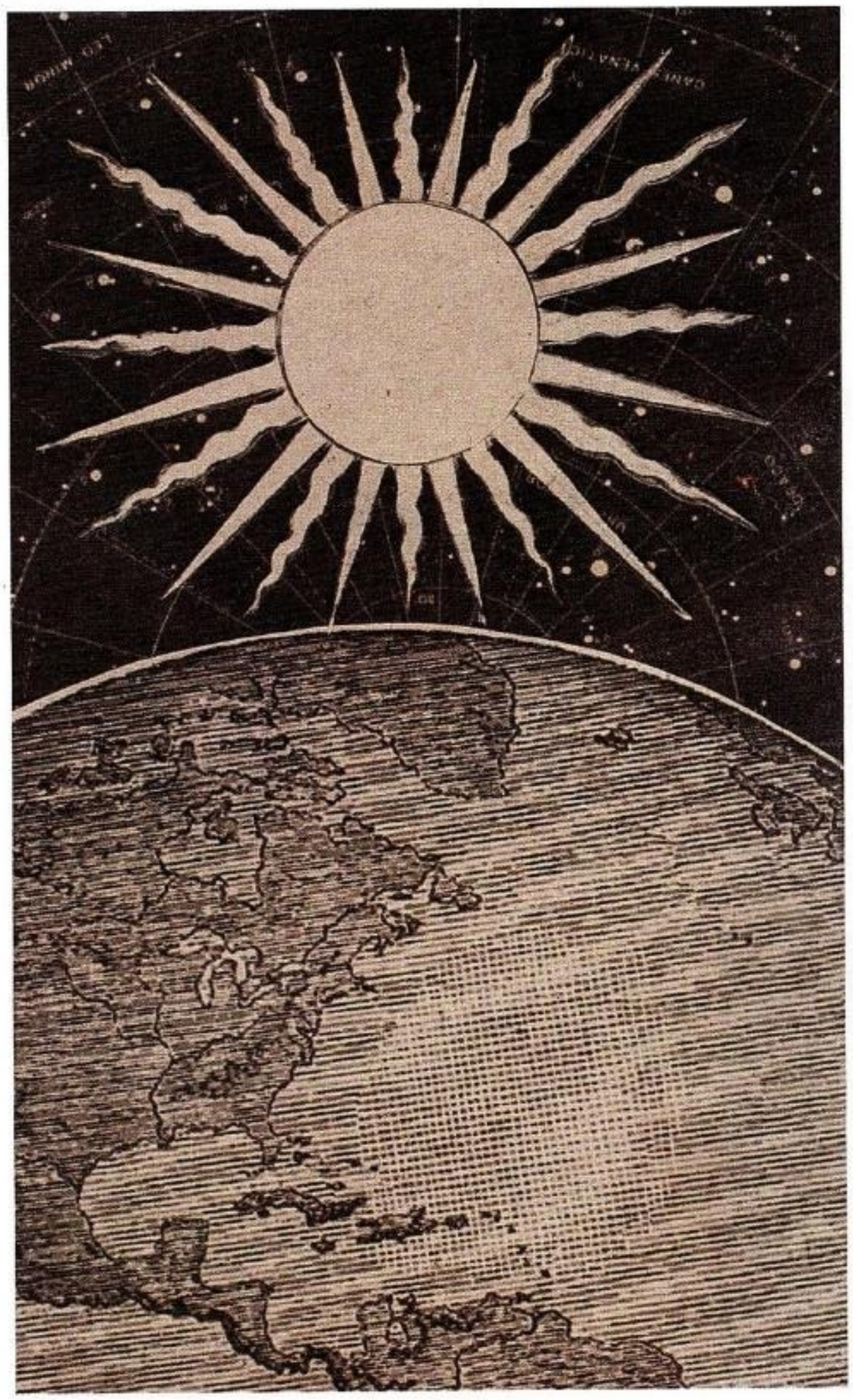
O livro acabou ofuscado por um panfleto. *O Manifesto Comunista*, escrito com seu amigo e financiador Friedrich Engels 19 anos antes, conclamava os trabalhadores a se levantar contra a classe dominante. No mesmo ano, várias revoluções eclodiram na Europa e pavimentaram o caminho para reformas sociais. *O Capital* não gozou nem de um quinto dessa repercussão. De tão hermético e empolado, nem os próprios marxistas conseguem lê-lo inteiro. A recepção da obra foi tão morna que o próprio Marx passou a escrever críticas com pseudônimos para ver se aumentava o interesse do público. Não conseguiu transformar *O Capital* em uma mercadoria-fetiche, como ele denominou nossa adoração por objetos. No seu enterro, em 1883, apenas 11 pessoas compareceram, incluindo o coveiro.

> "OS PERSONAGENS ECONÔMICOS ENCARNADOS PELAS PESSOAS NADA MAIS SÃO QUE AS PERSONIFICAÇÕES DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS.

Leia mais
**LIBERDADE PARA ESCOLHER**
*Milton e Rose Friedman (1980)*

# O EVANGELHO ATEU

**LIVRO** ASSIM FALOU ZARATUSTRA
**AUTOR** FRIEDRICH NIETZSCHE **ANO** 1892
**POR QUE LER?** Para perceber a importância da rebeldia – e conhecer algumas verdades inconvenientes sobre as pessoas e a vida.



QUANDO CONCLUIU PARTE DE *ASSIM FALOU ZARATUSTRA*, NIETZSCHE ESCREVEU PARA SEU EDITOR DIZENDO QUE O LIVRO ERA UMA ESPÉCIE DE PREGAÇÃO MORAL. DIAS DEPOIS, ENVIOU NOVO RECADO ALEGANDO SE TRATAR de "uma poesia ou um 'quinto Evangelho' ou algo para qual ainda não existe nome". A indefinição é própria da filosofia experimental desse pensador explosivo. Zaratustra foi um profeta persa que provavelmente viveu no século 6 a.C. e teria estabelecido a diferença entre o bem e o mal. O Zaratustra de Nietzsche assume a tarefa contrária: acabar com a dicotomia que governa a moral dos homens. Quem define o que é certo mesmo? Quem inventou que é errado diferenciar os homens entre si? Essa era, aliás, uma das críticas mais controversas do pensador ao princípio da igualdade defendido pela Igreja.

O livro é composto de quatro partes, lançadas em momentos distintos. A obra como a gente conhece hoje só foi publicada em 1892, quando o filósofo vivia num manicômio. Nela, o pensador alemão faz emergir a figura do super-homem (ou além-do-homem), um indivíduo acima dos códigos morais e das ideias pré-fabricadas sobre como se deve viver. Nietzsche acreditava que Platão – e depois o Cristianismo, que ele chamava de "platonismo para o povo" – deturpou a compreensão que temos de nós mesmos. Depois do século 5 a.C., a vida humana passou a ser considerada um erro, com a instituição platônica de que existe um mundo perfeito – pensamento que vai servir de base para as divisões clássicas entre o bem e o mal. O homem passou a ser submisso a esse ideal acachapante de perfeição e a obedecer a valores cristãos na tentativa de ficar entre os escolhidos.

Em Zaratustra, ele questiona essa ética e prevê um mundo sem Deus, levando ao extremo a postura niilista que ganharia força no século seguinte. Sem o todo-poderoso, o homem ficaria livre para criar seus próprios valores e fazer o que bem entendesse, se tornando um super-homem. Influenciou o anarquismo e todo desprezo às instituições, como o Estado, tão comuns hoje em dia, encantando de hippies a hackers.

Leia mais
**EXTRAVAGÂNCIAS - ENSAIOS SOBRE A FILOSOFIA DE NIETZSCHE**
*Scarlett Marton (2001)*

**"AS CONVICÇÕES SÃO INIMIGAS MAIS PERIGOSAS DA VERDADE DO QUE AS MENTIRAS.**

©Carlo Giovani

“

”

CAPÍTULO 3

# Fundamentos da Ciência

Templos que foram erguidos na Antiguidade estão de pé até hoje. Pensadores como Arquimedes deram contribuições ao conhecimento que continuam atuais. Mas a ciência só deslanchou mesmo a partir do século 17. Foi quando pensadores se tornaram especialistas em buscar respostas por meio de um método. Essa mudança começou com filósofos como René Descartes, cujo argumento a favor do racionalismo cético é um pilar da ciência. Em quase 400 anos de ciência moderna, a civilização viveu sua maior transformação tecnológica: o jeito que nos deslocamos, vivemos, nos comunicamos, tudo isso começou a partir de invenções científicas. Essa busca por conhecimento também mudou a forma como enxergamos nosso lugar no Universo. Conheça os livros que permitiram essa transformação.

# PENSO, LOGO EXISTO

LIVRO **DISCURSO SOBRE O MÉTODO**
AUTOR **RENÉ DESCARTES** ANO **1637**
POR QUE LER? Nos deu a receita de como chegar à verdade.

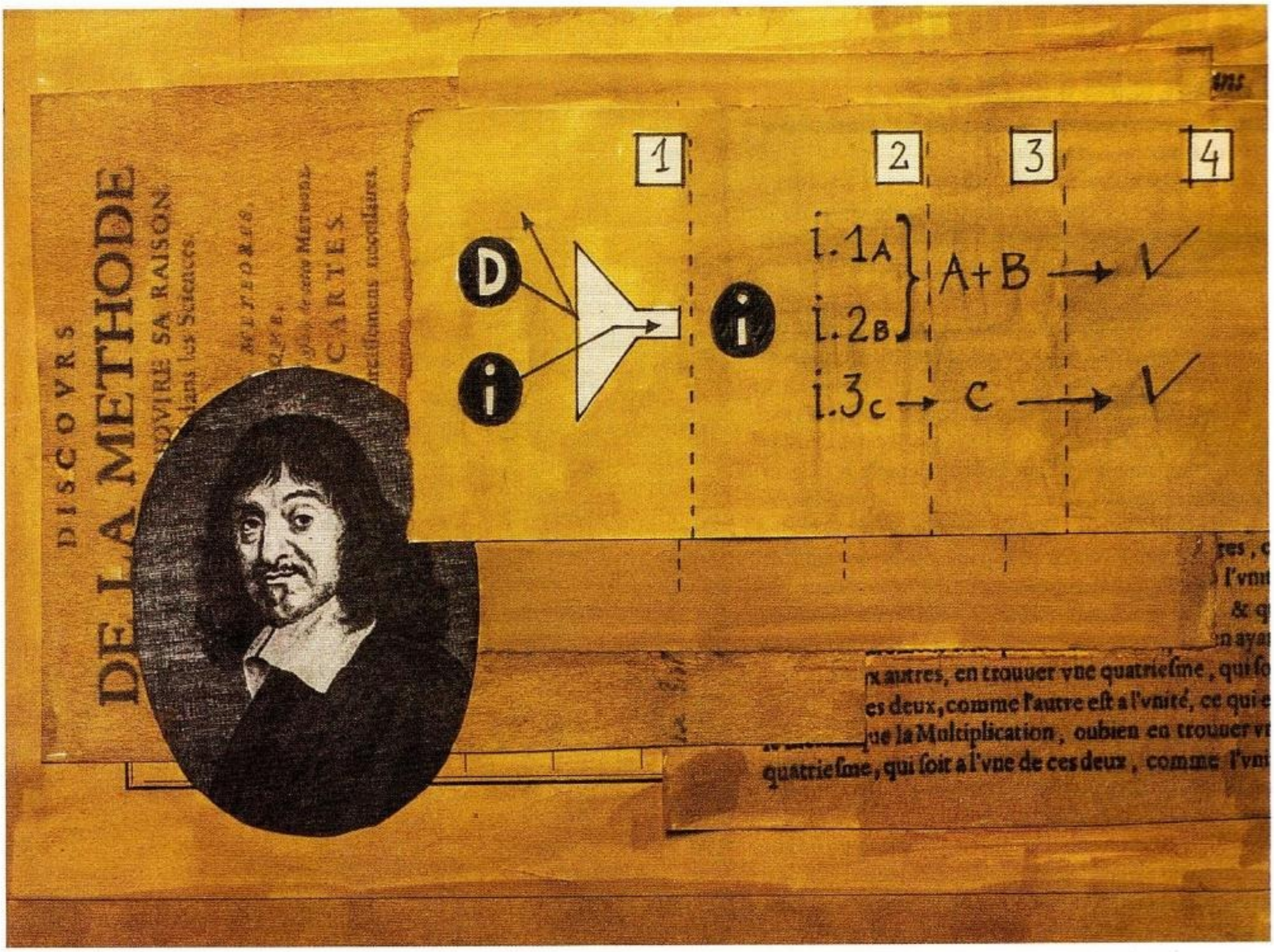
> “PASSEI A NÃO CRER COM MUITA FIRMEZA EM NADA DO QUE FÔRA INCULCADO POR INFLUÊNCIA DA EXEMPLIFICAÇÃO E DO COSTUME. E DESTE MODO ME LIBERTEI (...) DE INÚMEROS ERROS QUE PODEM OBSCURECER A NOSSA LUCIDEZ NATURAL (...).

EM 1633, RENÉ DESCARTES CONCLUIU UM LIVRO AMBICIOSO CHAMADO *O MUNDO OU TRATADO DA LUZ*. NA OBRA, O FILÓSOFO FRANCÊS DE 37 ANOS PRETENDIA LANÇAR IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS, como sua proposta para a mecânica do sistema solar. Mas, naquele mesmo 1633, Galileu Galilei foi condenado pela Inquisição pela heresia de defender que a Terra girava ao redor do Sol. Com medo de represálias, Descartes suspendeu a publicação do livro – a obra só veio a público após sua morte –, mas não paralisou os estudos do pai da filosofia e da matemática modernas.

Nascido com um problema nos pulmões, Descartes era pouco afeito às agitações, embora tenha se alistado no Exército aos 24 anos de idade. O filósofo gostava mesmo era de ficar no seu quarto estudando matemática, física e filosofia. Quando largou o uniforme militar, foi estudar na antiga universidade de Franeker, Holanda, onde teria paz para colocar suas ideias no papel. O período foi fértil: Descartes criou a geometria analítica, aquele sistema de coordenadas que é pesadelo de alguns estudantes e fundamental para a matemática – e também conhecida como geometria cartesiana, homenagem ao seu criador, Renatus Cartesius (o nome latinizado de Descartes).

Nas aulas da prestigiada escola holandesa, Descartes sentia tédio. Via professores repetindo conceitos que não eram questionados apesar da falta de evidências que os sustentassem. Achava que faltava às ciências uma forma de comprovação de supostas verdades. Quatro anos depois de engavetar *O Mundo*, em 1637, satisfeito com seus progressos, Descartes publicou *Discurso sobre o Método* (ou *Discurso do Método*, as duas traduções circulam em português), no qual desenvolve uma forma universal de investigação científica. Mas, em vez de escrever um livro acadêmico, fez uma breve autobiografia. Desde a primeira página, o pensador tenta passar a imagem de autor humilde: “Não é meu propósito ensinar aqui o método que cada um deveria seguir para o bem orientar a sua razão, porém somente demonstrar de que modo procurei conduzir a minha”. Mas era exatamente o que estava fazendo: ensinando um método de busca pelo conhecimento que lançava uma nuvem de ceticismo sobre toda a sabedoria difundida até então. Por que a cautela? Medo da Inquisição? Talvez. Lido no contexto da perseguição religiosa, o *Discurso* tem algo de dissimulado. A humildade de Descartes escondia o quanto de crítica havia no livro. Para ele, qualquer conhecimento, não importa o quão divino ou tradicional, pode e deve ser questionado. Ou seja, Descartes não acreditava em quase nada do que era ensinado na época.

Mas, no século 17, era difícil fazer uma afirmação dessas. O pensador precisou dar voltas para fugir do confronto com a Igreja. Porque, na prática, as famosas quatro regras do seu método constam num curto parágrafo de 854 caracteres (na versão em português) na segunda parte da obra. E são tão claros que nem precisariam de preâmbulo: 1) ser cético e não tomar nada como certo até que haja evidência de que seja certo; 2) dividir os problemas em dificuldades menores; 3) ordenar os problemas do mais simples ao mais complicado, até que não existam mais problemas, e sim evidências, conclusões; e 4) enumerar e revisar as conclusões.




O método cartesiano influenciou toda a ciência que veio a seguir. Ao adotar o procedimento padrão, os pesquisadores passaram a compartilhar não só os resultados e argumentos, mas o passo a passo da investigação, que permitia testar os resultados. *Discurso* já seria um sucesso se tivesse sido encerrado aí.

Mas, nas cerca de 80 páginas do livro, Descartes ainda achou espaço para desenvolver a tese de que existe uma única verdade que não pode ser questionada: a nossa existência. Pensamento resumido na famosa frase "penso, logo existo", que aparece na quarta parte da obra. Diante de tanto ceticismo, Descartes estava preocupado com a validade das evidências que poderiam comprovar as verdades. Se devemos questionar tudo, por que devemos confiar nas informações que colhemos da natureza já que tudo passa pela interpretação dos nossos cinco sentidos? Tudo o que olhamos, cheiramos, escutamos, tocamos ou saboreamos só pode ser analisado pela consciência quando passa pelos nossos ouvidos, olhos, boca, tato e nariz. E, para piorar, essa interpretação é pessoal e intransferível. Como confiar que todas as pessoas perceberiam esses estímulos da mesma forma, permitindo que uma verdade se tornasse válida para todos? O francês concluiu que somente somos capazes de duvidar dos nossos sentidos (ou seja, pensar) porque estamos vivos para receber esses estímulos. Ter a convicção da nossa existência seria a única coisa da qual não podemos duvidar. É filosoficamente possível que a nossa existência seja uma cruel enganação arquitetada por uma entidade do mal capaz de enviar estímulos para o nosso cérebro que criam essa sensação de um mundo físico quando, na verdade, somos apenas chips de computador recebendo bits de informação (como propõem filmes do quilate de *Matrix*). Mas ao menos podemos ter a mínima certeza de que existimos – ainda que enquanto chips e não como humanos.

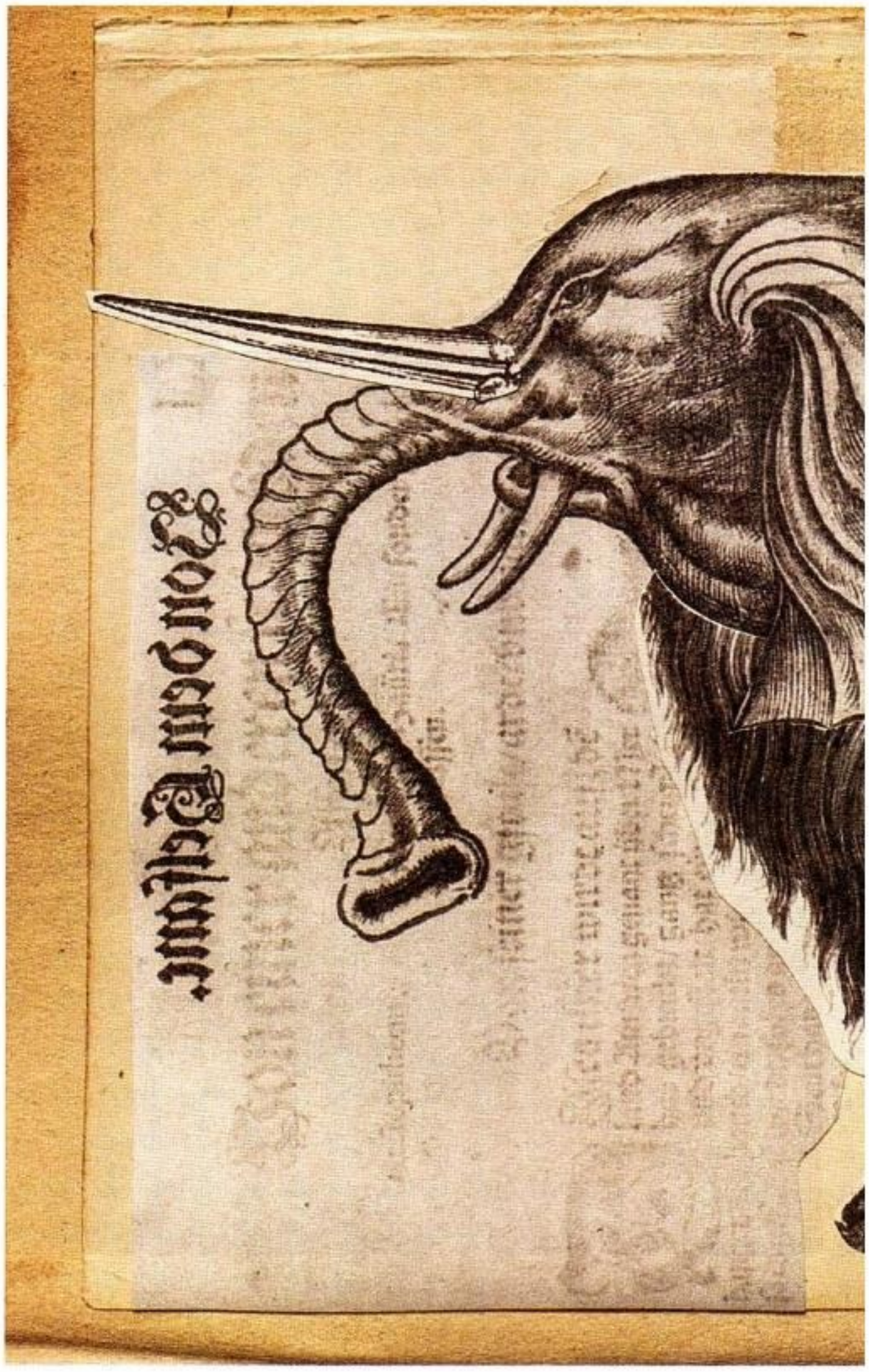
Nas poucas páginas de *Discurso*, Descartes tentou outro golpe: provar a existência de Deus argumentando que o fato de concebermos a ideia de perfeição e de infinito, sendo imperfeitos e finitos, era prova do divino.

Leia mais
**NOVUM ORGANUM**
*Francis Bacon (1620)*

©Carlo Giovani

# SOMOS TODOS PARENTES

**LIVRO** A ORIGEM DAS ESPÉCIES
**AUTOR** CHARLES DARWIN **ANO** 1859
**POR QUE LER?** Para entender de onde viemos.

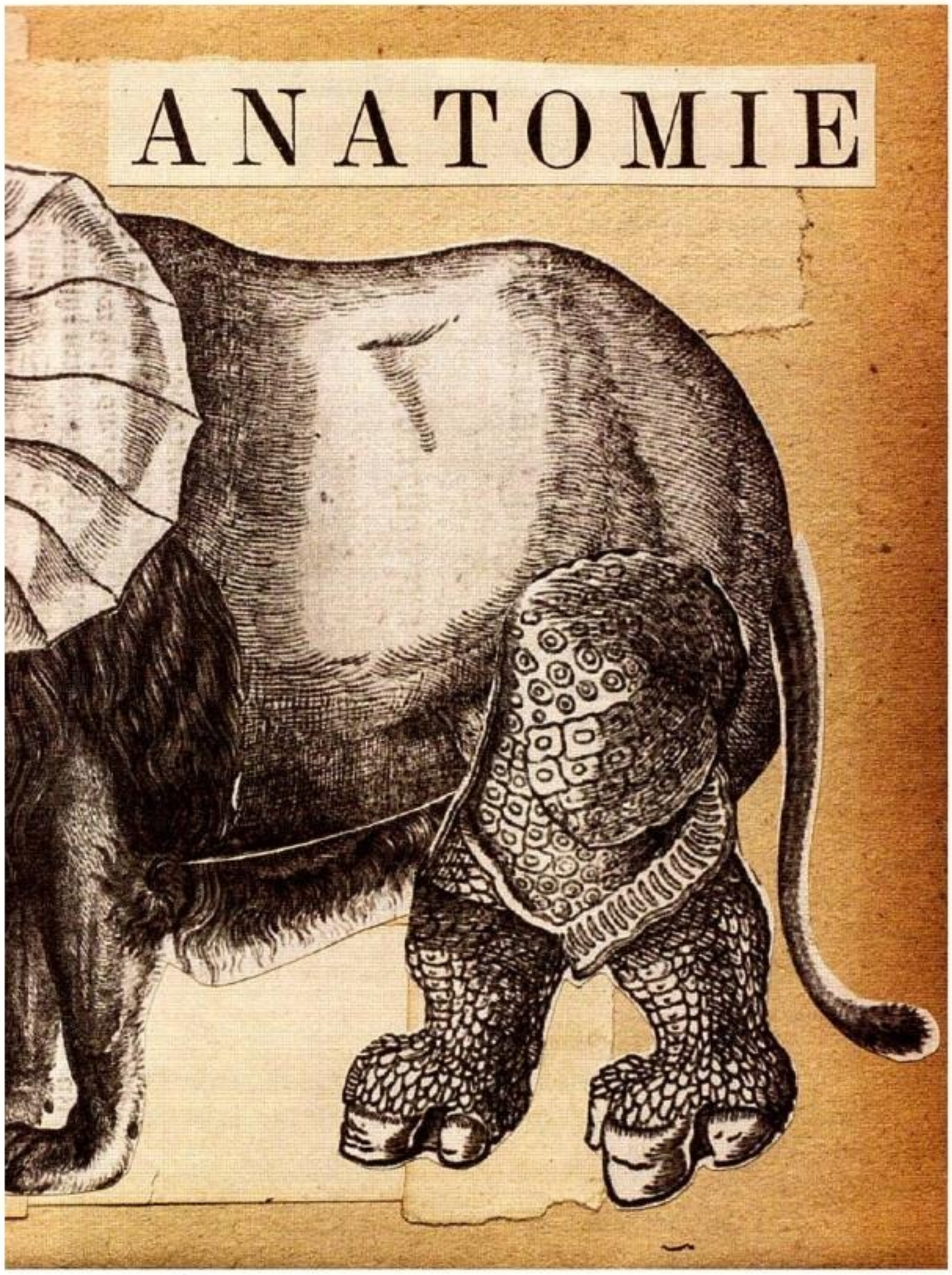


EM 29 DE DEZEMBRO DE 1831, O TÍMIDO CHARLES DARWIN EMBARCOU NO H.M.S. BEAGLE, UM NAVIO BRITÂNICO QUE FARIA UM LEVANTAMENTO CIENTÍFICO NAS COSTAS da Argentina, Chile, Peru e Ilhas do Pacífico, instalando equipamentos de medição de tempo. A viagem de quase cinco anos rendeu um livro, *A Origem das Espécies*, publicado em 1859. Demorado, certo? O inglês de saúde frágil levou 23 anos para colocar no papel os insights que teve durante a aventura. Se houvesse Facebook na época, talvez Darwin caísse na tentação de compartilhar a epopeia em tempo real, postando fotos de tartarugas das Ilhas Galápagos e levantando dúvidas sobre os cascos dos répteis, que variavam conforme o local de origem – um debate incendiário tomaria conta da caixa de comentários. Mas foi justamente o capricho de Darwin que tornou o livro um blockbuster – e, mais tarde, um marco da ciência.

A ideia da evolução das espécies já estava no ar antes do navio zarpar. Na Antiguidade, chineses, gregos e romanos haviam levantado a hipótese, sepultada pela popularização do conceito de criação divina de cada espécie. No início do século 19, o naturalista francês Jean-Baptiste Lamarck ganhou notoriedade ao propor um protoevolucionismo. Bateu na trave. Enquanto a tese do francês circulava, Darwin vagava sem muito rumo por universidades. Chegou a estudar medicina e geologia, mas sua vida começou a tomar jeito mesmo quando conheceu o cientista John Stevens Henslow, que virou uma espécie de mentor de Darwin.

O rapaz tinha apenas 22 anos quando recebeu o convite de Henslow para subir no navio e viver a aventura científica. O pai de Darwin reprovou a ideia, mas o tio do jovem, Josiah Wedwood II, considerou a proibição absurda e convenceu Darwin pai que jovens de 22 anos devem explorar ilhas remotas – devemos muito ao tio. Darwin pisou no convés do Beagle como um naturalista amador, ou seja, como um mero observador dos trabalhos. No início, ficou mais curioso por pedras do que por animais, o que o levou a propor alguns avanços na geologia quando desembarcou. Antes de arrumar a mala, o jovem não tinha motivos para crer em evolução. Foi documentando bichos exóticos que Darwin começou a perceber que as diferenças entre exemplares da mesma espécie não eram resultado de puro acaso (ou escolha divina), mas de adaptações.

Intuiu que geografia e fauna estavam relacionadas e passou a observar que, em algumas áreas, espécies haviam sido extintas. Depois, notou que tatus fossilizados na América do Sul eram parecidos com os que ainda viviam no continente, sugerindo que os animais vivos tinham íntima relação com extintos, apesar de não serem idênticos. Darwin também notou variações em emas de partes diferentes do continente – as da Patagônia eram menores que as demais – e de tartarugas em Galápagos. Por fim, veio a grande sacada: espécies sobrevivem e morrem devido à disponibilidade de recursos e às condições para sua perpetuação, a tal de seleção natural. E foi assim, comparando tarta-




> “(...) É TAMBÉM EVIDENTE QUE, DESDE QUE UM ORGANISMO COMEÇOU A VARIAR, CONTINUA ORDINARIAMENTE A FAZÊ-LO DURANTE NUMEROSAS GERAÇÕES.

rugas, tatus e emas, que o cientista chegou à sua mais brilhante conclusão. As espécies não permanecem imutáveis, mas se transformam. Uma única espécie pode ter dado origem a duas ou mais, e o isolamento de grupos favorecia cruzamentos entre animais melhor adaptados ao meio, perpetuando novas características.

Mas as conclusões não vieram a público logo depois da viagem. Darwin formulou uma primeira teoria e, perfeccionista que era, fez muitas e muitas versões. Os amigos ridicularizavam o esforço interminável, mas o cientista foi ganhando reputação como naturalista nos bastidores. E teria continuado na lenga-lenga de revisar o manuscrito infinitamente não fosse um pequeno incidente: em 1858, recebeu uma carta do amigo Alfred Russel Wallace, contendo um manuscrito sobre – tchanãaan! – a Teoria da Evolução. Vindo diretamente da Malásia, o artigo mostrava que Wallace chegara às mesmas conclusões que Darwin. Depois de conversas e combinações, o já não tão jovem Charles decidiu publicar sua obra-prima, com o apoio do amigo e dividindo os louros da vitória. Além de gênio, Darwin também era um bom amigo. *Origem* contém todo o raciocínio que levou à Teoria da Evolução, explicado tim-tim por tim-tim. Em um mês, cerca de 6 mil cópias estavam na rua - um best seller instantâneo até para os padrões de hoje. Na virada do século, mais de 100 mil exemplares haviam sido vendidos somente em inglês. Nada mal para um livro sem figuras ou diálogos.

Leia mais
**UMA BREVE HISTÓRIA DE QUASE TUDO**
*Bill Bryson*
*(2003)*

©Carlo Giovani

# GUIA PRÁTICO DO UNIVERSO

**LIVRO** A TEORIA DA RELATIVIDADE ESPECIAL E GERAL
**AUTOR** ALBERT EINSTEIN **ANO** 1916
**POR QUE LER?** Porque foi escrito pelo maior de todos os cientistas.

EM 11 ANOS, ALBERT EINSTEIN DESCOBRIU COMO A LUZ VIAJA, A NATUREZA DA GRAVIDADE, FORNECEU EVIDÊNCIAS DA EXISTÊNCIA DE ÁTOMOS E MOSTROU QUE O TEMPO NÃO É UM FLUXO CONTÍNUO, MAS ALGO TÃO MALEÁVEL QUANTO massinha de modelar. Quando terminou o trabalho, em 1916, havia criado a Teoria Geral da Relatividade. No fim do ano, sabendo que havia feito avanços fundamentais para a ciência, achou tempo para mais uma façanha: terminar um livro para o público leigo.

No curto *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*, o físico alemão reescreveu seus artigos com palavras mais simples e cortou fórmulas matemáticas – no Brasil, o livro foi publicado ao longo das décadas com mais de um título e é possível encontrar edições batizadas como *A Teoria da Relatividade* ou *Fundamentos da Teoria da Relatividade*. "A leitura pressupõe que o leitor tenha formação equivalente à do ensino médio e – apesar da brevidade do livro – paciência e força de vontade", escreveu o cientista no prefácio da obra. Einstein, que mais tarde foi reconhecido pelo talento para se expressar por escrito no seu alemão nativo, queria explicar duas coisas com o livro: a Teoria da Relatividade Especial e a Teoria da Relatividade Geral.

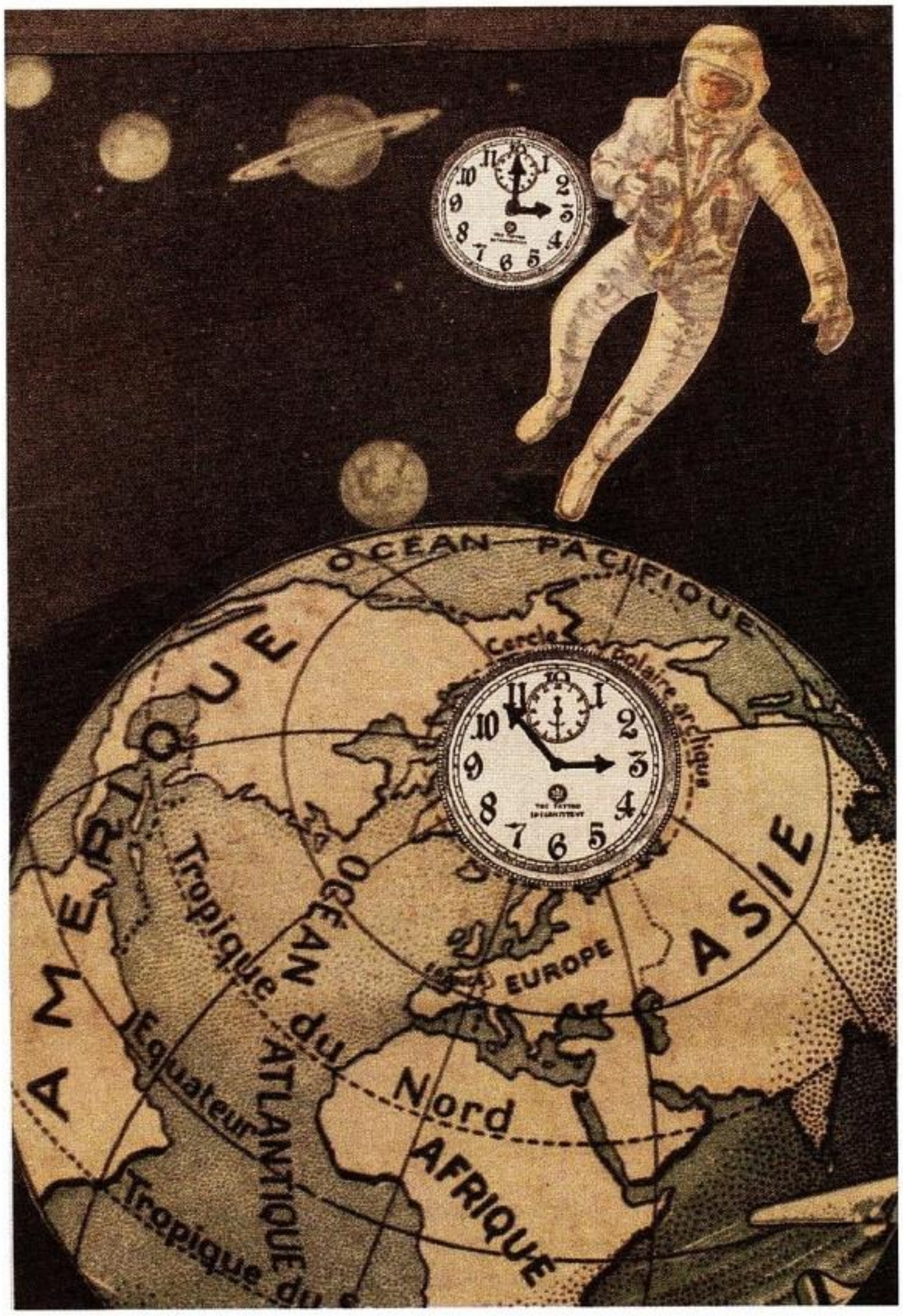
A relatividade especial (também conhecida como "restrita") veio antes, em 1905, quando parte da comunidade científica já se dava por satisfeita com os avanços dos últimos 200 anos. Desde que Isaac Newton havia codificado a natureza em fórmulas matemáticas em 1687, uma sequência de avanços científicos, tecnológicos e sociais já tinham transformado a economia, o cotidiano, a sociedade, o trabalho, as cidades, tudo. O século que nascia seria de aprimoramentos, não de revoluções.

Ironicamente, o conforto do mundo científico não começou a ruir num laboratório, mas numa repartição pública de Berna, na Suíça. Em 1902, aos 22 anos, Einstein finalmente conseguiu um emprego. O trabalho no escritório de registro de patentes suíço não era ideal ou sequer tinha relação direta com a sua formação (engenheiros se davam melhor no posto), mas Albert finalmente poderia pagar as contas e se concentrar nos problemas de física teórica que o perturbavam desde a adolescência. Antes disso, ele havia tentado diversas vagas como professor, sem sucesso. Cientistas acreditavam que mistérios como a eletricidade, o movimento e a evolução das espécies estavam desvendados. Mas uma ponta solta havia sobrado: a luz.

No final do século 19, os físicos descobriram que a luz tem uma propriedade aparentemente sobrenatural: se você persegue um raio, ele "foge". Assim: o raio sempre vai se afastar de você a 1,08 bilhão de km/h mesmo que você persiga ele a 1 bilhão de km/h (em termos científicos, isso significa que a velocidade da luz é "constante". No vácuo, ela será sempre de 1,08 bilhão de km/h, ou 300 mil m/s, não importando a velocidade em que você, o observador, esteja). Ninguém sabia por quê. Mas Einstein matou a charada. Descobriu que o raio não "foge". O que acontece é que o tempo começa a passar num ritmo diferente conforme a velocidade aumenta. Grosso modo, é isso que causa a "ilusão" de que a luz foge. A sacada luminosa o levou a outras conclusões. Por exemplo, o espaço não é um ambiente feito apenas de profundidade, altura e largura. Einstein comprovou que o tempo também é uma dimensão fundamental e, por isso, vivemos num espaço-tempo, e não no espaço. Essa mudança tem quatro conclusões incríveis: quando você está em movimento, o tempo passa mais devagar, o espaço é menor, você fica mais pesado, e eventos ocorrem em momentos diferentes na visão de quem está parado comparado com quem está andando. Ou seja, tempo, espaço, massa, é tudo relativo à velocidade – e daí veio o nome da teoria. Einstein fez cálculos, batizou a tese de Teoria da Relatividade Estrita e enviou os resultados para uma revista científica alemã.

Meses depois, publicou um suplemento ao artigo onde apresentava a famosa fórmula $E = mc^2$, que mostra equivalência entre energia e massa (ou seja, energia é matéria liberada; matéria é energia em potencial). O "c" da equação é a velocidade da luz ao quadrado, um valor absurdo. Isto é, a energia contida na matéria é descomunal. Isso explica, por exemplo, como o Sol pode arder por bilhões de anos sem que sua energia acabe. O impacto imediato das descobertas foi modesto. Mas as conclusões, tremendas. Numa tacada só, provou a natureza da luz e que matéria e energia estão relacionados e, em outro experimento, também mostrou a existência de átomos. Você não percebe nada disso por uma razão: os efeitos são ínfimos na velocidade do nosso cotidiano. Mas, próximo da velocidade da luz, a 1,08 bilhão de km/h, isso tudo fica claro.

Para um mero burocrata que não trabalhava numa universidade e nem trocava ideias com outros professores, foi um feito e tanto. Mas incrível mesmo foi como Einstein partiu desse insight para criar a Teoria da Relatividade Geral, uma ideia inteiramente sua. A nova tese era "geral" porque pretendia estender esses efeitos para objetos em aceleração. Em 1905, a relatividade era "estrita" pois lidava apenas com corpos em velocidade contínua. Para




> “(...) OS RELÓGIOS MARCHARÃO MAIS DEPRESSA OU MAIS DEVAGAR SEGUNDO O LUGAR QUE OCUPE O RELÓGIO (EM REPOUSO). PORTANTO, COM AJUDA DE RELÓGIOS COLOCADOS EM REPOUSO COM RESPEITO AO CORPO DE REFERÊNCIA NÃO É POSSÍVEL DAR UMA DEFINIÇÃO RAZOÁVEL DO TEMPO.

isso, Einstein refletiu sobre uma aceleração que nos atinge todos os dias: a gravidade. Newton acreditava que a força que nos puxa para o chão era resultado de uma atração entre corpos. O físico alemão levou 11 anos para perceber que a gravidade era resultado da deformação da geometria do Universo, do próprio espaço-tempo. No modelo do alemão, revelado em 1915, qualquer massa (uma barata, uma pessoa) deforma esse tecido invisível. Mas o efeito só se torna perceptível quando a massa é muito grande, como a da Terra ou a do Sol. A massa empurra esse tecido, como uma bola em cima de um lençol esticado. Daí, todos os outros corpos caem para o centro desse buraco. Eis a gravidade. E as coisas ficaram ainda mais relativas com as descobertas de Einstein. Por exemplo, o tempo passa diferente dependendo da aceleração. Quanto maior for a gravidade, mais lento é o tempo: quem está no térreo de um prédio envelhece mais devagar do que quem está no 50º andar. Na prática, ninguém vê diferença. Mas a alteração nos relógios permitiu a sincronia de satélites do GPS, o sistema de posicionamento global. Lá no espaço, o tempo passa mais rápido do que na superfície da Terra, e, se não fosse o alemão, a moça do GPS acabaria dizendo para você dobrar a esquina antes da hora.

A teoria foi comprovada em 1919 quando astrônomos detectaram a deformação da trajetória da luz de uma estrela num eclipse. Ou seja, a massa do Sol alterava até a rota da luz. Seu livro foi lançado em inglês um ano depois. Einstein ganhou o Nobel e virou uma celebridade.

Leia mais
**O UNIVERSO ELEGANTE**
*Brian Greene*
*(1999)*

©Carlo Giovani

# MANUAL ANTICRISE

LIVRO TEORIA GERAL DO EMPREGO, DO JURO E DA MOEDA
AUTOR JOHN MAYNARD KEYNES ANO 1936
POR QUE LER? Keynes entendeu que somos irracionais diante do dinheiro.

EM OUTUBRO DE 1929, JOHN MAYNARD KEYNES ACOMPANHOU O PREÇO DAS AÇÕES DESPENCAR NA BOLSA DE NOVA YORK, E PARTE DOS SEUS INVESTIMENTOS EVAPORAR. AOS 46 anos, já era um macroeconomista renomado, ávido investidor da bolsa, além de consultor de negócios. Mas, como a maioria dos seus colegas, não previu a crise que abalou o mundo e que acabou consumindo 80% da sua fortuna. Com o ego ferido, de acordo com o seu biógrafo John F. Wasik, ele ficou obcecado em encontrar uma forma de reaquecer a economia, diminuir o desemprego e incentivar investimentos na bolsa de valores.

Nos anos seguintes, durante a Grande Depressão, Keynes trabalhou como conselheiro econômico do governo britânico e, aos poucos, foi elaborando a sua teoria. Chegou à conclusão de que a única maneira de acabar com a recessão dependia dos governos: injetar muito dinheiro no setor privado, gerando um ciclo de crescimento econômico e aumentando a confiança dos investidores. Keynes começou a apresentar essa ideia em palestras e cursos, mas foi só em 1936 que a descreveu com detalhes no livro *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*.

O método de reaquecimento da economia, hoje conhecido como "estímulo keynesiano", foi considerado radical por romper com a teoria clássica da economia – paradigma teórico desenvolvido, entre outros, por Adam Smith. Em 1776, o escocês Smith havia publicado *A Riqueza das Nações*, livro que inaugurou a economia moderna e consolidou as ideias liberais de algumas nações europeias que viviam a infância da Revolução Industrial. No modelo de Adam Smith, governos atrapalham o crescimento econômico quando se metem demais no dia a dia dos negócios. O liberalismo defende um mercado independente do setor público, com capacidade de se autorregular automaticamente, sem necessidade de interferências de presidentes e ministros. Mais ou menos assim: uma

> “UMA SOCIALIZAÇÃO AMPLA DOS INVESTIMENTOS SERÁ O ÚNICO MEIO DE ASSEGURAR UMA SITUAÇÃO APROXIMADA DE PLENO EMPREGO.

temporada de chuvas prejudica as vendas dos feirantes, mas vira boa notícia para vendedores de guarda-chuvas. A sociedade continua gastando dinheiro e gerando riquezas constantemente – o dinheiro apenas muda de mãos. Se o feirante quebrar, tudo bem. O setor de guarda-chuvas, em alta, vai gerar mais empregos e poderá absorver os demitidos da banca de frutas. No fim, tudo dá certo. Os economistas clássicos viam o setor privado como um ciclista, "que às vezes cai da bicicleta, mas em seguida levanta e continua a pedalar", segundo Wasik.

Mas Keynes acreditava que os períodos de instabilidade seriam muito longos e dolorosos para a sociedade sem a interferência governamental. Mesmo com oferta de emprego na indústria de guarda-chuvas, o trabalhador da feira tem outra especialidade. Por isso, seu emprego não está garantido no setor aquecido. Enquanto tenta se recolocar no mercado, ele vai deixar de pagar o aluguel, parar de fazer compras e seus filhos terão de sair da escola para ajudar no orçamento de casa. Uma bola de neve econômica que prejudica a sociedade em diversos níveis. Mas e se os governos oferecessem seguro-desemprego, cursos de requalificação

e financiamento subsidiado para o feirante sobreviver à temporada de chuvas? O drama seria abreviado.

Keynes sabia que não seria tarefa fácil convencer os seus colegas de que estavam errados. Por isso escreveu um livro extremamente teórico e minucioso, com mais de 300 páginas divididas em seis partes – um grande desafio para o leitor desavisado. A obra começa explicando os problemas da teoria clássica, ponto a ponto. Em seguida, reflete sobre formas de estimular a economia e introduz a ideia de que financiamento público pode elevar a confiança de consumidores e investidores, fazendo girar a engrenagem. Foi a primeira vez que um economista vinculou comportamento humano ao bem-estar da economia. Ou seja, Keynes percebeu que somos irracionais quando o assunto é dinheiro. Embora somas e multiplicações não sejam nada além de matemática básica (previsível e constante), as pessoas tomam decisões financeiras com base nas próprias emoções e interpretações sobre o futuro (subjetivas e inconstantes). Na crise, o "espírito animal" toma conta, as decisões se tornam mais pessimistas, e o resultado vira uma espiral de fracasso para todos.

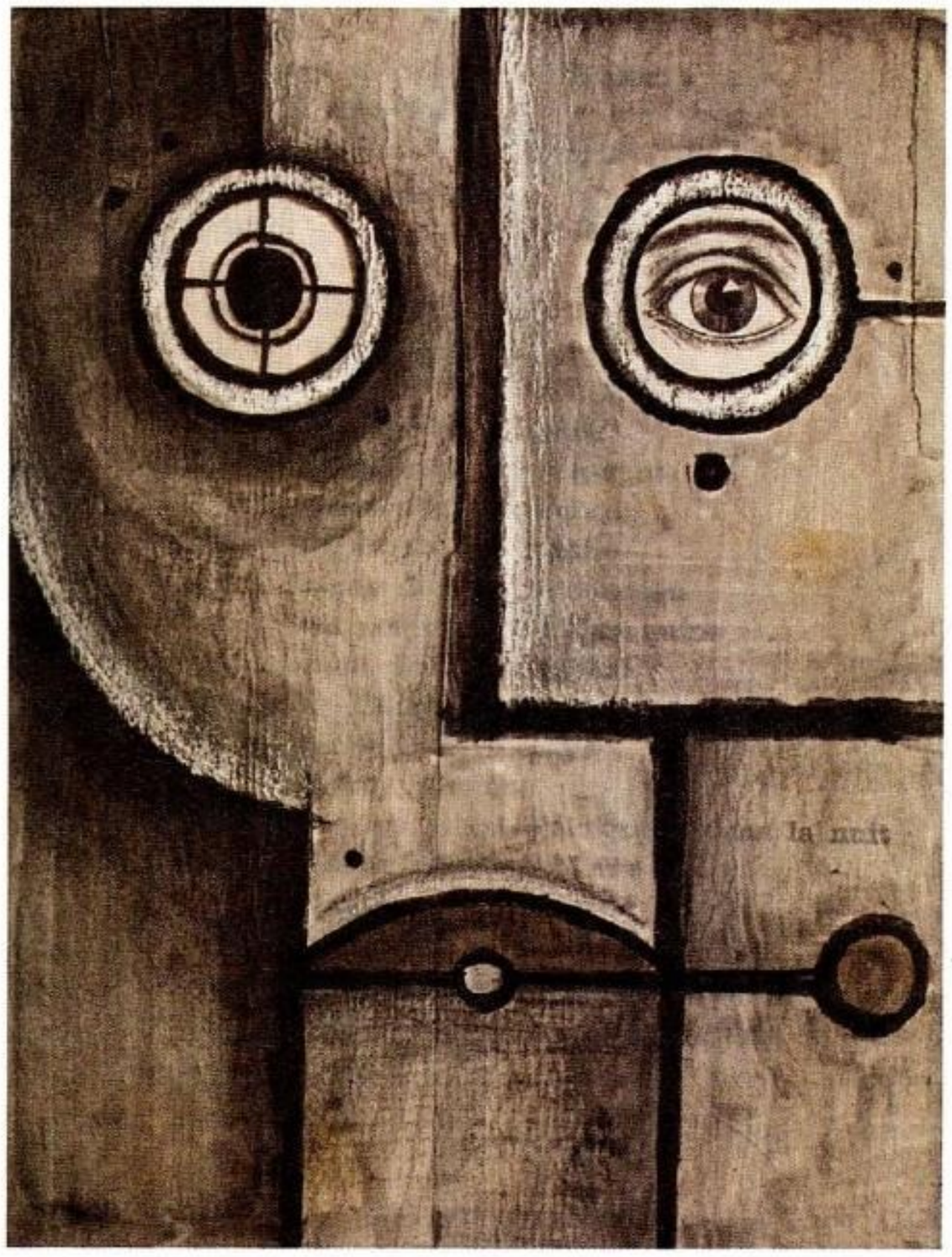
O economista não teve tempo para ver a repercussão das suas ideias. Ele morreu dez anos após a publicação do livro, sendo que passou um bom tempo debilitado por uma doença cardíaca. Se tivesse vivido mais, teria visto que os seus princípios foram amplamente adotados por líderes mundiais após a 2ª Guerra. Em 2008, teria observado, orgulhoso, o presidente americano Barack Obama injetar US$ 800 bilhões no setor privado para evitar a falência em cascata de bancos e uma recessão ainda pior do que se viu dali em diante. "Foi uma intervenção tipicamente keynesiana, um receituário muito semelhante ao que ele tinha proposto para a crise de 1929", diz Nelson Marconi, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e vice-presidente da Associação Keynesiana Brasileira.

Leia mais
**SALVE-SE QUEM PUDER**
*Edward Chancellor (1999)*

©Carlo Giovani

# AS TRÊS LEIS DA ROBÓTICA

LIVRO EU, ROBÔ
AUTOR ISAAC ASIMOV ANO 1950
POR QUE LER? Os robôs vêm aí e é melhor estar preparado para conviver com máquinas espertas.



O CIENTISTA POP STEPHEN HAWKING DISSE EM 2014 TEMER QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL POSSA EVOLUIR MAIS RÁPIDO DO QUE NÓS, SERES LIMITADOS PELA BIOLOGIA. ASSUSTADOR? SIM, MAS ACOSTUME-SE: SINAIS DE QUE O homem terá de conviver com alguma inteligência de silício continuam a brotar. Ainda em 2014, pela primeira vez um programa de computador enganou um número considerável de jurados no Teste de Turing. Ao tentar distinguir uma máquina de um humano, 10 dos 30 avaliadores foram convencidos de que o programa era um menino ucraniano chamado Eugene.

Até 1950, não havia espaço na nossa imaginação para robôs capazes de enganar ou seduzir humanos, como o sistema operacional do filme *Ela*, onde a voz de Scarlett Johansson namora um homem solitário. A tecnologia estava longe dessa realidade – as Scarletts robóticas não eram verossímeis. A literatura padecia de um complexo de Frankenstein: máquinas eram apenas monstros que se voltavam contra seus criadores. A grande sacada de Isaac Asimov em *Eu, Robô* foi romper com a superficialidade e antecipar a complexidade de seres artificiais – que agora podem ser dóceis, maus, ambíguos ou só inteligentes. O enredo segue o relato da personagem Susan Calvin, *robopsicóloga* que está sendo entrevistada no final da vida. Ela narra as passagens mais importantes da carreira em nove contos. A partir de casos particulares, Asimov desenha um futuro onde máquinas tomam suas próprias decisões, e a vida dos humanos é inviável sem a ajuda de seres autômatos.

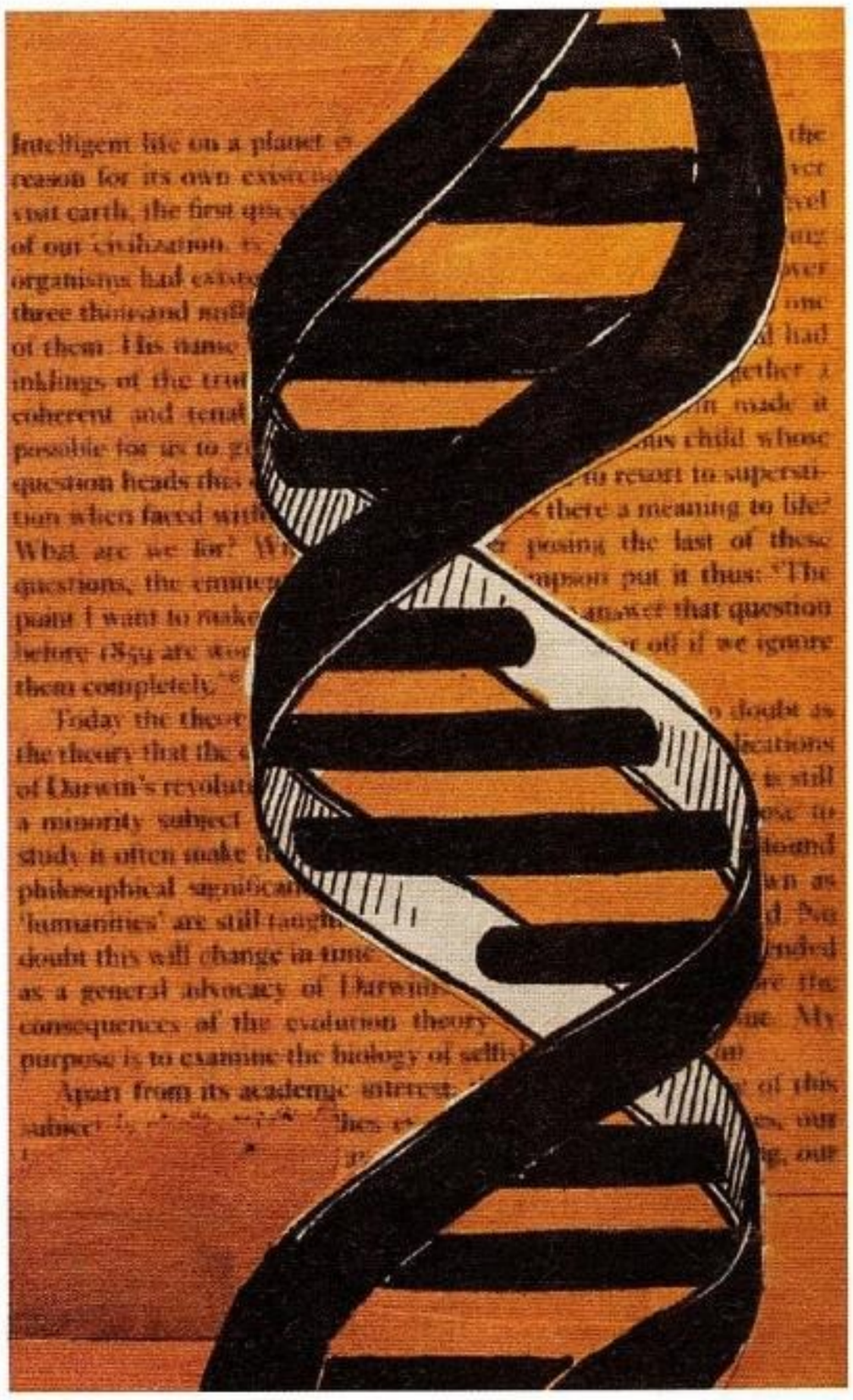
O livro também virou um clássico porque enumera as Três Leis da Robótica: 1) um robô não pode ferir um humano ou permitir que um humano sofra algum mal; 2) os robôs devem obedecer às ordens dos humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a primeira lei; e 3) um robô deve proteger sua própria existência, desde que não entre em conflito com as leis anteriores. As regras visam à paz entre autômatos e seres biológicos, impedindo rebeliões. Tanto que as diretrizes são até hoje respeitadas pelos pesquisadores de inteligência artificial. Com o livro, a ficção científica deixou de ser só fantasia para entrar definitivamente no campo da discussão ética sobre a nossa relação com a tecnologia.

Leia mais
**TRILOGIA DA FUNDAÇÃO**
*Isaac Asimov (1953)*

**“POR QUE ESTÁ CHORANDO, GLORIA? ROBBIE ERA APENAS UMA MÁQUINA (...)”. “ELE NÃO ERA NENHUMA MÁQUINA!”, GRITOU GLORIA. “ELE ERA UMA ´PESSOA´, COMO EU E VOCÊ.”**

# DE VOLTA À NATUREZA

**LIVRO** O GENE EGOÍSTA
**AUTOR** RICHARD DAWKINS **ANO** 1976
**POR QUE LER?** O zoólogo mostrou como nossos genes influenciam comportamentos e escolhas.



> “SOMOS MÁQUINAS DE SOBREVIVÊNCIA - VEÍCULOS ROBÔ PROGRAMADOS CEGAMENTE PARA PRESERVAR AS MOLÉCULAS EGOÍSTAS CONHECIDAS COMO GENES.

No início, havia a vontade de Deus (ou de deuses) explicando todas as coisas. Depois, o homem começou a se dar conta que descer ao inferno era resultado das suas próprias escolhas – ainda que as decisões estivessem ligadas à moralidade religiosa. Foram sete séculos aprimorando uma espécie de arrogância sobre a natureza: como era capaz de refletir sobre a própria existência, o homem estava convencido de que havia transcendido sua condição de animal.

Foi um erro. O homem não é um ser especial feito à imagem e semelhança de Deus (há molde mais nobre?), mas um herdeiro de bilhões de anos de evolução, como mostrou Darwin. Bom, ainda somos a única espécie capaz de pensar e tomar decisões racionais, certo? Mais ou menos. Foi o que o Richard Dawkins mostrou em 1976, em *O Gene Egoísta*. No livro, o zoólogo compilou décadas de estudos para convencer a comunidade científica e o público leigo (Dawkins tem um texto fácil e até divertido) de que a evolução não produziu apenas espécies melhor adaptadas ao meio. O darwinismo podia ajudar a explicar como somos comandados pelos nossos genes.

Dawkins, que era um zoólogo pouco conhecido quando publicou o livro, mas tinha estudado com o Prêmio Nobel Nikolaas Tinbergen, especialista em comportamento animal, percebeu que a lógica da evolução acontecia no nível genético. Isto é, são as moléculas do nosso DNA que buscam a perpetuação – e não as espécies. Para o zoólogo, os genes desenvolveram plantas e animais como “robôs” cada vez mais sofisticados para se proteger e se reproduzir – “máquinas de sobrevivência”, como definiu. Se a espécie não for eficiente, o robô será substituído por outro. Sai a ideia da perpetuação das espécies e entra a da perpetuação de genes.

Havia uma repercussão filosófica no conceito: nosso livre-arbítrio não foge à lógica genética. Não seria tão livre assim. O zoólogo foi bombardeado. Críticos dizem que genes não têm vontade própria e, assim, não podem criar máquinas de sobrevivência.

Mas, com o mapeamento genético, décadas depois, sua tese está cada vez mais atual. Compartilhamos 99% dos genes com chimpanzés. O índice mostra que os verdadeiros vitoriosos dessa guerra são os 99% de genes presentes nas diferentes máquinas de sobrevivência, e não o solitário 1% que nos diferencia.

Leia mais
**COMO A MENTE FUNCIONA**
*Steven Pinker (1998)*

©Carlo Giovani

# O UNIVERSO DO INÍCIO AO FIM

**LIVRO** UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO
**AUTOR** STEPHEN HAWKING **ANO** 1988
**POR QUE LER?** O maior cientista do nosso tempo mostra como tudo – tudo mesmo – surgiu.

EM ALGUM MOMENTO DA VIDA, MAIS CEDO OU MAIS TARDE, EM MEIO A PROFUNDA REFLEXÃO OU POR SIMPLES CURIOSIDADE, O HOMEM PENSA DE ONDE VEIO E PARA ONDE VAI. CONTEMPLA A IMENSIDÃO DO CÉU E PERCEBE que pouco ou nada sabe sobre sua existência. De onde surgiu o Universo? Como e por que ele começou? Algum dia ele terá fim? Respostas e hipóteses estão diluídas em trabalhos complexos, de linguagem técnica e que requerem conhecimento matemático avançado. O livro *Uma Breve História do Tempo*, lançado em 1988 por Stephen Hawking, é um resumo para leigos do que a ciência já descobriu sobre o espaço e o tempo.

Nascido em 1942, o inglês Stephen William Hawking é considerado o mais iluminado físico teórico desde Albert Einstein. Ocupa na Universidade de Cambridge, onde é pesquisador e professor, um posto preenchido anteriormente por Isaac Newton. A essência de seu estudo é tentar formular uma teoria capaz de abarcar dois campos contraditórios: a relatividade, que investiga os fenômenos cósmicos, e a mecânica quântica, que explora as relações existentes entre partículas subatômicas. Unidos em uma estrutura lógica, seriam a explicação definitiva do funcionamento do Universo. No início dos anos 70, quando agitava a comunidade científica com suas pesquisas sobre buracos negros, Hawking já havia sido diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica, um raro mal degenerativo e sem cura que paralisa os músculos do corpo. Logo foi perdendo os movimentos, parou de andar e passou a usar cadeira de rodas. Em 1985, ficou entre a vida e a morte por conta de uma pneumonia. Submetido a traqueostomia, perdeu a voz. Nada disso abalou o projeto desafiador de escrever um livro com linguagem simples para democratizar o conhecimento científico sobre o cosmos. A tarefa foi possível graças ao Equalizer, software que permite montar frases selecionando, com o toque da mão, palavras em um tablet. O programa envia as informações a um sintetizador, que cria a voz robótica pela qual o físico também passou a ser famoso, virando até música do grupo britânico Pink Floyd.

Nas primeiras páginas, Hawking fala um pouco da infância e da vida pessoal enquanto traça um panorama da evolução científica, desde os gregos até hoje. Explica conceitos básicos da física e da cosmologia, desvenda os mistérios do Big Bang e então parte para temas mais complexos, como buracos negros e a teoria das supercordas. Por fim, apresenta de maneira simplificada seu próprio trabalho e sua importância na busca pela "teoria de tudo", uma lógica única para entender o Universo por inteiro. A primeira grande contribuição de Hawking foi desenvolver técnicas matemáticas para demonstrar o Big Bang, o início de tudo. Um cálculo capaz de sustentar a ideia de que todas as galáxias já estiveram comprimidas em um único ponto, quando a densidade do cosmos era infinita. A descoberta mais importante, no entanto, foi de que buracos negros emitem radiação, achado capaz de abrir novas possibilidades para explicar o Universo, de superar limitações dos estudos de Einstein e de deixar duas teses conflitantes – a relatividade, que explica a gravidade, e a mecânica quântica, que detalha todas as outras forças da natureza – mais próximas de uma conexão. Um importante passo no caminho da teoria da unificação. Motivo: buracos negros não deveriam emitir nada segunda a relatividade. Hawking, porém, mostrou que fenômenos quânticos possibilitam essa remissão. Ou seja, driblam as leis de Einstein.

*Uma Breve História do Tempo*, porém, não é uma obra de física ou de ciência. Trata de história. O autor posiciona o leitor diante da linha de descobertas sobre o Universo. No final do século 19, não sabíamos nada além do átomo. Nos anos 30, Einstein testava objetos de um milésimo de milímetro. Hoje pesquisadores observam partículas de um trilionésimo de milímetro e arriscam hipóteses sobre fenômenos ocorridos em escalas muito menores. É ao mesmo tempo um livro sobre a história do Universo e sobre a história dos homens que tentam desvendar seus mistérios. E vai além, nos faz pensar sobre o futuro: que tipos de problemas temos pela frente? O que vamos descobrir em breve?

É claro que o tema é casca grossa e que, mesmo com os esforços didáticos do autor, alguns conceitos não são nada simples de entender. Mas nenhum outro livro é capaz de tratar de temas tão espinhosos com tamanha leveza. A prosa simples, com toques de humor e recheada de metáforas, pode ser lida de maneira linear, sem grandes solavancos. Tornou-se um sucesso editorial. Quebrou recordes de listas de mais vendidos, foi traduzido para mais de 30 idiomas e ganhou incontáveis reimpressões e reedições. Estima-se que cerca de 30 milhões de exemplares tenham saído das prateleiras. A prova irrefutável de que nosso interesse pelo Universo consegue ser maior que o mistério do cosmos – e que a missão de oferecer uma versão acessível do assunto foi cumprida.

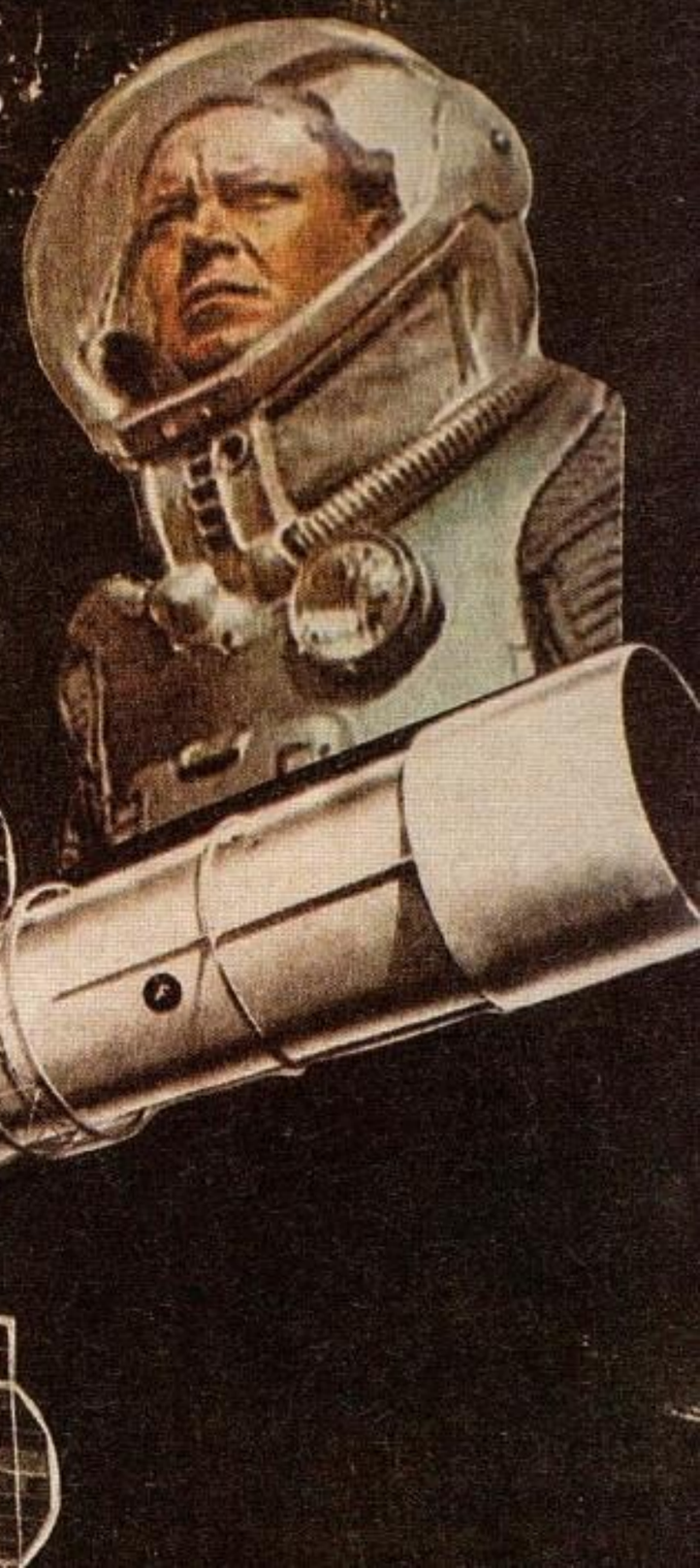
Leia mais
**O TECIDO DO COSMO**
*Brian Greene (2004)*

> AINDA HOJE SENTIMOS A MESMA ÂNSIA DE SABER POR QUE ESTAMOS AQUI E DE ONDE VIEMOS.

gravity

e neare
relativi

Again,
e. So general re
redicts that the light c
sun. This means that ligh
small angle, causing the s
, if the light from the star al
ng deflected or if instead t
h, different stars appear to
arent position relative to
kes it impossible to
lipse of the s



“

”

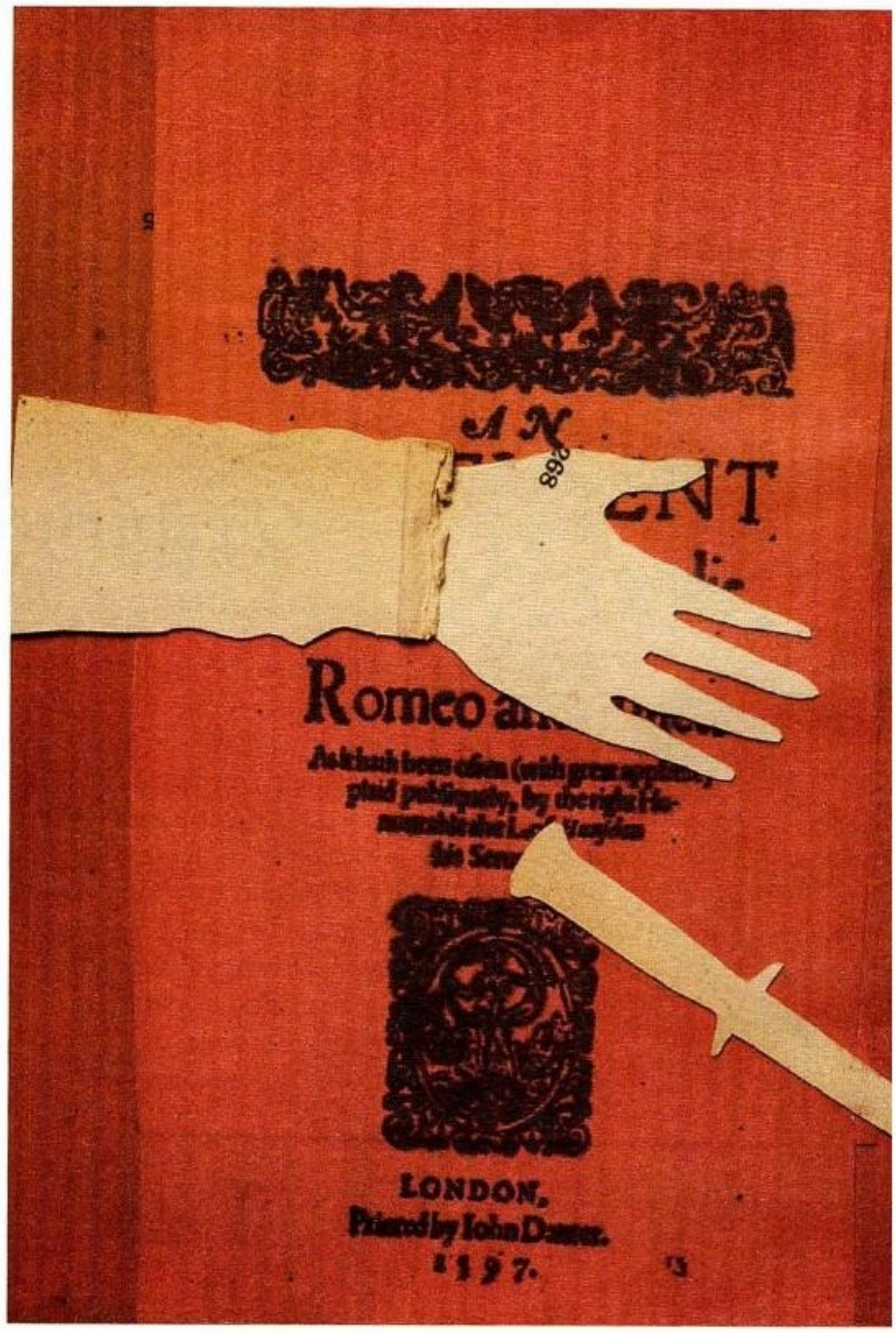
CAPÍTULO 4

# *O* espírito humano

A literatura não é apenas uma forma de diversão. O pai da psicanálise, Sigmund Freud, costumava dizer que os poetas já haviam dito tudo antes dele. Ou seja, não havia nada de original em suas descobertas revolucionárias sobre os porões da mente que já não tivessem sido escrutinadas em narrativas envolventes por dramaturgos e escritores, de quem ele tirou suas melhores sacadas. Ainda que a ciência encontre respostas para as perguntas mais dramáticas sobre a vida, como o sentido do Universo, carregaremos mistérios dentro de cada um de nós – na mente, no inconsciente e no coração. Nas próximas páginas, conheça as obras que nos fizeram pensar nos grandes temas da alma e da sociedade – não apenas com bons argumentos, mas com prazer estético.

# AMOR X ÓDIO

LIVRO **ROMEU E JULIETA**
AUTOR **WILLIAM SHAKESPEARE** ANO **1597**
POR QUE LER? Porque até o maior amor do mundo sofre com a intolerância.




*ROMEU E JULIETA* CONTA A HISTÓRIA DE UM AMOR ENTRE DOIS JOVENS DE FAMÍLIAS RIVAIS. ELES FAZEM DE TUDO PARA FICAR JUNTOS, MAS O ÓDIO DOS PAIS NÃO DEIXA ESSE amor se concretizar. Desesperados, eles bolam um plano, mas dá tudo errado. O final você provavelmente já conhece: dois suicídios motivados por uma falha de comunicação. Só que Shakespeare não criou nada disso (ou quase nada): a história circulava desde a Antiguidade. Na verdade, o maior dramaturgo de todos os tempos raramente criava um roteiro 100% original. O inglês era um ótimo reciclador de histórias. O que tornou o bardo um clássico não foi seu talento para criar enredos e personagens, mas sua capacidade de envolver leitores ou espectadores. Em *Romeu e Julieta*, o público, mesmo conhecendo o final, torce desesperadamente para que a carta do frei Lourenço chegue a tempo às mãos de Romeu contando que, na verdade, Julieta não estava morta. Por essas e por outras, o texto é considerado a maior peça de amor de todos os tempos e a mais interpretada obra do bardo até hoje. Foram mais de 150 adaptações para TV e o cinema baseadas no casal. Sem contar as inúmeras obras inspiradas nesse amor frustrado pela intolerância, como o filme *Titanic*.

O drama pertence à primeira fase do escritor, quando Shakespeare e sua trupe não eram mais do que um bando de desconhecidos. Na Inglaterra do século 16, o teatro era mero entretenimento e disputava a atenção do público com coisas bem menos nobres, como execuções em praça pública ou ataques de cães a touros. Não havia qualquer pretensão artística ou de crítica social. Nessa época, o grupo de Shakespeare se apresentava em estalagens em beira de estrada, as quais tinham um pátio interno onde os hóspedes se reuniam para as refeições. "Encenar uma peça para esse tipo de público não era diferente do que seria hoje fazer uma apresentação na praça de alimentação de algum shopping", compara Sandra Sirangelo de Maggio, professora de Literatura Inglesa da UFRGS. O desafio era fazer os potenciais espectadores largarem o garfo e prestarem atenção. As peças começavam, invariavelmente, com algo inesperado – no caso de *Romeu e Julieta*, com uma boa briga. Depois que a plateia vidrava, o enredo começava de fato. O personagem de Romeu era sempre interpretado pelo ator mais bonito do grupo – qualquer semelhança com Hollywood não é mera coincidência. E Julieta, por um rapaz de voz fina – mulheres não tinham vez na cena teatral da época.

A peça foi um grande sucesso de público e abriu caminho para a trupe no meio teatral de Londres. Shakespeare se tornou o queridinho da Rainha Elizabeth I, apesar de críticos terem considerado a apresentação apelativa, porque misturava amor, brigas e vingança. A paixão de Romeu por Julieta

tinha um arrebatamento juvenil em uma época em que não havia adolescência e juventude como as conhecemos hoje (não havia tempo para ser inconsequente e sofrer de amor no século 16). Isso mostra como o bardo era certeiro em revelar sentimentos genuinamente humanos, acima de convenções. "Enquanto a natureza humana continuar a existir, a obra de Shakespeare permanecerá atual", diz Sandra.

A intolerância entre as famílias que impediu o final feliz é outro trunfo da obra. Shakespeare não tinha pretensão de fazer uma crítica social, mas fez uma retumbante: o ódio e as convenções sociais matam. Nem o maior amor de todos os tempos resistiu à intolerância, que quatro séculos depois continua matando judeus, palestinos, negros e homossexuais. Em *Romeu e Julieta*, a trágica morte dos jovens apaixonados serviu para pôr fim no ódio entre as famílias Montecchio e Capuleto. Na vida real, as mortes trágicas continuam engordando as estatísticas.

Nas suas obras, os personagens de classes sociais diferentes usam linguagens próprias. Membros da elite falam em um tipo de verso, chamado de pentâmetro jâmbico, que usa tônicas em sílabas pares. Criaturas como fadas, duendes, fantasmas ou bruxas usam o tetrâmetro, versos de quatro-pés geralmente aproveitados em cantigas. Sujeitos mais simples, como artesãos e coveiros, falam em prosa. No pentâmetro jâmbico, que predomina nas peças de Shakespeare, a diretora de voz da Royal Shakespeare Company, Cicely Berry, diz que, ao serem proferidas pelos atores em cena, as frases criam uma cadência (*tatá, tatá, tatá, tatá, tatá*) capaz de levar os ouvintes a um estado alterado de consciência, como nos mantras orientais.

Mas a linguagem shakespeariana vai ainda mais fundo. Nobres como Romeu e Julieta também falam em prosa para se adaptar ao sentimento que está sendo expresso. Preste atenção quando Romeu pede que Julieta fale o que sente por ele (Ato 2, cena 6). Ela responde, em prosa, que nessa circunstância apenas um mendigo contaria as palavras. Quando Mercúcio, prestes a morrer, amaldiçoa as duas famílias (Ato 3, cena 1), faz isso em prosa também. O ponto mais bonito desse jogo de linguagem é o momento em que eles conversam pela primeira vez (Ato 1, cena 5). Juntando as partes faladas por cada um, forma-se um soneto, a forma poética de expressão do amor romântico. "Nada mais apropriado para a primeira troca de palavras do casal mais lembrado na história da literatura romântica", diz a professora.

> **Leia mais**
> **LOLITA**
> *Vladimir Nabokov (1955)*

**“**

**AI! EM TEUS OLHOS HÁ MAIOR PERIGO DO QUE EM VINTE PUNHAIS DE TEUS PARENTES. OLHA-ME COM DOÇURA, E É QUANTO BASTA PARA DEIXAR-ME À PROVA DO ÓDIO DELES.**

©Carlo Giovani

# LOUCO NÃO! QUIXOTESCO

LIVRO **DOM QUIXOTE**
AUTOR **MIGUEL DE CERVANTES** ANO **1605**
POR QUE LER? Foi eleita a maior obra de ficção de todos os tempos.

EM MAIO DE 2002, A CONVITE DO INSTITUTO NOBEL, CEM DOS MAIS RENOMADOS ESCRITORES DE 54 PAÍSES ELEGERAM *DOM QUIXOTE* A MAIOR OBRA DE FICÇÃO DE TODOS OS TEMPOS. CONCORRIAM COM O LIVRO DE CERVANTES JOIAS literárias escritas por Shakespeare, Dostoiévski e Kafka, mas a vitória foi folgada. O escrito espanhol é considerado o primeiro grande romance mundial, além de fundador de uma literatura ibero-americana imaginativa que deixaria descendentes como *Cem Anos de Solidão*, o clássico de Gabriel García Márquez.

*Quixote* conta a história do fidalgo Alonso Quijano, fanático leitor de histórias de cavalaria que passa a acreditar que as aventuras da ficção são verídicas. Em delírio, ele decide se tornar cavaleiro, nomeia a si mesmo Dom Quixote de La Mancha e passa a viajar pelos territórios espanhóis de La Mancha, Aragão e Catalunha montado no pangaré Rocinante. Ao seu lado caminha Sancho Pança, fiel amigo com visão realista das peripécias vividas na estrada pelo fidalgo metido a herói. A trama gira em torno das trapalhadas do desvairado Dom Quixote, que, em desacordo com a realidade, luta contra moinhos pensando que são gigantes, enfrenta rebanhos de ovelhas como se fossem exércitos, solta bandidos como se libertasse escravos, vê lindos castelos em simples estalagens e faz de uma pobre campesina sua musa rica, bela e inspiradora. No final da primeira parte, humilhado e ferido, o fidalgo recobra a consciência e volta para casa. O romance não teria continuação. No entanto, ao ver circular uma falsa sequência da obra, com novas aventuras do fidalgo, Cervantes publicou a segunda parte da história dez anos depois do tomo inicial. No final, o escritor narrou a morte do personagem para evitar que aproveitadores pegassem carona na sua criação.

Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em setembro de 1547 e publicou *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*, o título original que foi resumido ao longo dos séculos, somente aos 58 anos. Antes disso, fugiu para Roma após ferir um homem em duelo, teve a mão esquerda inutilizada em combate contra os turcos, passou cinco anos em cativeiro na África capturado por corsários e foi preso em Madri por dívidas. Entre um infortúnio e outro, escreveu peças de teatro, poesia e contos. Nada comparável ao sucesso de *Quixote*. Cervantes morreu em 1616, aos 68 anos, meses após completar o livro. Em 1780, com dinheiro da realeza espanhola, a obra ganhou uma edição revisada. Logo em seguida, em 1794, foi publicada a versão portuguesa. As cerca de 1.500 páginas fazem do clássico um desafio aos leitores, repelindo alguns. Mas a história ficou popular mesmo assim por conta de edições resumidas, versões infantis e adaptações para teatro, balé e cinema.

Mais do que uma narrativa divertida sobre as desventuras de um fidalgo desequilibrado, o livro é uma sátira que Cervantes faz da Espanha do seu tempo. Assim como os romances de cavalaria medievais amados pelo anacrônico protagonista e parodiados pelo escritor, o país vivia em declínio no início do século 17. Os anos de pujança política, militar e econômica davam lugar a um período de divisões e crises. *Dom Quixote* retrata um espanhol incapaz de enxergar a realidade, que prefere viver em um mundo de sonhos para não ter de encarar a dura verdade. Se alguns consideram o personagem simplesmente louco, outros o entendem como um sofredor que usa a criatividade para tornar seu mundo menos banal. Todos nós temos um pouco de Quixote. Diante da fria realidade, maquiamos parte de nossa existência em busca de uma vida mais envolvente e significativa. A corrida no fim de tarde facilmente vira uma maratona cheia de fortes adversários quenianos, os companheiros de time assumem a genialidade de grandes craques do futebol, a garota misteriosa das redondezas evoca uma princesa. Que garoto não narrou o próprio gol imitando a voz dos locutores esportivos enquanto chuta a bola na parede do quarto? A realidade fica muito mais interessante com uma pitada de criatividade. É na tênue linha entre loucura e imaginação que está o grande debate em torno da obra de Cervantes. Dom Quixote viveu e amou intensamente a realidade que construiu para si. Assim como ele, somos sonhadores, ingênuos e românticos.

Leia mais
**GARGÂNTUA E PANTAGRUEL**
*François Rabelais (1534)*

> “BEM SE VÊ (...) QUE NÃO ANDAS CORRENTE NISTO DAS AVENTURAS; SÃO GIGANTES, SÃO; E, SE TENS MEDO, TIRA-TE DAÍ, E PÕE-TE EM ORAÇÃO ENQUANTO EU VOU ENTRAR COM ELES EM FERA E DESIGUAL BATALHA.

©Carlo Giovani

# GENTE MALVADA MERECE MORRER?

**LIVRO** CRIME E CASTIGO
**AUTOR** FIÓDOR DOSTOIÉVSKI
**ANO** 1866
**POR QUE LER?** Poucos autores nos fizeram pensar tão a fundo sobre os limites da moral e das leis.

ELOGIADO POR SEU ROMANCE DE ESTREIA, *GENTE POBRE*, FIÓDOR DOSTOIÉVSKI PRINCIPIAVA NO MEIO LITERÁRIO QUANDO, EM ABRIL DE 1849, AOS 27 ANOS, FOI PRESO ACUSADO DE INTEGRAR UM GRUPO CLANDESTINO E conspirar contra o imperador Nicolau I da Rússia. Escapou do pelotão de fuzilamento, mas amargou longos anos de trabalhos forçados em uma prisão na Sibéria e depois no Cazaquistão. Confinado junto a assassinos e estupradores, enfrentou o medo e conheceu as profundezas da mente humana. Quando deixou o exílio, carregava consigo problemas e conceitos que fariam de seus livros clássicos da literatura mundial.

Publicado em 1866, *Crime e Castigo*, nono romance do autor, conta a história de Ródion Ramanovich Raskolnikov, um pobre estudante que mata a golpes de machado uma velha agiota a quem deve dinheiro e por quem se sente explorado. Aliena Ivánovna humilha e tortura psicologicamente os clientes desesperados de quem cobra juros astronômicos e por quem não demonstra qualquer piedade. Raskolnikov convence a si mesmo de que não é tão errado matar uma pessoa tão maldosa, de quem o mundo não sentirá falta. O crime, no entanto, inesperadamente torna-se um duplo homicídio quando Raskolnikov é surpreendido pela presença de Lisavieta, irmã mais nova da vítima, que

> “O MEDO APODERAVA-SE DELE CADA VEZ COM MAIS FORÇA, SOBRETUDO DEPOIS DESTE SEGUNDO HOMICÍDIO, COMPLETAMENTE INESPERADO. ESTAVA ANSIOSO POR VER-SE LONGE DALI O MAIS DEPRESSA POSSÍVEL.

também é morta com golpe de machado. Apesar de escapar impune, o personagem começa a sofrer com a culpa e com a tensão dos seguidos interrogatórios feitos pelo juiz do caso.

Na brilhante narrativa, Dostoiévski aproxima o leitor do dilema do protagonista: negar o crime e viver atormentado pelo remorso ou confessar os assassinatos para ter a chance de redenção? Influenciado pela religiosidade de Sônia, prostituta miserável por quem acaba apaixonado, Raskolnikov confessa as atrocidades e é condenado a oito anos de prisão na Sibéria, onde começa sua reabilitação moral, exatamente na região em que o próprio Dostoiévski cumpriu pena e observou com lupa os dilemas morais dos seus colegas de cárcere.

Uma das marcas do escritor é justamente o caráter autobiográfico de alguns escritos, que colaboraram para o realismo característico de sua obra. Dostoiévski tinha problemas com a jogatina e teria perdido grandes somas de dinheiro em cassinos europeus, tema presente em *O Jogador*. Era militante político crítico do regime, faceta explorada em *Os Demônios*. Os tempos na prisão renderam passagens em vários livros. Talvez o maior talento do autor russo tenha sido transformar os aprendizados em experiência universal, tornando sua vida fonte de reflexões e não apenas um compilado de lembranças.

### FICÇÃO FILOSÓFICA

A importância de *Crime e Castigo* foi mostrar o romance como poderosa plataforma para ideias, teses e reflexões, ajudando a consolidar o estilo literário como gênero mais popular e importante dos tempos seguintes. O livro de Dostoiévski não é a simples história de um assassino, é um ensaio apurado da natureza humana: mostra todos os meandros da racionalização que o protagonista faz do seu crime, avaliando ser justo matar a perversa dona da casa de penhores por achar que é moralmente superior à vítima. É uma história que debate a moral e questiona os homens tomando decisões acima da legalidade.

O livro vai além: é um estudo do arrependimento, uma parábola da remição, um romance em que a violenta cena principal é apenas pano de fundo para algo maior, um passeio pela consciência de um criminoso.

*Crime e Castigo* é um tratado de psicologia, sociologia e filosofia travestido de romance, uma inovadora narrativa de cunho existencialista que influenciou os trabalhos de muitos pensadores ocidentais, entre eles Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e Jean-Paul Sartre, e implantou um estilo literário perseguido por escritores do quilate de Albert Camus, George Orwell, Marcel Proust, Franz Kafka e Ernest Hemingway.

Se fosse filósofo ou teórico, o russo teria discutido os mesmos temas numa linguagem própria para as salas de aula, laboratórios de pesquisa ou gabinetes acadêmicos. Mas, ao se apropriar da ficção para questionar os limites da moralidade, costurando os dilemas do personagem numa narrativa apaixonante, aproximou o público leigo de temas espinhosos sem perder o apelo popular.

Em meio à derrocada do protagonista, *Crime e Castigo* fala também sobre mazelas de uma Rússia pobre e desigual, sobre conflitos entre o mundano e a moral cristã ortodoxa, sobre o amor como caminho da salvação. É um calhamaço de 600 páginas que pode ser lido sem freios, uma experiência imersiva em que o leitor é contaminado pela tensão das ações e pelo dilema do personagem.

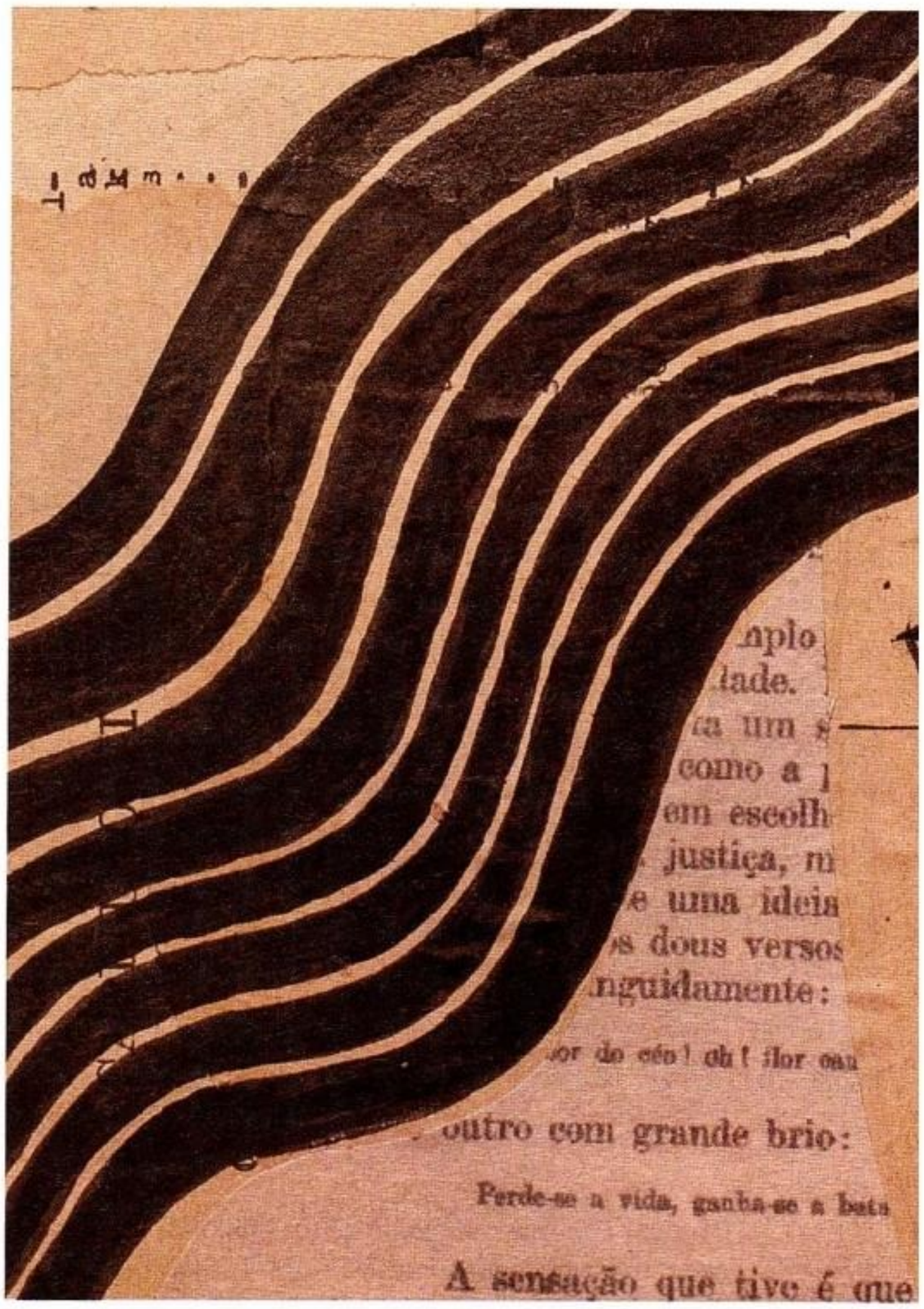
Ao lado de Tolstói, Dostoiévski é o maior expoente da literatura russa. Um escritor que percebeu o surgimento de homens ideológicos, capazes de decidir os rumos de suas vidas sem levar em conta os dogmas religiosos. O homem que ele queria ver profundamente dissecado nas suas páginas.

Leia mais
**GUERRA E PAZ**
*Liev Tolstói*
*(1869)*

©Carlo Giovani

# OUTRO LIVRO NAS ENTRELINHAS

**LIVRO** DOM CASMURRO
**AUTOR** MACHADO DE ASSIS **ANO** 1900
**POR QUE LER?** A suposta traição de Capitu é um mistério arrebatador há mais de um século.

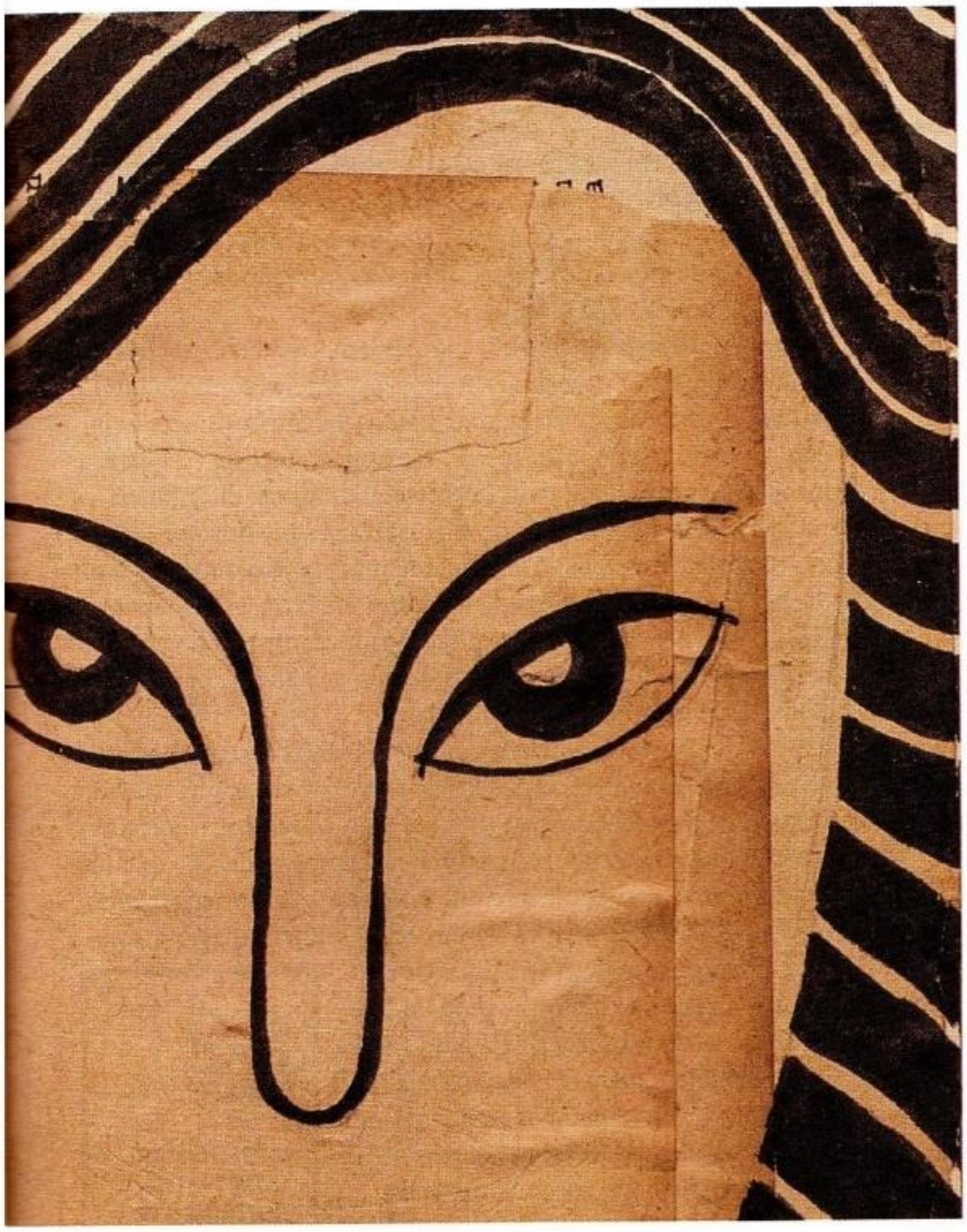



BENTO SANTIAGO, O NARRADOR DO ROMANCE *DOM CASMURRO*, É UM ADVOGADO DE MEIA-IDADE, HERDEIRO DA ELITE FLUMINENSE, QUE DECIDE CONTAR SUAS MEMÓRIAS, EM especial a suposta traição de Capitu, sua mulher, com Escobar, seu melhor amigo. Bentinho, como era mais conhecido, passa a ter certeza do envolvimento amoroso entre os dois no velório do amigo, em que percebe Capitu olhando fixamente para o morto. A partir daí, começa a enxergar sinais do adultério em todo lugar, até no rosto do próprio filho Ezequiel, que seria parecido com Escobar.

Mas nem Bentinho nem Machado oferecem provas da traição. O leitor só tem acesso ao depoimento do marido. E a ausência do contraponto de Capitu fez do livro material perfeito para um eterno e delicioso debate sobre o que "de fato" teria ocorrido entre a mulher e Escobar – uma improvável caçada pela verdade em uma obra de ficção. No início, muitos críticos literários aceitaram a versão de Bentinho sem muito questionamento. Parte do viés *bentinista* se explica pelo perfil da sociedade do início do século 20, ainda mais machista do que hoje. Como o personagem gozava de posição social de respeito, a visão do marido era suficiente para muitos. Bentinho é convincente. Em várias partes, se dirige diretamente ao leitor, como se estivesse conversando com um amigo, confessando sua tristeza. Difícil não se apiedar do tristonho (ou amargurado, ou *casmurro*) Bento Santiago.

Ao longo das décadas, porém, a sociedade mudou, assim como a interpretação do livro. As mulheres ganharam direitos e liberdades. Aos poucos, Capitu ganhou defensores e, sobretudo, defensoras. Uma pergunta ficou cada vez mais forte: por que devemos acreditar no homem rico e branco? Tudo o que estava oculto na obra emergiu definitivamente nos anos 60, quando uma crítica literária americana confrontou Bentinho no mundo acadêmico pela primeira vez. Em *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*, lançado em 1960, Helen Caldwell chega a sugerir que Capitu não traiu Bentinho. O crescente poder da mulher deu uma nova leitura ao romance, uma interpretação que coloca Capitu como uma vítima de um marido neurótico. "Alguém já afirmou, em tom de pilhéria, que, se ela não traiu Bentinho, devia ter traído", diz o professor de literatura Marcelo Frizon. Na visão de Helen Caldwell, Bentinho é como Otelo, o personagem de Shakespeare que mata a mulher, Desdêmona, uma inocente, após ser convencido de uma traição a partir de intrigas do vingativo Iago. As múltiplas interpretações revelam por que a obra continua sendo adorada por leitores e reverenciada por críticos: ela guarda mistérios insolucionáveis. *Dom Casmurro* é um livro de enigmas.

O romance obrigou críticos e leitores a prestar mais atenção num aspecto decisivo do texto literário: o narrador. Parece óbvio pensar que o relato de uma pessoa é um relato parcial sobre as coisas, mas não é tão evidente assim quando se está em pleno deleite de uma obra-prima – ainda mais quando o narrador tem um texto elegante, como um lorde inglês tomando chá da tarde, e



**“(...) CAPITU OLHOU ALGUNS INSTANTES PARA O CADÁVER TÃO FIXA, TÃO APAIXONADAMENTE FIXA, QUE NÃO ADMIRA LHE SALTASSEM ALGUMAS LÁGRIMAS POUCAS E CALADAS...**

está precisando de um ombro amigo. O leitor acaba sendo fisgado pelo envolvente discurso de Bentinho e nem se dá conta de que só está vendo um lado da história. Esse é um dos trunfos de *Dom Casmurro*, mas está longe de ser o único.

O professor de literatura Sergius Gonzaga diz que há dois textos no romance. Um é aquele em que Bentinho afirma a traição. Há um outro em que o próprio Bentinho solta pistas de que tudo não passa de neura da sua cabeça. Essa contraprova é apresentada quando o narrador afirma que Capitu era muito parecida com a mãe de Sancha, mulher de Escobar, o suposto amigo traidor. Ou seja, a semelhança entre o filho de Bentinho e o melhor amigo poderia vir daí – e não de um adultério. São passagens que revelam que Machado semeou a discórdia de propósito entre leitores. *Casmurro* se tornou uma ode às coisas não ditas, às entrelinhas, aos discursos ocultos (muitas vezes, mais importantes do que as declarações explícitas).

*Dom Casmurro* é também considerado um retrato de como funcionava a sociedade na metade do século 19. Na época, apenas 20% da população brasileira era alfabetizada. A obra disseca a nobreza e a elite (onde Bento e sua família se encaixavam), os homens livres para quem trabalho era algo malvisto (a labuta era considerada coisa de escravos) e os escravos, que não têm tanta participação no livro.

Além disso, a Capitu descrita por Bentinho é uma rebelde que diz o que pensa e que dissimula com naturalidade, como na passagem em que o ex-marido mostra como ela se saiu bem de uma situação em que eles foram pegos namorando escondidos e que deixara Bentinho desconcertado. Essas atitudes seriam impensáveis a uma mulher oriunda de uma classe social baixa, num Brasil ainda escravocrata. “É uma narrativa que aponta o início da rebelião da mulher diante de uma sociedade patriarcal”, comenta o professor Marcelo Frizon. Machado de Assis previu uma mudança que viria a tomar forma meio século depois.

Leia mais
**OTELO**
*William Shakespeare (1622)*

©Carlo Giovani

# A DESCOBERTA DO INCONSCIENTE

**LIVRO** A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS
**AUTOR** SIGMUND FREUD **ANO** 1900
**POR QUE LER?** Para entender que o cérebro contém mais coisas do que a consciência consegue perceber.

UMA PISTA DE QUE SIGMUND FREUD TINHA PERFEITA NOÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO QUE HAVIA ESCRITO ESTÁ NA DATA DE PUBLICAÇÃO DE *A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS*. EMBORA O LIVRO TENHA SIDO PUBLICADO EM 1899, a data registrada pelo autor é 1900. Estudiosos interpretam que o pai da psicanálise sabia se tratar de um texto à frente do seu tempo. Nada mais justo que publicá-lo às portas do século 20. Outros apostam em uma estratégia mercadológica. Freud previa que o seu estudo fosse recebido com resistência à primeira vista. Portanto, quanto mais jovial fosse a data de publicação, melhor a chance de reconhecimento nos anos seguintes. E de fato o livro demorou para se tornar um best-seller. Na verdade, sequer era um *seller*. Recebido com desdém pela comunidade científica, 351 cópias foram comercializadas nos primeiros três anos – pouco mais da metade dos 600 exemplares da primeira edição. O livro só foi reconhecido a partir da segunda edição, nove anos depois.

Se a obra mais importante de Freud não fosse um calhamaço de mais de 700 páginas, e, sim, um breve tweet, @Real_SigFreud poderia resumi-la assim: o sonho é manifestado por sinais do aparelho psíquico e, uma vez interpretado, se revela a realização de um desejo inconsciente do sonhador. Para chegar a essa conclusão, Freud derrubou as duas formas como as nossas narrativas noturnas costumam ser interpretadas por leigos (ainda hoje, diga-se). A primeira delas, como uma premonição. Para Freud, o sonho seria mais um insight do que uma visão de futuro. Se o sujeito tem o sonho recorrente de que está cercado de pessoas de branco e, um belo dia, se torna médico, não é porque teve uma visão noturna de que seria médico, mas porque foi manifestado o desejo de exercer a profissão.

A segunda interpretação equivocada é a da simbologia, de que sonhar com algo significa alguma coisa específica. Jogue o primeiro cachimbo quem nunca abriu o Google e pesquisou algo como "sonhar com morcego". O problema aqui não é o morcego, é o Google. Para Freud, cada pessoa precisaria de um site de pesquisas próprio no cérebro para interpretar o que o morcego simboliza. Se o sonhador é biólogo, significa uma coisa. Se é fã do Batman, outra completamente diferente.

Como matéria-prima para a análise, Freud decidiu usar uma cobaia "mais ou menos normal", de quem tinha material abundante. Ele próprio, no caso. E foi compartilhando inúmeros exemplos dessa autoanálise que Freud chega à conclusão de que os sonhos ocultam desejos. Alguns, particulares. Outros, de toda a humanidade. Por isso, alguns tipos de sonho são recorrentes a tantas pessoas: ficar pelado em público, sentir-se paralisado, perder um parente querido... Sonhos que, de acordo com o pensamento freudiano, na verdade são desejos reprimidos.

Mais de cem anos depois, pode parecer banal a descoberta de que sonhamos com o que desejamos. A própria palavra "sonho" ganhou a conotação de desejo intenso graças ao barbudão austríaco. O interesse de Freud, primordialmente, era aproveitar essa rara janela noturna do inconsciente para descortinar traumas de infância e, assim, livrar seus pacientes de problemas. Mas à medida que a existência de um inconsciente com vontade própria, um outro eu dentro de cada um, ganhou respaldo de outras áreas do conhecimento, como a neurociência, a compreensão dos mecanismos do cérebro cresceu de forma gigantesca. Freud deixou as janelas abertas para descobertas ainda mais surpreendentes.

Hoje se sabe que o inconsciente faz um trabalho constante de bastidores enquanto estamos acordados (cerca de 95% da nossa atividade cerebral). Por meio de associações entre o que estamos vivenciando e o que já sabíamos, estimula o surgimento de novas ideias. Sabemos que pressentimentos – o de que um vendedor está nos enganando, por exemplo – não são frutos de um sexto sentido, mas o inconsciente comparando aqueles traquejos para te convencer a comprar um carro usado a um Manual Prático de Picaretagem já arquivado na nossa biblioteca mental. Podemos relaxar, então, que o inconsciente nos resguarda de maiores roubadas? Não exatamente. O inconsciente é desejo e emoção, como já atentava Freud. Portanto é ele, também, que pode fazer você privilegiar, sem querer querendo, a candidata mais bonita para uma vaga na sua empresa em vez da mais qualificada.

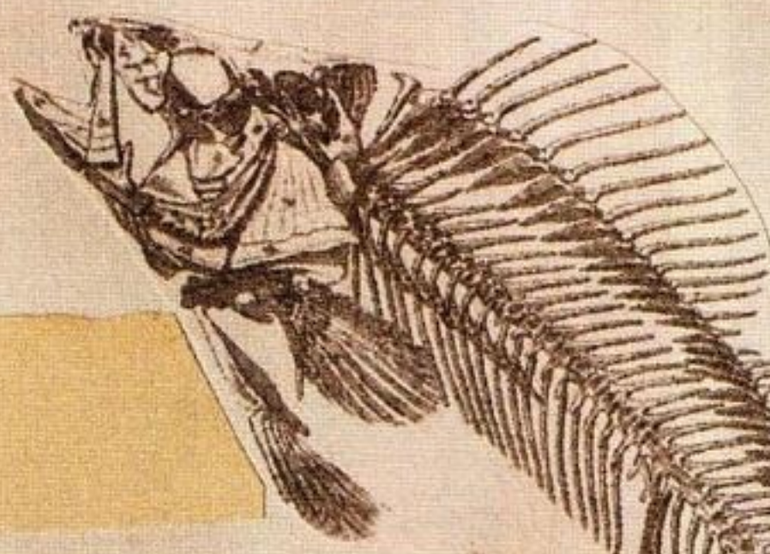
Leia mais
**SUBLIMINAR: COMO O INCONSCIENTE INFLUENCIA NOSSAS VIDAS**
*Leonard Mlodinow (2012)*

> "O SONHO É A REALIZAÇÃO DO DESEJO. NO MESMO INSTANTE EM QUE QUEREMOS NOS ALEGRAR COM ESSA DESCOBERTA, SOMOS ASSALTADOS POR UMA PROFUSÃO DE PERGUNTAS.

©Carlo Giovani

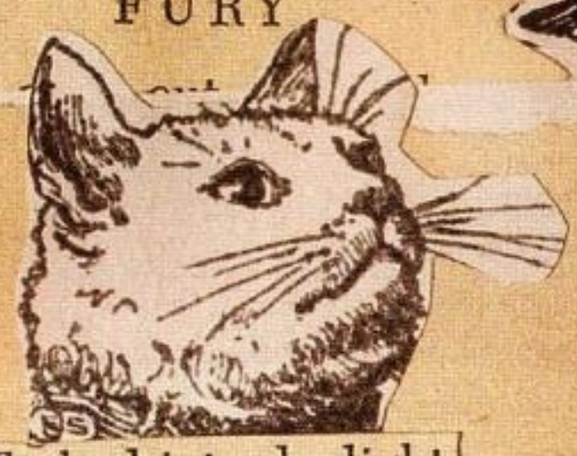
# THE UNITED PRETATION

Colonizing Venus naturally would change a man.



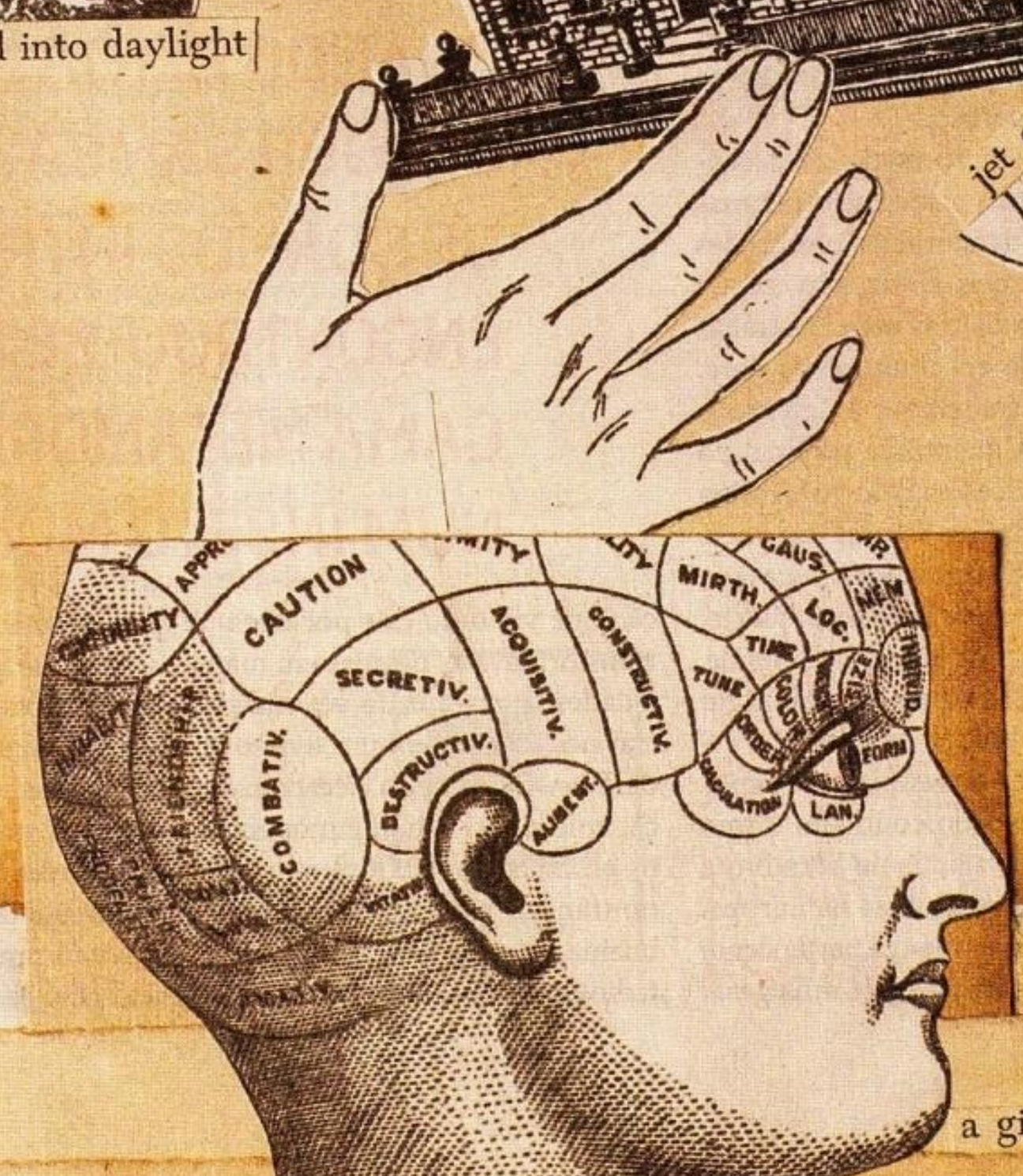
RE D,

FURY



flashed into daylight

jet of rose-red blood spurted, fantastically






a girl near the front of the boat

# VIDA DE INSETO

**LIVRO** A METAMORFOSE
**AUTOR** FRANZ KAFKA **ANO** 1912
**POR QUE LER?** Sabe aquele estado de zumbi depois de trabalhar o dia inteiro? Kafka já sentia isso e falava a respeito no começo do século 20.

> **“QUANDO CERTA MANHÃ GREGOR SAMSA ACORDOU DE SONHOS INTRANQUILOS, ENCONTROU-SE EM SUA CAMA METAMORFOSEADO NUM INSETO MONSTRUOSO.**

A O FINAL DO DIA, DURANTE O ENGARRAFAMENTO NA VOLTA PARA CASA, VOCÊ SÓ QUER SE JOGAR NA CAMA E VER A NOVELA? O TRABALHO, O TRÂNSITO E A NECESSIDADE DE IR ao supermercado fazem você deixar de lado os pequenos prazeres da vida? E isso tudo não parece cada vez pior, cada vez mais rápido, mais massacrante? Poucas sensações são mais contemporâneas, certo? Mais ou menos. Franz Kafka já passava por essas crises existenciais em 1912, dois anos antes da 1ª Guerra Mundial, quando escreveu *A Metamorfose*.

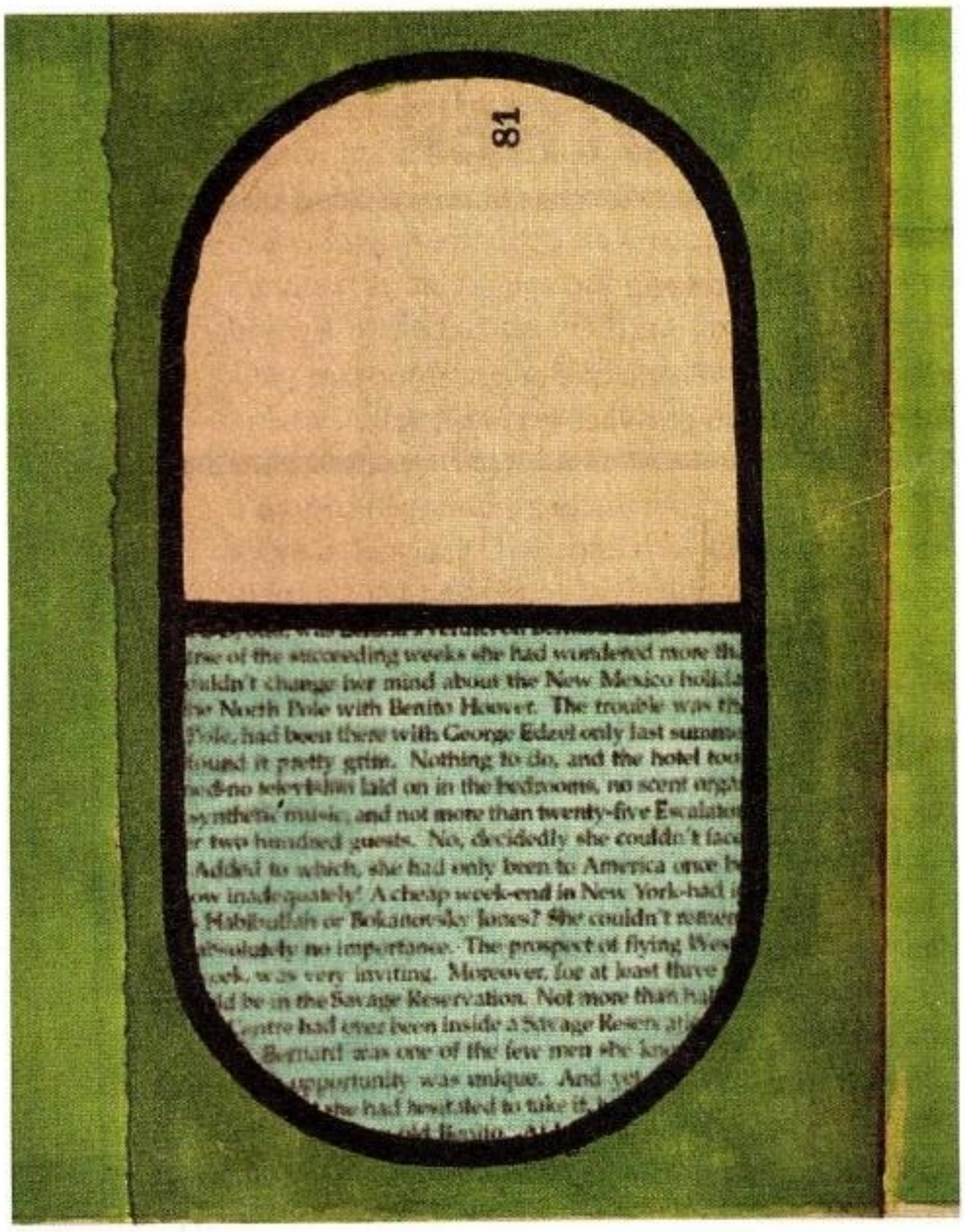
No livro, o personagem Gregor Samsa trabalha como caixeiro-viajante para quitar a dívida do pai com o chefe. Após pesadelos, acorda transformado em um inseto gigante de dorso duro e inúmeras patas. A mudança o impede de ir trabalhar e agita a monotonia da família, formada pelos pais velhos e pela jovem irmã. Quem vai sustentar a casa a partir de agora? A preocupação em faltar ao trabalho atormenta Gregor mais do que o próprio fato de ter se transformado num bicho asqueroso.

Submetendo seu personagem ao medo de decepcionar a família e o chefe, Kafka critica a rotina maçante, os horários regrados e as inúmeras obrigações do cotidiano. Lembre-se de que ainda não existia jornada máxima de oito horas diárias nem leis trabalhistas. Naquele tempo, a vida era muito mais dura. A mente girava em torno do trabalho, e a única ambição que sobrava era a cama quentinha no final do dia. Ou seja, se você já se sente esmagado pela rotina hoje, imagine viver como os Gregor Samsas da época. Considerado inútil por não sustentar mais a casa, o jovem passa a viver isolado e deprimido no quarto, perdendo a cada dia um pouco da sua humanidade. A história do jovem que se transforma em um inseto foi a forma surpreendente e absurda de criticar o estado de inércia na qual às vezes nos enfiamos e capaz de nos deixar imunes às belezas do cotidiano, como um lindo dia de sol. O clima de agonia do livro brota de uma época particularmente pessimista na Europa. Kafka, nascido em Praga – naquela época pertencente ao Império Áustro-Húngaro – fez parte de uma geração que via tudo cair por terra. A Revolução Industrial transformava as pessoas em máquinas de bater prego, as cidades ficavam cada vez mais sujas e doenças se alastravam. E ainda era um tempo em que o evolucionismo de Darwin, lançado décadas antes, havia ganhado força, colocando o homem apenas como mais um dentre os animais. Talvez Kafka nunca tenha ficado trancado no trânsito perdendo um pouco da humanidade a cada buzina. Mas foi preciso ao descrever como uma rotina tediosa pode roubar a vida que resta em nós.

Leia mais
**O PROCESSO**
*Franz Kafka*
*(1925)*

# FELICIDADE TOTAL

**LIVRO** ADMIRÁVEL MUNDO NOVO
**AUTOR** ALDOUS HUXLEY **ANO** 1932
**POR QUE LER?** Previu um mundo em que todos são felizes, jovens e belos. Mas há um lado sinistro por trás disso tudo. Mais ou menos como hoje.




TINDER PARA ACHAR O PAR PERFEITO, LOUCURAS POR UM IPHONE, OBSESSÃO COM A BELEZA, A JUVENTUDE E A FELICIDADE QUE GERE LINDOS SELFIES. ESTAMOS APAIXONADOS PELA nossa imagem, por novas tecnologias e por comprar, comprar, comprar. Pode parecer bem contemporâneo, mas em 1932 Aldous Huxley alertava para os perigos do consumo desenfreado e do hedonismo que parecem preencher o vácuo espiritual deixado pela decadência das religiões. Huxley construiu um mundo em que todos são felizes e alienados, mas não graças a Deus ou a conquistas pessoais, mas à obra de um Estado que mantém a população satisfeita por meio de um condicionamento feito do nascimento à morte. Uma mistura de sonho e pesadelo numa só realidade.

O ano é 634 depois de Ford, uma referência, é claro, à revolução provocada pelo sistema de produção em massa criado pela montadora de automóveis. Um governo totalitário controla tudo, mas a população encara a dominação com naturalidade. Não há guerras, injustiça social, família ou velhice – só ordem, satisfação e juventude. Os indivíduos são programados genética e psicologicamente pelo Estado a serem quem são, a gostarem de suas vidas e a consumirem desenfreadamente, graças a um treinamento feito desde o nascimento em laboratórios. Até que um dos personagens, Bernard Marx, viaja a uma reserva de selvagens que vivem sob os costumes do passado. Lá, encontra Linda, uma ex-civilizada dada como morta, e seu filho John, um jovem que lê Shakespeare e que quer aprender mais sobre a vida. Bernard decide apresentá-los à sua civilização e ocorre um enorme choque cultural de consequências devastadoras.

Huxley escreveu o livro em 1931, após a crise de 1929, época em que o nazismo e o stalinismo estavam em ascensão e o estilo de vida americano era o modelo para o mundo. Mas ele previu algo ainda inédito em termos de dominação: que a ditadura do futuro seria algo sem violência, com esvaziamento do indivíduo, a alienação e a aceitação do absurdo. Admirável mundo sempre igual – e cada vez mais complexo.

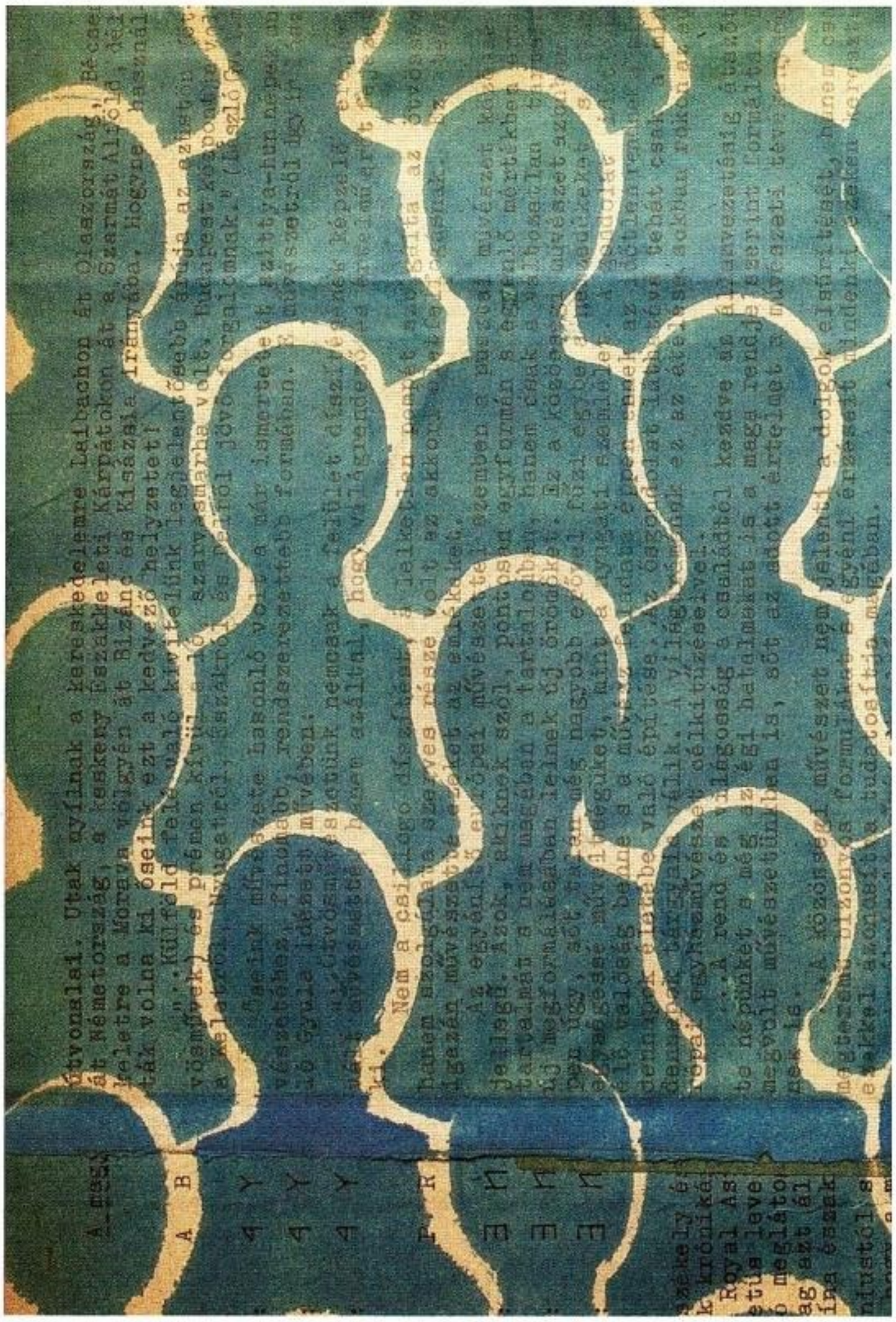
> **Leia mais**
> **FAHRENHEIT 451**
> *Ray Bradbury (1953)*

> **“NÓS CONDICIONAMOS AS MASSAS A DETESTAREM O CAMPO – DISSE O DIRETOR EM CONCLUSÃO –, MAS, SIMULTANEAMENTE, AS CONDICIONAMOS A ADORAREM TODOS OS ESPORTES AO AR LIVRE.**

©Carlo Giovani

# PRAZER, BIG BROTHER

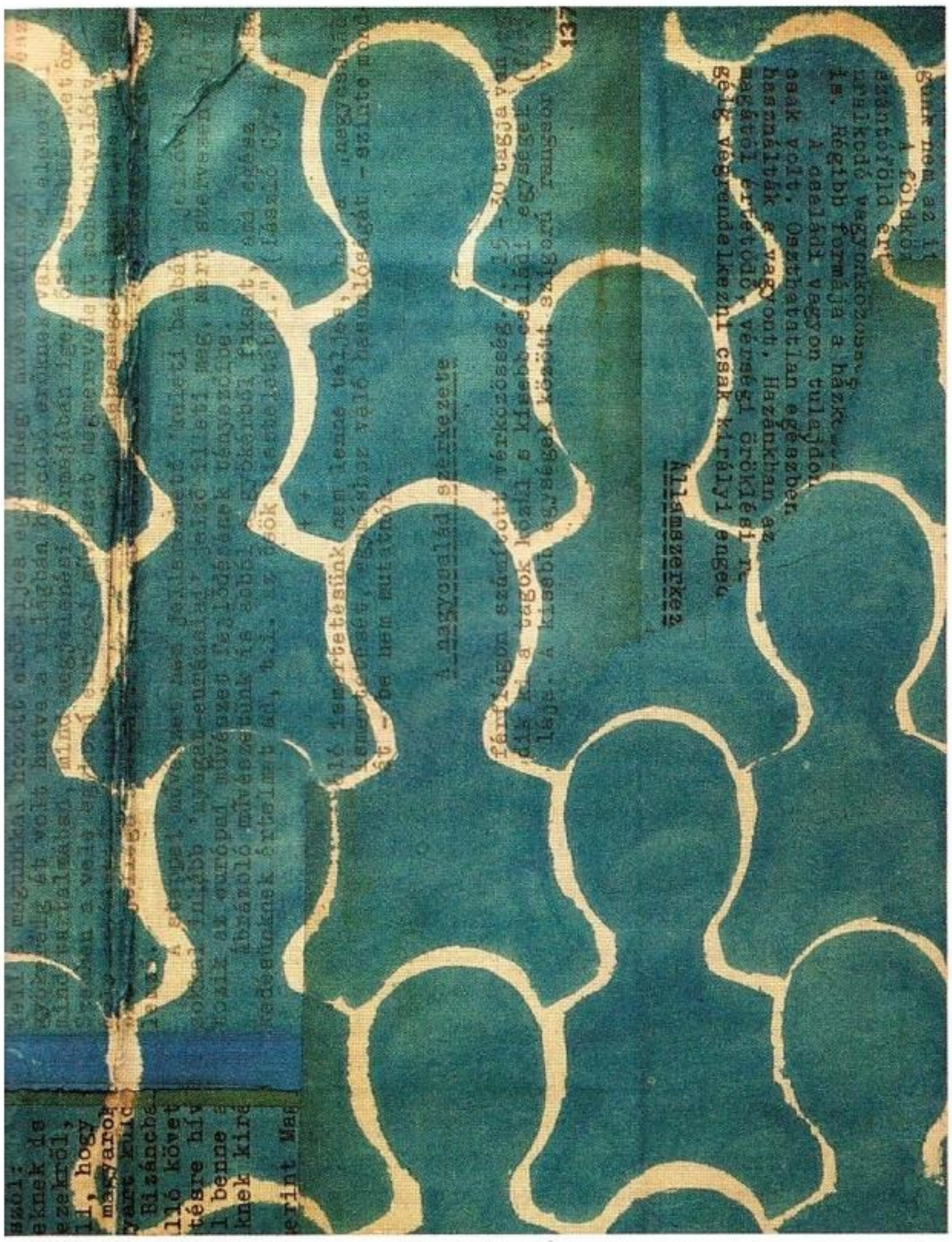
**LIVRO** 1984
**AUTOR** GEORGE ORWELL
**ANO** 1948
**POR QUE LER?** Previu que os governos iam monitorar tudo o que você escreve e fala.



SE VOCÊ ESTÁ PLANEJANDO VIAJAR PARA A TAILÂNDIA, FIQUE ESPERTO: DEIXE SEU EXEMPLAR DE *1984* EM CASA. O AVISO É CURIOSO, MAS EM TEMPOS DE TURBULÊNCIA POLÍTICA no país, com golpes militares em sequência, as companhias aéreas que viajam para lá passam essa recomendação aos passageiros. O motivo: os viajantes-leitores podem ser confundidos com ativistas políticos e se dar mal em meio ao clima de instabilidade. Mesmo 60 anos após a primeira edição, o livro continua abalando. Em 2013, no site da Amazon, a obra chegou à 68ª posição da lista dos mais vendidos. Não por acaso, essa disparada aconteceu logo depois da denúncia de um esquema ilegal de espionagem realizado pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA, na sigla em inglês), que monitora dados de telefone e internet de milhões de pessoas em todo o mundo.

Escrita em 1948, a história se passa numa Londres do futuro. Depois de uma guerra nuclear, o mundo é dividido em três grandes nações, que só interagem entre si por meio de guerras. A Oceania, antiga Europa, é dominada pelo Socialismo Inglês, o Ingsoc, e fala o idioma novilíngua, criado pelo governo para eliminar as palavras que não interessam, como "liberdade". No livro, o partido tinha um líder idolatrado, o Grande Irmão, que vigiava e controlava todo mundo – qualquer semelhança com o *Big Brother*, aquele programa de TV que você ama odiar, não é mera coincidência. O governo do Ingsoc se divide em quatro ministérios: o da Paz (que se ocupa das guerras), do Amor (que mantém a lei e a ordem), da Fartura (que cuida da economia falida) e da Verdade (que produz e edita notícias e entretenimento). Há três tipos de pessoas: os membros do partido interno (a nobreza), os membros do partido externo (massa de manobra, equivalente a 13% da sociedade) e os proles (os 85% invisíveis da população). Entre os membros do partido externo, todos usam macacões azuis, comem comida sem gosto, bebem café ruim, fazem sexo só para procriação e de tempos em tempos se animam assistindo a um extermínio dos inimigos do partido. O plano é deixar as pessoas cada vez mais burras, e quem fizer algo errado (o que inclui falar dormindo) pode ser denunciado por outros fiéis ao Grande Irmão. Ou seja, não dá para relaxar nem perto da esposa ou dos filhos. O povo denuncia mesmo.

Quem narra a história é Winston Smith, um funcionário do Ministério da Verdade que reescreve notícias já publicadas. Ele não pensa muito, mas pensa mais do que deveria. Sua revolta contra o partido ganha força quando ele conhece Júlia (que nem sobrenome tem), uma jovem subversiva que segue à risca regras mais simples do partido, como militar na liga antissexo, e com isso consegue subverter regras mais complexas, como fazer sexo. Os dois vivem uma história de amor às escuras e entram num movimento clandestino. Apesar de Winston estar longe de ser um herói bom e belo, ele comove os leitores por ser um resistente solitário.



**“O BOM SENSO ERA A HERESIA DAS HERESIAS. E O QUE MAIS ATERRORIZAVA NÃO ERA QUE MATASSEM O CIDADÃO POR PENSAR DIFERENTE, MAS A POSSIBILIDADE DE ELE TER RAZÃO.**

©Carlo Giovani

Tão solitário que a outra opção de título para o livro era *O Último Homem da Europa*.

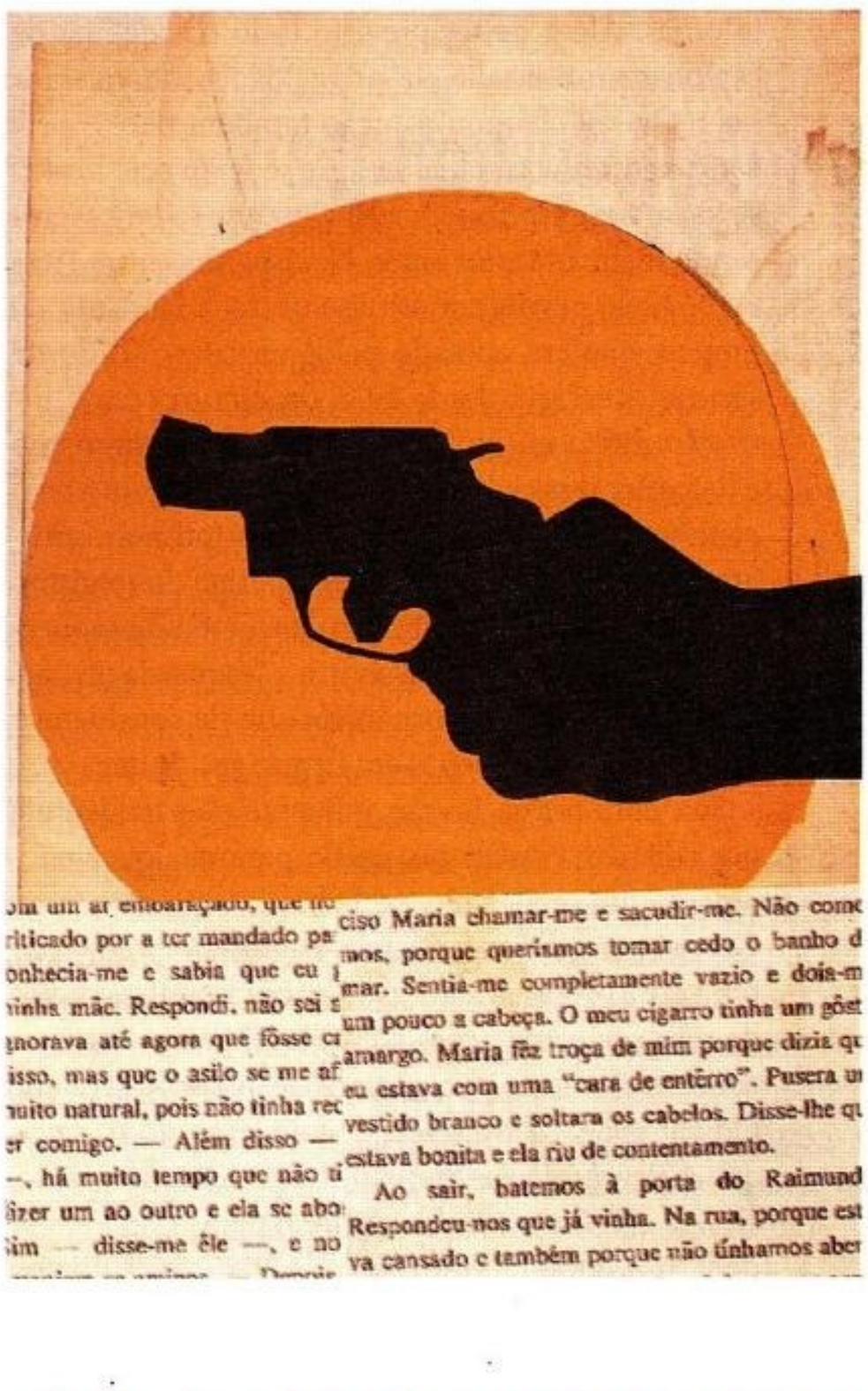
O romance foi badalado desde o seu lançamento, na carona do sucesso de *A Revolução dos Bichos* (1945), outra obra-prima de Eric Arthur Blair, nome verdadeiro de George Orwell. Afinal, espionar as outras pessoas não é exclusividade de hoje. Já na década de 1940, em um cenário pós 2ª Guerra, o regime de Stálin na antiga União Soviética utilizava métodos como tortura e controle das fronteiras. Depois do nazismo e do fascismo, a nuvem negra do totalitarismo se erguia de novo sobre a Europa. Quarenta anos depois do lançamento, *1984* havia sido traduzido para mais de 65 idiomas. Além de ter previsto todo o esquema de espionagem e a falta de privacidade que vivemos hoje, Orwell chamou atenção também para a perversa natureza humana, sempre sedenta pelo poder. A ideia que inspirou Orwell a escrever *1984* estava sendo incubada anos antes. Na Espanha, entre 1936 e 1937, ele pegou em armas contra o fascismo de Franco, que era apoiado pelos nazistas. “Tudo de sério que escrevi desde 1936 foi escrito com a intenção direta ou indireta de atacar o totalitarismo e defender o socialismo democrático tal como eu o conheço”, disse em carta. Foi um dos primeiros militantes da esquerda a perceber o perigo dos regimes mais severos. Era membro da “esquerda da esquerda”, dissidente, já que era contra a “esquerda oficial”, o Partido Trabalhista britânico, que ele considerava estar interessado apenas em firmar seu poder.

Sua obra-prima foi tão influente que rendeu até um adjetivo: orwelliano, usado para qualquer referência a um regime tão totalitário quanto o do livro. George passou o recado, mas pagou um preço caro por isso: a própria vida. Basta ver os rascunhos cheios de rabiscos e anotações para perceber que escrever era extremamente penoso para ele. Na época em que redigiu 1984, estava fraco, doente, cansado da fama que *A Revolução dos Bichos* tinha gerado. Além disso, Orwell era viúvo e tinha um filho para criar. Para se dedicar à obra, na primavera de 1946, foi à Ilha de Jura, na Escócia. O período, que era para ser curto, acabou se estendendo por dois anos e meio, devido ao estado de saúde delicado. A pressão do editor para publicar logo o livro deixou George exaurido. Ele morreu em 1950, pouco depois da publicação, deixando um alerta sempre atual sobre os perigos da sanha de controle do homem sobre o homem.

Leia mais
**A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
*George Orwell*
*(1945)*

# O GRANDE VAZIO

**LIVRO** O ESTRANGEIRO
**AUTOR** ALBERT CAMUS **ANO** 1942
**POR QUE LER?** Para entender o sentido da vida (e a falta de sentido).



...ma um ar embaraçado, que me ...riticado por a ter mandado pa... ...onhecia-me e sabia que eu ... ...inha mãe. Respondi, não sei ... ...norava até agora que fosse c... ...isso, mas que o asilo se me af... ...uito natural, pois não tinha rec... ...er comigo. — Além disso — ..., há muito tempo que não t... ...zer um ao outro e ela se abo... ...im — disse-me êle —, e no ... ...ciso Maria chamar-me e sacudir-me. Não como... ...nos, porque queríamos tomar cedo o banho d... ...mar. Sentia-me completamente vazio e doía-m... ...um pouco a cabeça. O meu cigarro tinha um gôst... ...amargo. Maria fêz troça de mim porque dizia qu... ...eu estava com uma "cara de enterro". Pusera u... ...vestido branco e soltara os cabelos. Disse-lhe qu... ...estava bonita e ela riu de contentamento.

Ao sair, batemos à porta do Raimund... Respondeu-nos que já vinha. Na rua, porque est... ...va cansado e também porque não tínhamos aber...

O ESCRITURÁRIO ARGELINO MARCEL MEURSAULT MORA NO SUBÚRBIO E NÃO TEM MUITOS AMIGOS. APESAR DE O PRONOME "EU" APARECER 1.259 VEZES NO LIVRO, O NARRADOR NÃO SE APRESENTA OU SE EXPLICA. APENAS CONTA. O CURTO LIVRO de Albert Camus é dividido em duas partes: a primeira dura 18 dias e mostra Meursault recebendo a notícia da morte da mãe, indo até o enterro e vivendo o luto de uma forma peculiar. Vai ao cinema, namora e sai com amigos. Durante um passeio à praia, sozinho e com uma arma no bolso, Meursault encontra um árabe que era desafeto de um amigo. O sol ofusca o protagonista, e ele perde brevemente a razão. Dispara quatro vezes e mata o árabe. A partir daí, só piora. Na segunda parte, Meursault vai a julgamento e, além de responder sobre o crime, também precisa explicar por que não chorou no enterro da mãe. Ele não se arrepende e nem quer se defender. Tudo isso (ATENÇÃO! SPOILER ALERT) o leva a ser condenado à pena de morte.

Tudo sem sentido, certo? Sim. Assim como a vida. A linguagem é tão crua e direta que muitos leitores acabam o livro sem entender qual era o objetivo de Camus. Mas foi de propósito. O livro faz parte da trilogia do absurdo, série em que o argelino reflete sobre a falta de sentido da vida: *O Estrangeiro* (1942), *O Mito de Sísifo* (1942) e a peça de teatro *Calígula* (1945). Camus foi um dos expoentes do existencialismo, escola filosófica que questiona por que estamos vivos e qual o sentido disso. Sua obra conversa com a do filósofo francês Jean-Paul Sartre, que não via sentido prévio no fato de estarmos aqui. Eles acreditavam que o homem é livre e pode tomar as rédeas de sua vida porque não nasceu com uma missão pré-definida. Em *O Estrangeiro*, Camus, ganhador do Nobel de Literatura em 1957, eleva a tese existencialista à enésima potência, e argumenta por meio da frieza de Meursault que não há sentido bom ou ruim em matar ou não um árabe por causa do sol. Ou se emocionar ou não quando a namorada lhe pede em casamento. Claro que o filósofo não estava propondo que todo mundo saísse por aí atirando nos outros. Mas, nesse vazio existencial, o indivíduo pode dar sentido ao que bem entender. Até ao absurdo.

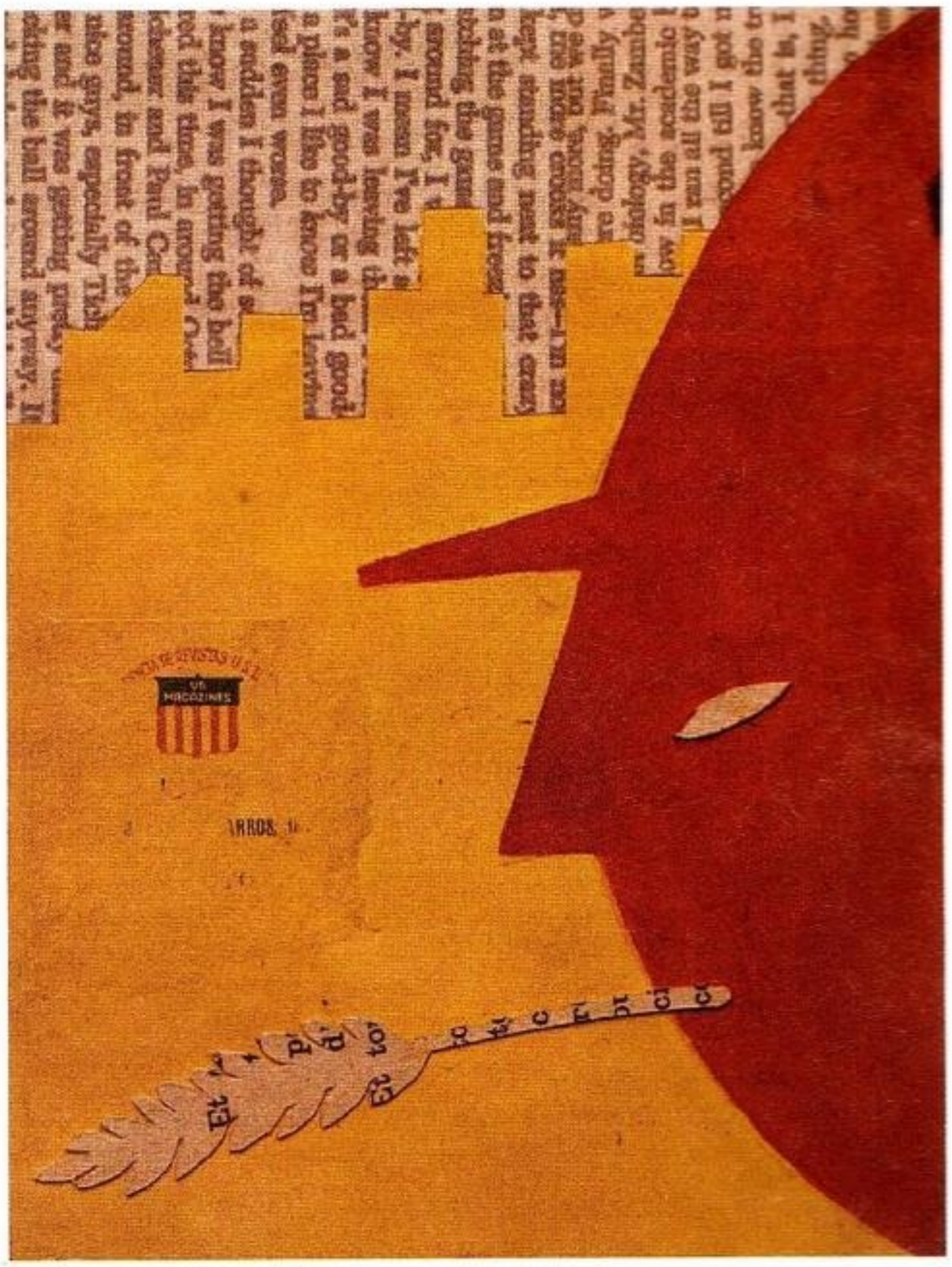
O livro ainda é rico pela mensagem política. O árabe morto da história, que não tem nem nome, representa os países colonizados, que sofrem sem serem lembrados. Além de influente na literatura, Camus foi importante na resistência francesa contra os nazistas. Participou do jornal clandestino *Combat* e colaborou com publicações socialistas. Ele via muitas razões para viver, mas teve uma morte que consideraria absurda: um acidente de carro, em 1960.

Leia mais
**A NÁUSEA**
*Jean-Paul Sartre*
*(1957)*

> À NOITE, MARIE VEIO BUSCAR-ME E PERGUNTOU SE EU QUERIA CASAR-ME COM ELA. DISSE QUE TANTO FAZIA (...). QUIS, ENTÃO, SABER SE EU A AMAVA. (...) EXPLIQUEI QUE ISSO NÃO TINHA IMPORTÂNCIA ALGUMA.

# UM PETER PAN EM TODOS NÓS

**LIVRO** O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO
**AUTOR** J. D. SALINGER **ANO** 1951
**POR QUE LER?** Para relembrar de como é difícil virar – e ser – adulto.



**“TENHO QUE AGARRAR TODO MUNDO QUE VAI CAIR NO ABISMO. (...) IA SER SÓ O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO E TUDO. SEI QUE É MALUQUICE, MAS É A ÚNICA COISA QUE EU QUERIA FAZER.**

HOLDEN CAULFIELD É UM JOVEM CONFUSO E RECLAMÃO DE 16 ANOS, DESILUDIDO COM O MUNDO, QUE NÃO GOSTA DE QUASE NINGUÉM. APÓS RODAR EM TODAS AS MATÉRIAS, EXCETO INGLÊS, É EXPULSO DO INTERNATO ONDE estuda. Antes de voltar para a casa dos pais, decide andar a esmo por Nova York durante 48 horas. Nesse período em que vê uma amiga, se encontra com uma prostituta e bebe até cair no chão, Caulfield vive um pouco do mundo adulto, que passa a detestar. Ele se sente incomodado com a mesmice do cotidiano, a hipocrisia dos mais velhos e a falta de senso crítico das pessoas. Para ele, virar adulto é nojento. Então, encarna uma espécie de Peter Pan riquinho que idealiza a infância.

O sentimento é familiar? Em algum grau, todo adulto já se viu cansado das obrigações que acompanham a emancipação: pagar contas, comprar comida e ter uma atitude hipócrita sobre tudo. Afinal, para sobreviver, precisamos engolir sapos e aceitar uma postura cínica sobre as crueldades do mercado de trabalho e das convenções sociais. Muito diferente da infância, quando podemos ser autênticos e fofos.

*O Apanhador* vendeu 65 milhões de cópias até hoje. Foi o primeiro livro de grande sucesso a retratar a transição da infância para uma vida muito mais chata. “O livro criou a adolescência como a conhecemos hoje”, explica o professor de teoria literária da Unicamp Alcir Pécora. Salinger turbinou os movimentos hippie e beatnik (cujo maior símbolo é *On the Road*, de Jack Kerouac), que contestavam a vida quadradinha da classe média. Caulfield virou um herói para jovens nos anos 50 e 60. A linguagem refletia sua rebeldia, e o estilo informal do texto influenciou gerações (até o chat no feice que vc tem com seus amigos kkk :-D). Salinger foi pioneiro ao mesclar um vocabulário rico com gírias (“excitado pra chuchu”) e palavrões (“que merda!”) – o que, na época, irritou pais e professores.

Ele próprio era um indivíduo pouco ajustado. Após ficar famoso, comprou um sítio em uma cidade dos EUA de menos de mil habitantes e passou o resto da vida como um eremita, sem publicar quase nada e se escondendo da imprensa. Exigiu que a tradução brasileira do título fosse literal, contrariando os tradutores, que cogitaram *A Sentinela no Abismo*. Nunca imaginou que influenciaria até o assassino de John Lennon, que afirmou ter cometido o crime para promover a leitura de *O Apanhador*. Retratou como ninguém o limbo no qual se é velho demais para agir como criança, mas jovem demais para assumir as responsabilidades e as limitações da vida.

Leia mais
**CARTAS NA RUA**
*Charles Bukowski (1957)*

©Carlo Giovani

# A FANTÁSTICA REALIDADE

**LIVRO** CEM ANOS DE SOLIDÃO
**AUTOR** GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ **ANO** 1967
**POR QUE LER?** Para lembrar que a realidade produz eventos absurdos ao nosso redor todos os dias.

> “CHOVEU DURANTE QUATRO ANOS, ONZE MESES E DOIS DIAS. HOUVE ÉPOCAS DE CHUVISCO EM QUE TODO MUNDO PÔS A SUA ROUPA DE DOMINGO E COMPÔS UMA CARA DE CONVALESCENTE PARA FESTEJAR A ESTIAGEM.

PÁGINA A PÁGINA, O EDITOR FRANCISCO PORRÚA INICIAVA UMA ESPÉCIE DE ÊXTASE. CHOVIA NAQUELA NOITE DE BUENOS AIRES, EM ABRIL DE 1967, QUANDO O DIRETOR DA EDITORA Sudamericana começou a ler o manuscrito de *Cem Anos de Solidão*, um romance de um jornalista colombiano pouco conhecido chamado Gabriel García Márquez.

Aos poucos, Paco Porrúa, como o editor era chamado, foi jogando folhas no chão, numa tentativa tresloucada de organizar as ideias e as emoções provocadas pela prosa fantasiosa de García Márquez, gênero que mais tarde seria batizado de realismo fantástico (ou mágico). Quando já não sabia se estava diante de um best-seller ou do trabalho de um maluco, telefonou para o escritor Tomás Eloy Martínez, uma espécie de conselheiro literário, e o convocou para a sua casa. Chegando lá, o amigo encontrou uma cena inusitada: Paco estava de pé, vivendo um surto eufórico, e páginas forravam o chão, espalhadas como se o vento tivesse soprado tudo a esmo. Passaram a madrugada analisando o texto e decidiram que era necessário publicá-lo urgentemente, com uma tiragem maior do que a habitual. A primeira edição se esgotou em semanas.

Nas últimas quatro décadas, o transe de Porrúa se repetiu em inúmeros leitores. *Cem Anos de Solidão* conta o nascimento e morte de uma cidade fictícia chamada Macondo. Nela, seis gerações da família Buendía protagonizam uma sucessão de episódios de guerra, paixão, trabalho e, acima de tudo, causos fantasiosos que parecem tirados de escrituras sagradas, como uma Bíblia alternativa (há um dilúvio que dura quatro anos, por exemplo). São cerca de 60 personagens, um exagero que levou o próprio Márquez a solicitar a inclusão de uma árvore genealógica dos Buendía na edição comemorativa bancada pela Real Academia Espanhola. Na primeira página, o leitor já dá de cara com o absurdo que permeia a história. Diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía se lembra da tarde em que o pai o levou para conhecer o gelo. “O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las havia que apontá-las com o dedo”, escreveu Márquez nas linhas iniciais, numa passagem que se tornou parte de muitas antologias da literatura mundial. Ao colocar o personagem a relembrar um fato remoto diante de soldados com o dedo no gatilho, o autor queria mostrar como muitas vezes temos a tendência de fechar os olhos para os absurdos que nos rodeiam. Afinal, ignorar a presença do batalhão de fuzilamento, da fome, dos ditadores, da corrupção, da exploração econômica, da violência urbana e demais situações extremas é um talento que nos permite tocar a vida adiante nos mais inesperados cenários. Sobretudo na América Latina, uma terra ainda em busca de estabilidade política, econômica e social.

O livro foi concebido durante a ditadura colombiana e foi influenciado por La Violencia, guerra civil que ocorreu no país entre 1948 e 1958. Márquez transportou para Macondo as atrocidades e arbitrariedades dos dois períodos, recheados de acontecimentos que deveriam deixar cidadãos incrédulos (mas que tocam a vida como se tudo fosse cotidiano). “Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e canalhas, todas as criaturas desta indomável

realidade, temos pedido muito pouco da imaginação. Porque nosso problema crucial tem sido a falta de meios concretos para tornar nossas vidas mais reais. Este, meus amigos, é o cerne da nossa solidão", disse o autor de farto bigode no discurso em que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

Nascido na pequena Aracataca, a 50 quilômetros do litoral colombiano, Márquez viveu parte da infância com os avós maternos, que ajudaram a criar os 12 filhos do casal Luisa Márquez e Gabriel García. O autor dizia que a casa dos avós, malconservada, parecia habitada pelos fantasmas das histórias contadas pela avó. Nicolás Márquez Mejía, o avô de Gabriel, era um coronel do Exército aposentado e teve grande influência na formação do garoto. Mais tarde, nos anos 50, quando já havia deixado Aracataca para estudar em Bogotá, o escritor voltou à cidade e ficou impressionado com o silêncio local. Tudo isso influenciou a criação de Macondo, cenário de outras cinco obras de Márquez – o avô inspirou o nascimento do Coronel Buendía, um dos protagonistas do romance. Apesar da identificação da cidade real com o povoado fantástico, a população de Aracataca rejeitou em plebiscito, em 2004, uma proposta para rebatizar a cidade como Aracataca-Macondo.

Calcula-se que a obra já tenha vendido mais de 30 milhões de cópias desde 1967, o que transformou o autor em milionário e ativista político influente – Márquez era um homem de esquerda, amigo de Fidel Castro. Parte do sucesso de público e crítica pode ser atribuído à raiz popular na formação do autor. "Os gênios literários do nosso tempo tendem a ser herméticos, minoritários e opressivos. *Cem Anos de Solidão* é um caso raro de obra literária superior que todos podem entender e desfrutar", escreveu Mario Vargas Llosa no prefácio da edição da Real Academia Espanhola.

Leia mais
**O TEMPO E O VENTO**
*Erico Verissimo (1962)*

©Carlo Giovani

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

**Conselho Editorial:** Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Fábio Colletti Barbosa, José Roberto Guzzo

**Presidente Abril Mídia:** Fábio Colletti Barbosa

**Presidente Editora Abril:** Alexandre Caldini

**Diretor-Superintendente de Assinaturas:** Dimas Mietto
**Diretor de Marketing Corporativo:** Ricardo Packness
**Diretora de Mobilidade:** Sandra Carvalho
**Diretora de Publicidade Corporativa:** Ivanilda Gadioli
**Diretor de Apoio Editorial:** Edward Pimenta

**Diretora-Superintendente:** Dulce Pickersgill

SUPER INTERESSANTE

**Diretor de Redação:** Denis Russo Burgierman
**Diretor de Arte:** Fabrício Miranda **Redator-chefe:** Alexandre Versignassi
**Editores:** Bruno Garattoni, Felipe van Deursen, Karin Hueck **Editor de Arte:** Jorge Oliveira
**Designers:** Flávio Pessoa, Inara Negrão e Paula Bustamante **Repórter:** Camila Almeida

SUPER INTERESSANTE
DOSSIÊ

**Redator-chefe:** Alexandre Versignassi
**Editor de Arte:** Jorge Oliveira
**Colaboraram nesta edição:** Fronteira - agência de jornalismo (edição), Alexandre de Santi, Andreas Müller, André Schröder, Carla Ruas, Cauê Fonseca, Igor Natusch, Marcel Hartmann, Priscila Daniel, Ricardo Lacerda, Robson Pandolfi e Sílvia Lisboa (textos), Caju Design (projeto e direção de arte), Dulla (capa), Carlo Giovani (ilustrações), Alexandre Carvalho dos Santos (revisão) e Anderson C. S. de Faria (produção gráfica)

Esta publicação foi impressa com as fontes Minion Pro, Scala Sans e Trim

**OS TRINTA LIVROS MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA**
**ISBN 978-85-7971-721-5**

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Os trinta livros mais importantes da história não admite publicidade redacional.

IMPRESSO NA GRÁFICA ABRIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E23d Editora Abril

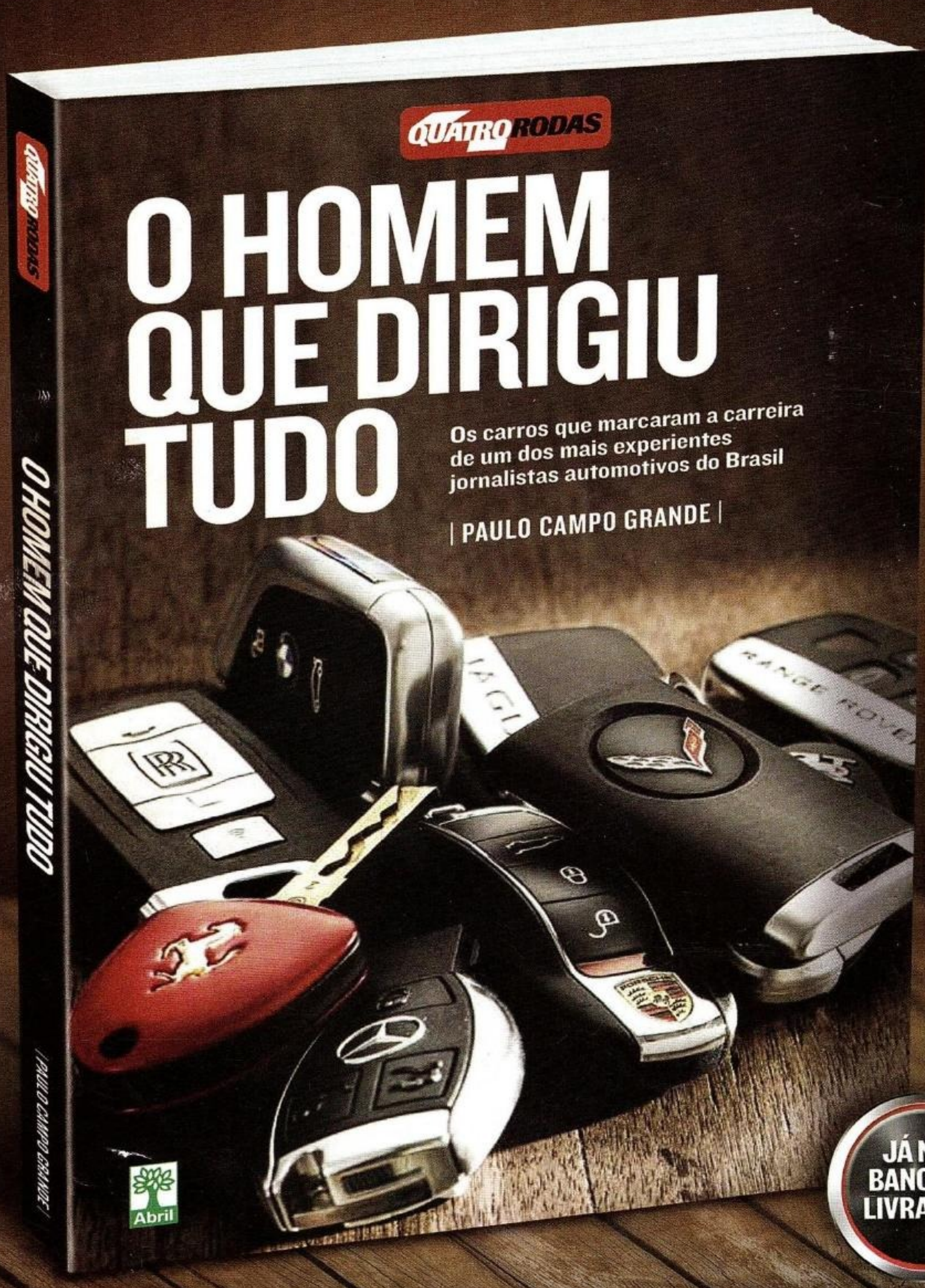
Dossiê super: os trinta livros mais importantes da história.
/ Editora Abril. – São Paulo, 2015.
68 p. : il. ; 27 cm.

Especial Dossiê Super Interessante,
ISBN 978-85-7971-721-5 ; ed. 344-A

1. Literatura. 2. Literatura mundial. 3. Livros históricos.
I. Título. II. Série.

CDD 800.097

# AS HISTÓRIAS DE UM DOS MAIS EXPERIENTES JORNALISTAS AUTOMOTIVOS DO BRASIL




JÁ NAS BANCAS E LIVRARIAS

QUATRO RODAS 55 ANOS

Abril

ESTÚDIO266